

LUDIMAR PAULO PEREIRA

**DA ESCOLA DA CAPOEIRA PARA O JOGO DA VIDA: OS SABERES E OS
PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS POR SEUS PRATICANTES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de Viçosa como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Educação, para a
obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P436d
2018
Pereira, Ludimar Paulo, 1981-
Da escola da capoeira para o jogo da vida : os saberes e os
processos educativos vivenciados por seus praticantes / Ludimar
Paulo Pereira. – Viçosa, MG, 2018.
ix, 109 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia de Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 96-99.

1. Capoeira - Estudo e ensino. 2. Capoeira - Aspectos
sociais. 3. Educação. 4. Psicologia educacional. 5. Dança na
educação. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. II. Título.

CDD 22. ed.796.81

LUDIMAR PAULO PEREIRA

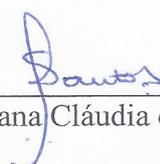
**DA ESCOLA DA CAPOEIRA PARA O JOGO DA VIDA: OS SABERES E OS
PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS POR SEUS PRATICANTES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 11 de junho de 2018.



Sandra Kretli da Silva



Silvana Cláudia dos Santos



Heloísa Raimunda Herneck



Rita de Cássia de Souza
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os praticantes de Capoeira espalhados pelo mundo que (re)inventam diariamente esta prática. Às minhas filhas Emanuele e Carmen por apenas existir e me ensinarem o verdadeiro amor e aos meus pais Luiz Paulo Pereira e Maria Aparecida de Paula Pereira por sempre estarem ao meu lado em todas as minhas decisões e ações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao poder dos encontros e das relações que me produziram neste processo, pois viver a vida é engendrar experiências que ultrapassam os limites acadêmicos, afetando minhas maneiras de ser e estar com o mundo.

Aos praticantes, amigos e alunos das Capoeiras por onde transitei nestes 24 anos de prática cotidiana, pois nestes cotidianos pude observar as relações, as dinâmicas e os modos dos grupos (inclusive o meu) pesquisados.

Neste sentido, agradeço ao meu Mestre Quebrinha, Lúcio Flávio Campos Torres, responsável por parte da minha formação com a Capoeira e que sempre me deu força para seguir em frente mesmo depois de levantar voo para Viçosa me incentivando a sempre lutar e a criar o meu grupo.

Aos integrantes do grupo de estudos “Cotidianos em Devir”, que nos encontros semanais me atravessavam com novas ideias que me enchiam de alegrias, ânimo e expectativas que elevavam minha potência de existir e de agir diante da vida. Além disto, gostaria de agradecer aos teóricos com quem dialoguei neste trabalho, e que me fizeram refletir a respeito dos meus caminhos e da importância a respeito do estudo de outros processos educativos e outros de modos de pensar a formação pessoal.

A todos (as) Professores (as) do curso de Mestrado do Departamento de Educação e do programa de Pós-graduação em Educação, que contribuíram para a minha formação acadêmica, e em especial minha Professora orientadora Rita de Cássia de Souza por me acolher mesmo sendo distante do universo das Capoeiras, pela paciência na correção dos “muitos textos” e por sempre problematizar com seu olhar “de fora” a respeito da importância da relevância das discussões e da realização de um trabalho acadêmico que seja de fácil compreensão daqueles que não pertencem à prática ou ao universo teórico.

Ao meu Professor coorientador Eduardo Simonini Lopes, que sempre admirei como mestre e mentor, fonte de muitas inspirações e que de fato me provocou a mergulhar nas contradições das Capoeiras convidando a caminhar por diferentes pensamentos teóricos. Sou grato pelas conversas, pelo acolhimento como coorientador na parte final deste trabalho, pelo apoio e suporte que muitas vezes excedeu as fronteiras acadêmicas na extensão da própria vida cotidiana.

Aos colegas do Mestrado da turma de 2016, e em especial as amigas Ludmilla Araújo e Gabriela Rodrigues que desde a época do grupo de estudos tornavam as aulas, as discussões,

as viagens e o cotidiano acadêmico mais suave, alegre e divertido compartilhando sonhos, desejos e experiências.

Ao meu pai Luiz Paulo Pereira que sempre me incentivou nos estudos, mesmo não tendo completado os estudos, além de ter me apoiado nas decisões mais difíceis e inusitadas como a mudança para Viçosa.

A minha mãe Maria Aparecida que sempre lutou e trabalhou pelos filhos seguindo seus caminhos, e que atualmente se revezava entre as idas e vindas de São Paulo a Viçosa para me ajudar nas responsabilidades com minhas filhas neste processo final da escrita.

A dona Maria Terezinha Simonini Lopes, que acreditou no início da minha chegada a Viçosa, no meu caráter e nos sonhos que sempre compartilhei, me apoiando e me incentivando como uma mãe diante das dificuldades cotidianas como as três reprovações consecutivas nos processos seletivos do Mestrado.

A minha esposa Mariana por me ensinar diariamente o perdão e estar sempre ao meu lado nas alegrias, nas tristezas tanto dentro quanto fora das rodas, e por dividir as responsabilidades com a nossa família se produzindo múltipla como mulher, mãe, esposa, capoeirista e trabalhadora.

As minhas duas filhas Emanuele e Carmen por me ensinarem todos os dias o conhecimento do verdadeiro “amor” como Pai, e a não fraquejar diante das lutas do dia a dia, além de encherem minha vida de alegrias e desejos elevando minha potência de existir e de agir na arte de viver.

Ao apoio da Capes por possibilitar financeiramente o trabalho desta pesquisa e de muitas outras.

Por fim, agradeço à Capoeira e a Deus que não menos importante sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT.....	ix
1 IÊ: A RODA VAI COMEÇAR.....	1
2 AS CAPOEIRAS, O COTIDIANO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.....	12
2.1 As Capoeiras urbanas, Mestre Bimba e sua escola da Capoeira Regional.....	18
2.2 Mestre Pastinha e o Centro Esportivo de Capoeira Angola	30
2.3 Capoeira Regional e Angola: aproximações e distanciamentos.....	36
2.4 As múltiplas Capoeiras no Brasil.....	37
2.5 As Capoeiras Contemporâneas.....	39
2.6 As Capoeiras e seus saberes em diálogos com a Educação.....	41
2.7 Currículos praticados e as Capoeiras	43
3 CAMINHOS COTIDIANOS	47
4 AS CAPOEIRAS DE UMA CIDADE, SEUS PRATICANTES E A PRODUÇÃO DE REALIDADES	53
4.1 O grupo A e “uma Capoeira de São Paulo”	53
4.1.1 Porcelana e sua “Capoeira sensível”	55
4.1.2 Sabiá, seu canto e a “família Capoeira”	61
4.2 O grupo B e a “Capoeira nativa”	63
4.2.1 A Estrangeira e as “Capoeiras femininas”	68
4.3 O grupo C e a “Capoeira da Casa da Angola”	80
4.3.1 Cachaça e sua “luta com as Capoeiras”.....	82
ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM.....	91
REFERENCIAIS	96
APÊNDICE A- Termo de consentimento Livre e Esclarecido.....	100
APÊNDICE B- Roteiro de entrevista	103
ANEXO A- Parecer do CEP	104
ANEXO B– Autorização para a pesquisa na academia de lutas.....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASAV – Associação dos Servidores Administrativos da UFV

CECA – Centro Esportivo de Capoeira Angola

CEP – Curso de Especialização de Professores

CT - Centro de Treinamento

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MMA – Mixed Martial Arts

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNITAU – Universidade de Taubaté

UNESP- Universidade do Estado de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Projeto "Mães da Capoeira" no jornal Folha da Mata.	9
Figura 2- Projeto "Mais Cultura nas Escolas" no jornal Folha da Mata do dia 14 de agosto de 2014..	10
Figura 3- Mestre Bimba e Getúlio Vargas em Salvador no ano de 1953.....	16
Figura 4- Mestre Bimba.	21
Figura 5- Cocorinha.	25
Figura 6- Queda de rins.	25
Figura 7- Ponte.	25
Figura 8- Mestre Pastinha.	31
Figura 9- Berimbaus: gunga, médio e viola.	33
Figura 10- Berimbau, atabaque, pandeiro, agogó e reco reco.....	33
Figura 11-Poema escrito e entregue por Porcelana no dia 15/10/2017 na entrevista.....	61
Figura 12- Evento realizado pelos grupos A e B em conjunto em 2011.....	64
Figura 13- Camisa rosa do evento feminino que gerou a polêmica entre alguns praticantes.....	74
Figura 14- Divulgação do evento feminino pelo jornal Folha da Mata	75
Figura 15- Matéria realizada pelo jornal Folha da Mata após a realização do evento	76
Figura 16- Cartaz do 1º evento feminino em 2012	77
Figura 17- Roda na praça do 2º evento feminino em 2013	78
Figura 18- Cartaz do 2º evento feminino "Ginga Mulher" em 2013.....	79
Figura 19- Grupo C realizando uma roda na "Casa da Angola"	82
Figura 20- Roda que conectou os 3 grupos (A, B e C) de Capoeira pesquisados.	92
Figura 21: Mapa das redes.	95

RESUMO

PEREIRA, Ludimar Paulo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2018. **Da escola da capoeira para o jogo da vida: os saberes e os processos educativos vivenciados por seus praticantes.** Orientadora: Rita de Cássia de Souza. Coorientador: Eduardo Simonini Lopes.

A presente pesquisa investigou os processos educativos e a produção de saberes das inventivas redes de 3 grupos de Capoeira da cidade de Viçosa/ MG, partindo-se da premissa de que estas redes são produtoras de conhecimentos e currículos não institucionalizados. O maior ensejo desta pesquisa foi seguir as relações cotidianas que em meio aos regulamentos, às normas e às regras dos grupos, entrelaçavam outros mundos e outras formas de viver. Assim, a partir de reflexões embasadas na minha relação de mais de 20 anos com as Capoeiras como praticante/professor/pesquisador em diálogo com a teoria dos afetos de Spinoza, buscou-se uma análise da construção do grupo A da “academia Ginga Brasil” seguindo os diferentes modos de subjetivação dos praticantes capoeiristas que atravessaram o grupo. Por conseguinte, acompanhamos os fios desejantes com os quais os praticantes deste grupo se enredavam, sendo assim, tais redes nos indicaram a existência de vidas constituídas na pluralidade de universos que não se restringiam apenas ao aprendizado da Capoeira. Ainda seguindo a história e o contato deste grupo com outros processos grupais encontramos as dinâmicas que fabricavam ramificações que estabeleceram conexões e conflitos construídos nas relações com outros 2 grupos (B e C) da cidade e seus praticantes. Diante disto, ao acompanhar as conexões e as dinâmicas destes grupos “invisibilizados”, fomos levados às redes de relações dos grupos que fomentavam diversos conhecimentos que participavam da construção das subjetividades e dos modos como os praticantes “consumiam” e “usavam” as Capoeiras, afetando e engendrando também suas formas de viver.

ABSTRACT

PEREIRA, Ludimar Paulo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2018. **From capoeira school to the game of life: the knowledge and the educational processes experienced by its participants.** Advisor: Rita de Cássia de Souza. Co-advisor: Eduardo Simonini Lopes.

The present research investigated the education processes and the knowledge production from the inventive networks of 3 groups of “Capoeira” in the municipality of Viçosa, state of Minas Gerais, Brazil, assuming that these networks are producers of knowledge and non-institutionalized curricula. The biggest intention of this research was to follow the daily relationships which through rules, regulations and group rules, interlaced other worlds and other ways to live. Thus, from the reflections based on my relationship with “Capoeira” for more than 20 years, not only as a practitioner but also as a teacher/instructor and researcher in a dialogue with the Spinoza Theory of Affects, we pursued a construction analysis of the group A from “academia Ginga Brasil” following the different ways of subjectivation of the practitioners of “capoeira” that crossed the group. Consequently, we followed the desirous threads with which the practitioners from this group entangled with. Thus, such networks indicated the existence of lives built on the diversity of universes that did not limit themselves only to the learning of “Capoeira”. Still following the history and the contact of this group with other group processes we found the dynamics that built ramifications which established connections and conflicts built in the relationships with 2 other groups (B and C) in the city and their practitioners. In the face of such situation, by monitoring the connections and dynamics of those groups seen as “invisibles”, we were taken to the networks of relationships from the groups that fomented a lot of knowledge and participated in the construction of subjectivities and ways which the practitioners “consumed” and “used” “Capoeira”, not only affecting but also engendering their ways to live.

1 IÊ: A RODA VAI COMEÇAR

Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa.

(SPINOZA, 2009, p. 51)

Benedictus de Spinoza ou Baruch Espinosa¹ nasceu em 1632, em Amsterdã, na Holanda, dentro de um bairro judeu no seio de uma família de comerciantes de origem espanhola ou portuguesa. De família próspera, Spinoza realizou sua formação teológica e comercial na escola judia. Trabalhando desde 13 anos de idade, aos 22 anos assumiu os negócios da família com a morte do pai, e aos 24 anos rompeu com esta formação judaica porque começou a questionar os dogmas desta comunidade deixando os negócios da família apenas com seu irmão para virar polidor de lentes e filósofo, assumindo, assim, sua cultura filosófica (DELEUZE, 2002; LARRAURI, 2009).

Para Spinoza (2009), os homens são partes da natureza de Deus e constituídos de um corpo composto por partes e por outros corpos simples desde as partículas, como também de uma mente que produz ideias e modos de pensamento relacionado ao próprio corpo. A ideia de corpo que iremos acompanhar, refletir e discutir neste capítulo se conecta com uma questão chave da maior obra deste autor, a *Ética*, que problematiza “a capacidade de um corpo”. Para Larrauri (2009), o impulso vital da nossa potência – chamado *conatus*, é perseverar na existência e crescer, que dizer, conservar e aumentar as capacidades de ação do corpo.

Este filósofo diz, na parte II da sua obra *Ética*, a respeito do dualismo entre corpo e mente, não estabelecendo uma hierarquia de um sobre outro, pois corpo e mente são distintos e separados (LARRAURI, 2009), mas fazem parte de uma mesma unidade.

Para Spinoza, a mente não é corpórea, mas está unida ao corpo, sendo aquela produtora da ideia do corpo, pois ela é a primeira a conhecer algo ligado às modificações produzidas corporalmente.

Por sua vez, para Spinoza, não há um corpo isolado que não sofra modificações com relação a outros corpos, existindo um encadeamento infinito dos corpos que se

¹Nome utilizado por Gilles Deleuze em 2002 no seu livro sobre o filósofo. Spinoza opta em trocar de nome após ter sido excomungado, e diante disto, optaremos em utilizar o nome usado no livro da *Ética* escrito entre os anos de 1661-1675 traduzido por Tomáz Tadeu em 2009.

afetam a todo momento. A esta modificação que um corpo sofre em relação com outros corpos e com o mundo, Spinoza (2009) definirá como afecção.

Os afetos são efeitos das afecções entre os corpos. O encontro entre os corpos pode ser considerado “bom”, quando aumenta a nossa potência de existir, ou “mau” quando diminui.

Esta potência de agir ou força de existir sofre variações de acordo com os afetos produzidos, podendo ser constringida e diminuída pelas tristezas ou favorecida e aumentada com as alegrias produzidas nos encontros com outros corpos. Portanto, os afetos produzidos nos encontros variam continuamente a potência de agir. Para Spinoza (2009), a “alegria” é um afeto primário importante derivado do desejo onde a nossa potência de agir e existir é aumentada. Contudo, o afeto tristeza é acompanhado da ideia de uma causa exterior que diminui a potência de agir. Portanto, aqui o esforço para perseverar será resumido na ação em destruir aquilo que diminui a potência de agir.

Assim, devido ao esforço da natureza dos corpos em perseverar em si mesmos, os desejos não são estáticos, ora sendo favorecidos, ora sendo constringidos variando através das afecções. Como exemplo, um encontro com um som ou barulho, com outra pessoa, objeto ou animal, com um cheiro, um visual ou um gosto acarreta modificações e afecções nos corpos que compõem ou decompõem nossa potência de agir.

Diante disto, se o contato do meu corpo com outro corpo me produz tristeza como um afeto, este contato é definido como um “mal encontro”, e inversamente, se o contato com o outro corpo me produz alegria, este contato é considerado um “bom encontro”. Portanto, nesta pesquisa, é impossível não imaginar, pensar, refletir e discutir as relações dos corpos e do meu corpo com as Capoeiras depois de vários anos praticando diariamente. Spinoza (2009) ainda complementa na sua proposição 51 da parte III do livro *Ética* dizendo que: “os homens diferentes podem ser afetados diferentemente por um só mesmo objeto, e um só mesmo homem pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só mesmo objeto” (p. 131). Ou seja, as Capoeiras, através dos seus modos e nas suas singularidades, podem afetar os sujeitos diversos de diferentes formas, e em diferentes momentos.

Os encontros das rodas de Capoeira, por exemplo, representa um modo próprio da prática com diferentes maneiras de afetar e ser afetado (pela visão, pelo som, pelo tato) por múltiplos praticantes (observadores, tocadores, jogadores) em diferentes momentos.

Os efeitos nomeados por Spinoza de afetos são variados e produzidos de diferentes maneiras, o que evolui sempre a natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo que afeta que aqui será representada pelas Capoeiras.

Nesta primeira etapa deste trabalho, busco indicar algumas modificações do meu corpo que foram produzidas com as Capoeiras durante a minha trajetória, buscando seguir como tais modificações foram produzidas acompanhadas dos afetos primários “da alegria e da tristeza”. Portanto, quais afecções, conhecimentos e afetos foram fabricados entre meu corpo e os outros corpos das Capoeiras vividas? Entendo por “Capoeiras” as múltiplas realidades e os diversos modos de vida produzidos com esta prática nas composições dos corpos, produzidas com outros corpos, pois a prática, seus praticantes e o mundo se encontram numa relação de constante movimento e transformação.

Primeiro, devo esclarecer que utilizarei a primeira pessoa do singular na escrita deste trabalho por entender que o “eu” se encontra engendrado na multiplicidade das relações com outros corpos e mundos. Portanto, levarei em consideração os múltiplos modos e os processos que estiveram conectados à minha formação durante esta jornada com as Capoeiras, além dos afetos que produziram conhecimentos singulares através dos anos de prática.

Lembro, que o meu primeiro encontro com as Capoeiras, aos oito de idade, me causou uma enorme excitação apenas em observar os movimentos que um amigo de meu irmão mais velho realizava no quintal da minha antiga casa. Portanto, observar este amigo de meu irmão me produziu uma alegria e um desejo em praticar aqueles gestos, aumentando minha potência de agir.

Posteriormente, com a repetição da prática, meu corpo foi se compondo em várias outras alegrias, sustentadas pela excitação causada pelo aprendizado de alguns movimentos complexos e pelo contato com os instrumentos, os sons, os cheiros e as sensações como a dos pés descalços e das múltiplas modificações e afecções sofridas.

No início, meus pais não me incentivavam a participar desta Capoeira diretamente, mas meu pai pagava as mensalidades das aulas e me assistia em todos os batizados e trocas de graduação, e isso me deixava contente porque demonstrava certo tipo apoio e admiração. Minha mãe achava perda de tempo e também não gostava que eu faltasse às aulas da escola para treinar, mas respeitava minha dedicação e esforço em aprender a Capoeira.

Meu primeiro local de treino foi no Clube Comercial de Lorena, cidade do interior de São Paulo, onde fui sócio por 5 anos. O professor, apelidado de Tatu, tinha uma turma grande, composta na sua maioria por jovens e adultos, na sua maioria homens brancos de classe média sócios do clube. Com 13 anos, eu era o aluno mais novo daquele “grupo” denominado Cordão de Ouro.

Naquele grupo havia algumas regras que eram exigidas pelo professor², como o uso do uniforme branco em todas as aulas e o respeito ao horário do início dos treinamentos, não permitindo mais de um atraso por mês. Nosso professor, também cursava Educação Física e suas aulas eram compostas por muitos exercícios de alongamento e de força com objetivo da melhoria destas capacidades físicas necessárias para o aprendizado dos gestos e movimentos da Capoeira, mas que possuem sua origem nos métodos ginásticos europeus³ incorporados à Educação Física.

Considerada, a princípio, tanto por mim, quanto pela minha família como um esporte e um lazer, essa Capoeira foi se transformando, proporcionando algumas modificações no meu corpo com relação algumas de suas partes (ossos, ouvido, olhos, músculos e articulações), pois, no início, como eu possuía um corpo franzino e com pouca flexibilidade, com o tempo e aos poucos, minhas ações foram se modificando junto com este corpo. Igualmente, foi através dos instrumentos e da música na Capoeira, que aprendi a me relacionar com o som e com os ritmos velozes e lentos que ora aumentavam, ora diminuía minha potência de agir expressadas nas formas de me movimentar com os outros corpos praticantes, produzindo encontros pautados na imprevisibilidade do jogo/luta, fabricando momentos de astúcias e criação, de confronto, de alegrias e de tristezas como a própria vida.

Nesta Capoeira diária, praticada dos 8 aos 20 anos de idade, fui me (trans) formando juntamente com outras dimensões como à formação escolar obrigatória, que durante muito tempo esteve conectada aos modelos e ao currículo de uma escola católica e particular de minha cidade onde terminei o Ensino Fundamental, e ao

² Na hierarquia deste grupo, acima do Professor existe a figura do Mestre que possui mais autonomia e autoridade construída pelo tempo de/na vivência de muitos anos, mas principalmente pelo reconhecimento social e do universo das capoeiras no trabalho de disseminação e divulgação da prática.

³ Estes métodos de ginástica ocorreram no século XIX abrangendo estilos de trabalhos com a ginástica na escola, de origem sueca, francesa, alemã e etc, que foram aprimorados cientificamente para a disciplina corporal com intuito de fortalecer, embelezar, corrigir e tornar saudáveis os corpos da população europeia. Fonte: Brasil escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/movimento-ginastico-europeu.htm>>. Acesso em: 04/05/2018.

currículo de uma escola pública estadual onde efetuei o término do Ensino Médio no Estado de São Paulo.

Contudo, quando adolescente, fui vítima de dois garotos que me roubaram dinheiro encostando um canivete em minha barriga e me agrediram com chutes e socos. Isso me produziu uma enorme frustração, e acabou modificando minha relação com a prática, pois já treinava Capoeira há algum tempo e não consegui reagir. A partir daí, decidi estreitar os laços com o lado marcial daquela Capoeira para me defender, já que ela se misturava comigo cotidianamente de várias outras maneiras.

O medo, que diminuía minha potência ao imaginar o um novo encontro com os agressores, foi sendo substituído pelo desejo de vingança que foi favorecido com o passar dos treinamentos, sendo que esta mudança de comportamento também modificou a minha forma de jogar e encarar outros praticantes nas rodas de Capoeira.

Então, diante do amor pela prática, resolvi multiplicar as alegrias escolhendo o curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade de Taubaté (UNITAU) como uma das opções de curso superior. Além desta escolha, havia optado também em prestar o exame vestibular no ano de 2001 para os cursos de Veterinária na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e o curso de Biologia da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) na Cidade de Bauru-SP.

No ano de 2002, após ter me mudado para a cidade de Taubaté-SP, eu já havia escolhido cursar o ensino superior em licenciatura em Educação Física, movido principalmente pela oportunidade de continuar os treinos com a Capoeira. Muitos acontecimentos e desejos auxiliaram nesta escolha do curso de Educação Física, sendo algumas delas importantes como a aprovação em 1º lugar no exame vestibular da Universidade de Taubaté (UNITAU) com o ganho de bolsa, além da possibilidade do aperfeiçoamento profissional no desejo em trabalhar como professor de Capoeira para continuar minha formação específica na Academia Ginga Brasil do grupo Cordão de Ouro.

Minha aproximação na Academia Ginga Brasil aconteceu através de um amigo chamado Marcos (nome fictício), que havia iniciado na prática comigo em Lorena- SP, mas encontrava-se residindo na cidade de Taubaté-SP e treinando na Ginga Brasil. Ele me apresentou o Pinga-fogo e o Zangado (apelidos de Capoeira), respectivos sobrinho e aluno de Mestre Quebrinha, fundador do grupo. Entretanto, a relação com os outros integrantes não foi muito feliz e simples como eu pensava no início, porque o caráter marcial daquela Capoeira, me produziu, por várias vezes, numa relação de confronto e

combate com os outros praticantes, diminuindo minha potência, através da fabricação de dores físicas e sentimentos de tristeza, ódio ou vingança.

Essa relação cotidiana com alguns praticantes durante algum tempo despotencializou o meu corpo por meio dos afetos de tristeza. Isso porque, naquela academia, a hierarquia, a disciplina nos treinos e o cumprimento das regras do regulamento interno se fabricavam muito rígidos no dia a dia, sendo que passei o primeiro ano literalmente treinando com os cavaletes e com a parede, ou apanhando nas rodas dos novos colegas de prática. Às vezes treinava com a colaboração do “Cotonete” (apelido), que trabalhava na secretaria da academia do Mestre e também era capoeirista, ou do “Tanque” (apelido), que vinha da cidade de São Luiz do Paraitinga- SP e como eu, também era visto como “intruso” naquele grupo por vir de outra cidade e escola de Capoeira.

Naquele período me sentia um estranho “fora do ninho” e muito inferior tecnicamente perante os alunos mais antigos do Mestre Quebrinha. E, após o primeiro ano e, pensando em desistir, em uma das reuniões mensais com os graduados, o Mestre se dirigiu a mim dizendo: “agora você está dentro do grupo, se comportou, se dedicou aos treinos, participou das rodas, está dentro”. E lembro que disse ao Mestre que “ninguém chega na casa de alguém pela primeira vez abrindo a geladeira”, todos riram e a partir deste dia, o comportamento do Mestre e de alguns colegas começou a se modificar e a se compor de forma mais alegre, pois os confrontos diminuíram e os encontros fora dos treinos e os diálogos com os parceiros de treino aumentavam aos poucos.

Os jogos de Capoeira são modos que se produzem como o próprio jogo da vida, nos encontros de múltiplos corpos que se modificam através das afecções visuais, sonoras, olfativas e táteis fabricando sentimentos e afetos que provocam a oscilação da nossa potência de agir e do nosso esforço. Portanto, entendemos o momento do jogo como o encontro e a (de) composição de muitos corpos, através de várias afecções simultâneas como o corpo sonoro, tátil, visual, que produzem as variações na potência de agir dos seus praticantes.

As rodas de Capoeira nas ruas, nas academias, nos terreiros e nas apresentações, se produziram como espaços/tempos abertos para trânsito das múltiplas potências dos corpos que compunham aqueles momentos, como acontece com a própria vida engendrando diversas formas de viver. Nas rodas, a relação da orquestra com o coro, com os dois jogadores no jogo, ou entre os jogadores, dos jogadores com o coro, sem

nos esquecermos dos expectadores que se fabricam como corpos externos a roda, e que na própria existência já sofrem e produzem modificações imprevisíveis e que não podemos controlar como a roda da vida cotidiana.

Além das experiências singulares e destes afetamentos, participar desta Capoeira em Taubaté auxiliou a compor também a minha identidade dentro deste universo, já que foi lá que recebi o apelido de “Veizada”, pois a “ansiedade” e o “jogo afobado” faziam com que meu jeito de ser e fazer fossem tudo de uma “Veizada”. Os apelidos são fortes marcas de identificação e de processos que os individualizam e lembro-me do dia em que recebi este apelido, pois foi numa apresentação voltada para as crianças da academia do Mestre Quebrinha relacionada à história da Capoeira e, especificamente, ao Quilombo dos Palmares.

Nesta apresentação, afirmei que Domingos Jorge Velho, bandeirante responsável pela destruição do quilombo, acabou com seus habitantes e com Zumbi de uma “Veizada” só. E, após algumas risadas de pais, alunos e professores, recebi o apelido que até hoje me acompanha nas rodas de Capoeira. Por algum tempo, não gostei deste apelido e essa tristeza diminuía minha potência de agir, sendo que depois de algum tempo, fui compreender que “Veizada” não correspondia apenas a este episódio e aos acontecimentos nas rodas, mas também a maneira como meu corpo afetava outros corpos através do meu estilo de jogar Capoeira e do meu modo de ser “ansioso”, o que me fez repensar a minha forma de ser e agir não só nas rodas, mas no dia a dia, além da tentativa em me compor com este apelido de alguma forma com alegria e contentamento.

Assim, dia após dia, naquela escola de Capoeira (onde treinava três vezes por semana), fui deixando de “apanhar” nas rodas e inventando novas maneiras de jogar e me compor com outros corpos conquistando meu espaço, meu apelido, e, ao mesmo tempo, me enquadrando no grupo, conquistando o respeito e até mesmo admiração e reconhecimento de colegas de treino, Mestres e Professores.

Pelo caminho acadêmico, no ano de 2005 me formei no curso de Educação Física na UNITAU, sendo aprovado com alguns colegas da minha classe, no concurso para Professor Efetivo da rede Pública do Estado de São Paulo. Naquela época, a rede de relações que construí na Capoeira se mostrava cada vez maior, solidária, mas composta por disputas de força por espaço em Taubaté. Então, imaginei começar uma nova Capoeira em outra cidade, especificamente em São José dos Campos- SP.

Assim, no ano de 2006, iniciei a minha jornada como Professor de Educação Física da Rede Pública de São Paulo, na cidade de São José dos Campos, momento caracterizado mais por “maus encontros” com o sistema de ensino e seus representantes, do que por alegrias, onde também foi o momento da minha primeira experiência com a Prática da Capoeira no currículo escolar através da Educação Física.

No entanto, meu corpo se compunha de uma outra maneira com a Capoeira na escola e com os praticantes daquele espaço na produção de afecções e afetos. Em São José dos Campos, também iniciei um trabalho com a Capoeira em um salão de um condomínio fechado com uma turma de 15 pessoas entre pais, mães e filhos.

Em 2008, fui convidado novamente pelo Mestre Quebrinha, juntamente com outros dois colegas, a compor a 2ª turma do Curso de Especialização de Professores (CEP), voltado para a formação de Professor Específico em Capoeira. Aquele momento foi um dos mais esperados e desejados de toda minha formação com a Capoeira. No meu entendimento, aquilo representava o reconhecimento de toda a minha dedicação, esforço para com o trabalho com a Capoeira, pelo meu Mestre e pela comunidade Capoeirística. Posso imaginar que isso produziu em mim um esboço do que Spinoza (2009) chama de “satisfação consigo mesmo”, que consiste em uma alegria porque o homem considera a si próprio a sua potência de agir.

Foi no processo de formar outras pessoas com a Capoeira que, no ano de 2010, realizamos uma viagem para a cidade de Viçosa- MG a convite de um amigo professor de Capoeira. Em Viçosa, o encontro com Rapunzel (apelido) foi tão potente e as alegrias foram tantas e sucessivas que desejei me mudar para Viçosa e construir uma nova relação com aquela mulher e com a prática da Capoeira. A partir daquele passo, nasceu o grupo A, da academia Ginga Brasil Viçosa, construída por novatos e ex-integrantes de outros grupos de Viçosa.

Após esta mudança, vieram os trabalhos e os eventos em algumas escolas públicas e particulares, além da ligação com associações através de editais e projetos sociais⁴, (figuras 1 e 2). Assim, os tentáculos do grupo na cidade foram se construindo voltados para os variados tipos de praticantes (crianças, jovens, adultos e idosos), o que me levou a observar, a refletir e a imaginar o potencial de transformação destas

⁴ No ano de 2011 iniciamos o projeto “Capoerê” em parceria com a Associação dos Servidos Administrativos da UFV, voltado para as crianças da comunidade do Bairro Bela Vista em Viçosa-MG; em 2012 emergiu o projeto “Mães da capoeira” realizado com as mulheres da comunidade do bairro Bela Vista de Viçosa-MG. No ano de 2014, as aulas de Capoeira aconteceram na escola Estadual Raul de Leoni na cidade de Viçosa – MG, através do projeto Federal “Mais Cultura nas Escolas”.

Capoeiras como práticas ativadas em diversas afecções que podiam produzir múltiplos afetos, vários conhecimentos e diversas formas de existir.

Projeto Mães da Capoeira faz um ano



Este mês, o projeto Mães da Capoeira completa um ano. Liderado pelo educador físico Ludimar Pereira, mais conhecido como Veizada, o projeto social surgiu a partir de uma proposta das mães dos capoeiristas mirins que também queriam praticar a atividade.

Proposta aceita, a capoeira foi adaptada para o perfil dessas mulheres. O grupo é composto não apenas por mães como também por avós e filhas. Veizada, entretanto, deixa claro que embora o público seja 100% feminino e o projeto tenha um nome em homenagem a essas mulheres, a ideia é que seja aberto aos homens também.

Nos últimos meses, além dos fundamentos da capoeira, tem sido desenvolvido com o grupo um trabalho de

educação física com exercícios de alongamento e de fortalecimento muscular. O professor explica que a capoeira mexe não apenas com o corpo das capoeiristas, como também com o sentimento e a autoestima. "A aula das mães tem inúmeras possibilidades. Este ano, eu pretendo trabalhar mais a questão do ritmo e a parte instrumental, também. Mas, além dos fundamentos históricos e de movimentos da capoeira, nós também temos um espaço aberto para o diálogo. Aqui nós conversamos sobre assuntos como machismo, violência contra a mulher, política, etc.", conta Veizada.

Antes de entrar para o grupo, Natividade Cardoso só conhecia a capoeira pela televisão. Por sugestão de uma vizinha, entrou para o projeto e mudou a sua vida para melhor. "Às vezes eu

saio de casa cansada mas chegando aqui eu relaxo, é muito bom. Aqui a gente ri, brinca, conversa e volta pra casa mais alegre.", ela afirma.

O professor Veizada desenvolve também o projeto social Capuerê com os filhos das mães capoeiristas. Para participar, as crianças precisam ter boas notas e assiduidade escolar. "Com as crianças eu trabalho a importância da disciplina e da educação. E também ensino os fundamentos da capoeira de uma forma lúdica. Eu percebo que estes dois projetos tem mudado a vida das pessoas. As relações familiares estão melhores e a autoestima, também. A capoeira é capaz de promover a libertação do ser humano e não existe restrição de gênero ou de idade.", explica Veizada.

Figura 1- Projeto "Mães da Capoeira" no jornal Folha da Mata.
Fonte: Arquivo do Professor Veizada.



Figura 2- Projeto "Mais Cultura nas Escolas" no jornal Folha da Mata do dia 14 de agosto de 2014. Fonte: Arquivo do Professor Veizada.

As Capoeiras, nestes muitos anos de encontros com estes variados corpos praticantes, produziram modificações/afecções sentidas por todos os envolvidos nas transformações refletidas nos modos de viver a vida daqueles que atravessaram aqueles espaços. Além disto, pude observar que os esforços de se manterem na prática se baseavam principalmente na busca de momentos de alegria, risos e descontração, e conseqüentemente de um aumento no ganho de potência de existir e agir diante das dificuldades da vida, a partir das composições produzidas com os outros corpos da prática.

Isto me levou a querer problematizar e investigar como as Capoeiras agiam nos corpos e nas mentes dos sujeitos praticantes e na produção de modos de viver. Então, quais os conhecimentos e processos os praticantes vivenciam e produzem com o dia a dia? Como a prática da Capoeira pode modificar nosso corpo e os outros corpos praticantes? Quais afecções e afetos podem ser fabricados nos cotidianos das Capoeiras? Essas foram questões que me mobilizaram de uma tal maneira que me deslocaram na direção dos estudos na área de Educação, Filosofia e Psicologia.

Com a minha aprovação no Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 2016, passei a compor com a Capoeira de outra maneira, buscando o exercício de reflexão a respeito desta prática. Este fato ocorreu do meu encontro com alguns professores e muitos pensadores, como o próprio Spinoza, e tanto outros que emergiram nesta pesquisa e que me auxiliaram na busca pela produção de uma relação mais alegre e livre com as Capoeiras.

Entretanto, como objetivo principal, esta pesquisa buscou investigar os processos educativos ligados a produção de conhecimentos dos praticantes com os cotidianos das Capoeiras engendrando múltiplas formas de viver e estar com o mundo.

Na próxima etapa deste trabalho, acompanharemos o processo histórico de transformação e de sistematização dos modos das Capoeiras, apresentando as principais referências (ou modelos) de escolas de Capoeira com seus estilos, currículos e os seus principais Mestres representantes. Busco assim, o diálogo com outros pensadores que nos trazem algumas perspectivas a respeito da força do cotidiano nas relações de Educação e de consumo daquilo tudo que nos é dado para uso, além da produção de subjetividades daqueles que se encontram enredados com as Capoeiras destas escolas.

2 AS CAPOEIRAS, O COTIDIANO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Vem cá menino, vem aprender, vou ensinar o
gingado do A, B, C

(MESTRE SUASSUNA).

Considerada uma prática que afeta e ao mesmo tempo é afetada pelos sujeitos praticantes através da relação do corpo e da mente com o mundo, atualmente, as Capoeiras são produzidas como luta, religião, filosofia ou arte nascida como jogo de combate (ASSUNÇÃO, 2005). Assim, hoje se apresentam como um interessante instrumento que pode fomentar um movimento direcionado à Educação dos sujeitos praticantes através dos processos e modos das diversas escolas, grupos, estilos e intenções, cada qual com suas lógicas, seus processos e saberes.

Atualmente, estas escolas de Capoeira encontram-se espalhadas em vários espaços sociais pelo país e pelo mundo, se fabricando como alternativas nas redes educativas, além de possuir seu caráter histórico e serem consideradas uma manifestação cultural que indica que se Portugal foi o pai do Brasil, a África foi a mãe negra que trouxe a Capoeira, ao colo, oriunda da luta e resistência do escravo negro contra a dominação do branco colonizador no Brasil.

Na história das Capoeiras, os praticantes vêm se produzindo como sujeitos sociais pelo corpo, pelas ideias e pelos sentimentos, sendo estes pontos importantes desta nossa reflexão. É através do corpo que estas Capoeiras se consolidam historicamente como movimentos de resistência e miscigenação não só dos negros oprimidos, mas também como luta e invenção contra outras forças disciplinadoras.

José Luiz Cirqueira Falcão (2004) nos fala de três aspectos importantes na história da capoeira: plurietnia, resistência e transnacionalidade. Assim, originalmente, esta prática é associada a uma construção cultural dos negros vindos de várias etnias da África, trazidos pelos portugueses e escravizados no Brasil, e que nos primeiros registros do século XVIII, se encontram com um expressivo número de aventureiros estrangeiros de várias partes do mundo. Assim,

Essa complexa rede, formada por africanos, crioulos e europeus, que viviam a margem da sociedade, tinha na capoeira o elo fundamental de afirmação identitária, construída a partir de uma simbiose que destruía e reconstruía valores para além dos componentes linguísticos, étnicos, de território e de nação, demonstrando o quanto a cultura poderia ser transformada pelos seus praticantes “menos ilustres”, que, mesmo provenientes de diferentes origens, arregimentavam poder e reconhecimento e redesenhavam a geografia urbana da já cosmopolita cidade do Rio de Janeiro, atropelando a vontade e os

projetos da sua elite empenhada em transformá-la em uma “Paris dos Trópicos” (FALCÃO, 2004, p. 19).

Sendo assim, esta rede coletiva relacionada aos praticantes convergiu para a constituição de grupos compondo o movimento singular “das maltas” de Capoeira, no final do século XIX no Rio de Janeiro. Estes grupos de praticantes eram organizados, autônomos e hierarquizados em funções, que se encontravam fundadas pelos princípios de solidariedade, valentia, lealdade, coragem, e respeito às normas e hierarquias internas.

Diante destes modos, as duas principais maltas eram as dos Nagoas e as dos Guaiamuns, que lutavam entre si e contra o Estado, e eram caracterizadas pela violência e pela organização nas disputas pelos territórios urbanos e pelo poder político na cidade.

Ricardo Martins Porto Lussac e Manoel José Gomes Tubino (2009) também encontram indícios desta prática corporal no século XVIII na cidade Rio de Janeiro e para Soares (2002 apud LUSSAC; TUBINO, 2009) este corpo da/na capoeira também representava um tipo social (malfeitores e foras da lei), e se propagou rapidamente no meio urbano no século XIX.

Assim, durante este período, as Capoeiras foram praticadas por negros, livres, libertos, crioulos, mestiços, índios, descendentes de europeus e membros da elite social fazendo parte da cultura do trabalhador brasileiro, pois além do Rio de Janeiro, os documentos policiais daquele período constataavam um mesmo perfil dos praticantes na Bahia e no Pará, não sendo práticas exclusivas dos negros.

Podemos observar que muitos dos praticantes deste período se encontravam inseridos nas camadas populares e marginalizadas da população brasileira utilizando muitas vezes desta prática de maneira criativa, maliciosa e violenta como forma de subverter as leis e a repressão social.

Entretanto, Falcão (2004) destaca que além dos praticantes marginalizados, outros praticantes de “boas famílias” da elite não só apreciaram “a sensualidade da arte-luta”, como também aderiram a prática, exercitando-a na cidade do Rio de Janeiro (p, 21). Assim, este pesquisador nos fala que os estudos históricos trazem a prática da Capoeira como um movimento urbano com marcas profundas de referência negro-africana em relação aos rituais, instrumentos e cantigas, mas que também incorporou elementos culturais diversos e de diferentes procedências possuindo este caráter pluriétnico. Os registros da metade do século XIX descrevem a valentia, a coragem e as astúcias “dos capoeiras” associadas à “malandragem” no enfrentamento da opressão das

elites e do Estado. Sendo assim, esta prática foi instrumento para resistência e afirmação destes praticantes diante de um cenário de repressão, desigualdade e tensão.

As Capoeiras praticadas neste contexto foram utilizadas de várias maneiras pelos seus praticantes, inclusive pelo próprio Governo repressor da República, na tentativa de eliminar ou, se possível, controlar aqueles que possuíam as habilidades da luta e representavam algum perigo para a estabilidade política do país, pois as maltas de Capoeiras faziam alianças com o partido monarquista e com o partido republicano. Comícios e festas públicas muitas vezes acabavam em pancadaria e quebra-quebra devido às alianças entre “os Capoeiras” e os partidos Políticos do país (SOARES, 2002 apud LUSSAC; TUBINO, 2009).

Michel de Certeau (1997; 2002), considerando que em cada época existe um sistema de valores hegemônicos que impõe produtos e regras a uma sociedade, há aqueles que, no praticar cotidiano desenvolvem ações, formas alternativas de uso, “artes de fazer” que subvertem o que lhes é imposto, pois:

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética- mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas de “produção” (televisiva, urbanística, comercial etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária destes sistemas não deixa os “consumidores” um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2002, p. 39).

E assim, podemos pensar que nestes movimentos “silenciosos, astuciosos e invisíveis” os praticantes capoeiristas inventaram maneiras próprias de se praticar a Capoeira. Acredito que, devido a isso e a outros movimentos criativos, estas Capoeiras tenham conseguido se manter vivas e reinventadas até os dias atuais. Portanto, Certeau (1997; 2002) ressalta a importância de descobrir como que uma sociedade inteira não se reduz à rede de vigilância, conseguindo burlar algumas regras instituídas. Ele indaga que procedimentos populares “jogam” com os mecanismos da disciplina criando e inventando “maneiras de fazer” que formam a contrapartida dos consumidores (ou dominados).

Essas maneiras de fazer são as práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Assim, ele apresenta as noções de “estratégia e tática”, sendo as “estratégias” ações e concepções próprias de um poder, de um instituído, na gestão de suas relações com os sujeitos reais, a princípio

submetidos a este poder. Podemos, então, afirmar que as Capoeiras surgem no Brasil num período em que havia uma avassaladora dominação dos negros e imigrantes à elite branca e ao Estado formado por esta mesma elite.

Uma destas “estratégias” deste dispositivo, que ocorreu no 3º período de regência da Princesa Isabel no final do Império no Rio de Janeiro, foi compor as forças policiais e repressoras com alguns capoeiristas, e um exemplo disto, foi a criação da “guarda negra” com o objetivo de perseguir e prender os “capoeiristas desordeiros” que lutavam contra a Monarquia. Mas, de acordo com Mattos (2006), alguns usos e exemplos de táticas eram fabricados pelos praticantes, pois:

Desta forma, compreendemos a guarda negra como um espaço de sincretismo alcançado pelas abordagens da História Social. O estudo da mesma contribuiu para a compreensão da luta dos negros por integração econômica, valorização cultural e respeitabilidade social, utilizando as ferramentas necessárias para a tentativa de obtenção de êxito (p. 12).

Lussac e Tubino (2009) destacam que, a partir do início do século XX, a Capoeira se espalhou por outras partes do Brasil e, “Presente em vários momentos político-sociais do país, inclusive na Guerra do Paraguai, a capoeira vai ganhando destaque nas manchetes dos jornais” (p. 9). Vale ressaltar que a Capoeira era uma prática marginal e passou a ser reprimida principalmente pelo Código Penal brasileiro de 1890, de acordo com o artigo 402, que proibia realizar nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas e instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, com pena de prisão na Ilha de Fernando de Noronha de 2 até 6 meses (LUSSAC; TUBINO, 2009).

Permanecendo na ilegalidade até meados dos anos de 1937, no ano de 1953, Mestre Bimba realizou uma apresentação para o então Presidente Getúlio Vargas (figura 3), que nesta ocasião se referiu à Capoeira como único esporte genuinamente nacional, e estrategicamente, acabou retirando a Capoeira da ilegalidade revogando a lei que criminalizava a prática devido ao pensamento nacionalista e alguns interesses populistas da época, pois para um governante populista, nada melhor que apoiar as práticas do povo, como a Capoeira (BRASIL, 2007; CAMPOS, 2009).

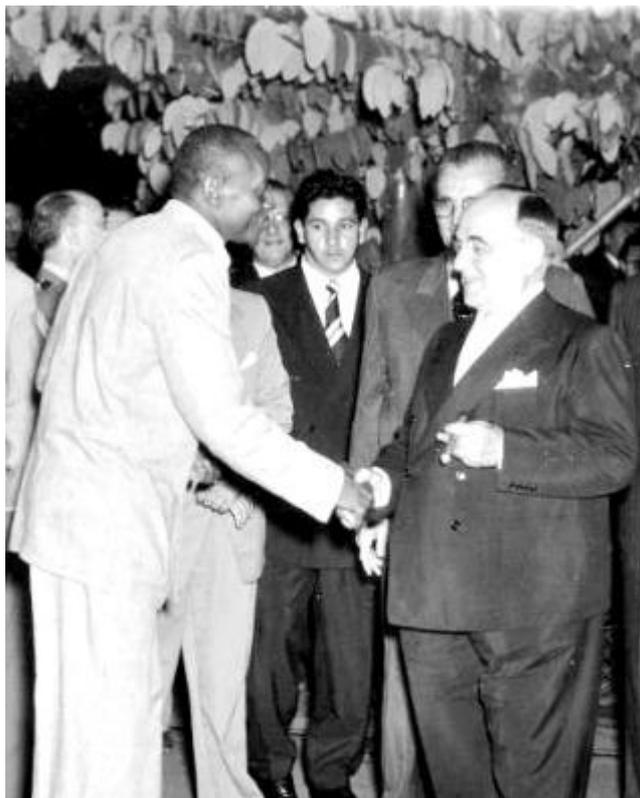


Figura 3- Mestre Bimba e Getúlio Vargas em Salvador no ano de 1953⁵.

As Capoeiras e suas origens tendem a ser apresentadas de formas contraditórias e imprecisas pela falta de documentação e escritos relacionados à escravidão no país, mas o que podemos supor é que seus praticantes deviam criar “modos” e “maneiras de se praticar”, que não chamassem a atenção das autoridades repressoras camuflando a luta na forma de “jogo” ou “dança”, através da “ginga”.

Os espaços utilizados eram das matas fechadas, dos canaviais e das senzalas, como também dos espaços públicos urbanos (das praças, dos portos e das ruas), além dos recintos fechados (dos terreiros e fundos de quintal) para sua prática. A própria roda com seus rituais, o jogo com os movimentos e gestos, ou os instrumentos aliados aos toques e as músicas são modos específicos desta prática que se compõe com seus praticantes, engendrando várias formas de existir.

É interessante destacar que as Capoeiras podem se “construir” através dos gestos, dos movimentos, da música, da oralidade na transmissão dos conhecimentos empíricos das tradições, dos rituais, da história e dos fundamentos desta arte, ou como

⁵ Fonte:

<<http://www.historyoffighting.com/resources/Mestre%20Bimba%20and%20Getulio%20Dorneles%20Vargas%20article.jpg?timestamp=1382622259741>>. Acesso em: 07/01/2018.

também através da “malícia”, da “mandinga”, da “malandragem” e de outros e processos singulares produzidos pelos praticantes, mas que de alguma forma representavam a invenção das táticas baseados na astúcia e na criatividade diante de um contexto dominante e opressor. Para Michel de Certeau, as “táticas” são ações determinadas pela ausência de um próprio, que “usa” os espaços, ocasiões e possibilidades encontradas nas “lacunas” das “estratégias” dos poderosos. Portanto, as “táticas” são consideradas astúcias, movimentos, composições invisíveis, lugar daqueles “sem o poder” que escapam pelas fendas, enquanto as estratégias são visíveis e calculadas, pois são lugares próprios daqueles que possuem o poder, o saber e o controle. Assim Certeau (2002) nos diz que:

a “cultura popular” se apresenta diferentemente, assim como toda a literatura “popular”: ele se formula essencialmente em artes de fazer isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (p. 42).

E, para Falcão (2004):

A capoeira constitui-se, portanto, numa manifestação cultural notabilizada pelo seu exuberante campo de possibilidades, cuja trajetória histórica reflete contradições marcantes da dinâmica social. É importante frisar que estes traços de plurietnia e transnacionalidade não excluem aclamados e decantados traços de resistência, difundidos na literatura afro-brasileira e na tradição oral dos capoeiras em geral. Da condição de “luta de escravo em ânsia de liberdade”, perseguida e discriminada, tornou-se símbolo de brasilidade e adentrou espaços institucionais antes impensáveis, seja como prática esportiva, terapêutica, de espetáculo, seja como conteúdo curricular universitário (p. 27).

Hoje as Capoeiras são produzidas por praticantes de diversas raças, gêneros, religiões e classes sociais construindo múltiplas realidades e formas de viver. Isto sugere que as práticas cotidianas desenvolvidas com as Capoeiras podem também atuar enredadas com outros espaços/tempos cotidianos, portanto com outros modos e processos de subjetivação.

Assim, a experiência com o cotidiano como espaço/tempo de construção de realidades singulares é muito relevante para este trabalho, pois acredito que as vivências e as experiências de vida, e, neste caso com a prática da Capoeira, influenciam na aquisição de formas de pensar e agir, como também na produção de conhecimentos com os afetos que refletem no saber/fazer das pessoas. Para Lopes (2011):

Quando, então, passamos a abordar os cotidianos de escolas, fábricas, empresas, clubes e famílias como estando transversalizados em agenciamentos desejanter, somos convidados a pensá-los e vivê-los como rotinas e invenções a se atualizarem no dia a dia de seus praticantes e não

como representações falhas ou incompletas de um modelo ideal a ser atingido (p.47).

Diante disto, destacamos as múltiplas possibilidades da pesquisa com as Capoeiras nos diversos espaços sociais, com seus processos e saberes peculiares nos diferentes sujeitos que constroem em grupo, múltiplas realidades cotidianas com a prática, considerando todos aqueles que de alguma forma deixam suas marcas nos processos constituídos nas redes de saberes/fazer de este território (CERTEAU, 1997; FERRAÇO, 2007). Assim, cada praticante (sujeito) direto/indireto trará sua história de vida misturada às influências sócio-culturais que interferem e ao mesmo tempo são influenciadas pelos modos de praticar e vivenciar a Capoeira.

Portanto, apesar do cotidiano ser associado popularmente à ideia de continuidade e repetição, aqui ele pode ser entendido como caminho ligado à ruptura e à inovação. As vivências sociais não seguem estruturas rígidas e pré-determinadas, moldando suas formas e sentidos nos modos de existir (LOPES, 2011).

Para Eduardo Simonini Lopes (2011), a vida cotidiana em suas (in)constâncias, é engendradora em agenciamentos a produzirem outros agenciamentos a partir daqueles que os produzem; e se os agenciamentos se efetuam em redes de processos, intensidades e saberes; da mesma forma ele entende que os sujeitos praticantes desses cotidianos são redes: redes de redes.

Assim, Inês Barbosa de Oliveira (2006) discute sobre a ideia de redes de sujeitos e suas inserções nos espaços sociais (doméstico, da comunidade e etc.), que se refletem nas relações dos processos sociais de aprendizagem, nos quais podemos acompanhar a constituição das escolas de Capoeira no Brasil, como na produção dos dois estilos de Capoeira⁶ de mais expressão representados pela Capoeira Angola e pela Capoeira Regional.

2.1 As Capoeiras urbanas, Mestre Bimba e sua escola da Capoeira Regional

⁶ Além das escolas tradicionais da Capoeira Angola e Capoeira Regional, hoje existem manifestações de outros estilos que desenvolvem a prática como; o Capojitsu, a Senavox, a Capoterapia, o Miudinho e etc.

Nascida como jogo/luta de combate no período colonial no Brasil, a Capoeira no final do século XIX “manchava os pergaminhos das repartições públicas brasileiras, através das penas dos escrivães de polícia, e povoava em letras garrafais, os romances de costumes dos cronistas e memorialistas” (FALCÃO, 2004, p. 2) subvertendo a ordem escravista, branca e hegemônica deste período. Provavelmente praticada nas senzalas, matas e quilombos inicialmente, foi nos espaços urbanos das cidades, das ruas, dos portos, das praças, dos terreiros e nos fundos de quintal das periferias que as Capoeiras ganham as páginas dos jornais e a atenção das elites e dos governantes brasileiros pelo caráter subversivo e de resistência de seus praticantes. Assim, Campos (2009) complementa a ideia considerando que:

A capoeira vem resistindo ao longo dos anos e conquistando valorosos espaços na sociedade brasileira e internacional. Outrora, foi uma atividade marginalizada e reprimida pela sociedade brasileira, perseguida e violentada pela polícia, sob a justificativa de constar como infração no Código Penal Brasileiro, pelo decreto 487, de 11 de outubro de 1890, Capítulo XIII, Art. 402: “dos Vadios e Capoeiras”. Essa conquista deve-se ao fato da capoeira ser reconhecida pelo seu valor histórico de resistência, educação e cultura de um povo (p. 25).

Por muitos anos estas capoeiras vêm se mantendo através da transmissão e da produção dos ensinamentos dos Mestres nas relações com os alunos praticantes, sendo o aprendizado um importante elemento na manutenção e na invenção, como também na transmissão e na construção de novos modos e saberes desta manifestação cultural. Estes aprendizados, segundo o Dossiê Inventário para o Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil no ano de 2007, idealizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são encontrados em três momentos históricos distintos.

O primeiro período vai de 1890, ano de entrada da capoeira no Código Penal até o ano de 1937, ano de início do Estado Novo e da descriminalização quando Mestre Bimba recebeu a autorização legal para continuar com seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional. O segundo período é citado como “escolarização da Capoeira” caracterizado pela formação das escolas e academias oficiais e institucionalizadas, sendo Mestre Bimba e Mestre Pastinha e suas escolas da Capoeira Regional e Capoeira Angola as principais referências. O terceiro período inicia nos anos de 1980 e vai até os dias atuais, caracterizado pela fase “Contemporânea da Capoeira”.

Produzida de maneira informal e não profissional, “as Capoeiras” do primeiro período eram desenvolvidas no cotidiano das ruas, do trabalho e dos espaços públicos,

sendo as relações de ensino e aprendizagem e a transmissão/ produção de saberes que eram estruturados na proximidade e na cumplicidade entre o aprendiz e seu Mestre.

Assim, sem espaços institucionalizados, metodologias ou pedagogias formais e específicas, os praticantes aprendiam pela “oralidade” e pela “oitiva” através da observação e do jogo nas situações de roda ou de confronto com outros praticantes ou com os agentes da lei. Estes processos ligados ao aprendizado também não se resumiam a regras gerais, de modelo ou códigos de conduta. No entanto, segundo este Inventário do IPHAN:

Se a relação com o mestre é direta, o ensino não é responsabilidade direta do mestre. O mestre não ensina diretamente, ele apenas ajuda a criar as condições propícias para que o aprendiz experimente jogar, cantar, tocar e vadiar. Nesta forma de prática é o aprendiz que, de algum modo, é o responsável direto pelo processo de aprendizado. Suas motivações e engajamento nas rodas e grupos de capoeiragem são o que o tornam um capoeira (BRASIL, 2007, p. 55).

A partir da década de 1920, “as Capoeiras” vão passando por transformações, mesmo depois de anos inserida no contexto da criminalidade e ilegalidade. Tais transformações possibilitaram o surgimento das primeiras escolas e academias de Capoeira do país, sendo Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba (figura 4), em 1932, no bairro Engenho Velho de Brotas em Salvador, o primeiro a abrir uma escola voltada especificamente para o ensino da Capoeira.



Figura 4- Mestre Bimba⁷.

⁷Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=foto+mestre+bimba&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=D7QeKq>

Mestre Bimba nasceu em 23 de novembro de 1900, no bairro Engenho Velho de Brotas, em Salvador na Bahia. Durante a sua vida trabalhou como carvoeiro, trapicheiro, carpinteiro, mas principalmente como professor de Capoeira.

Aos 12 anos, Bimba iniciou na Capoeira com seu Mestre africano Nozinho Bento, conhecido como Bentinho, no bairro da Liberdade. E, aos 14 anos ingressou no candomblé do Senhor Vidal em um terreiro da nação Kentu, se tornando ogã⁸ aos 20 anos de idade. Depois de se desligar deste terreiro, Mestre Bimba voltou a se ligar ao candomblé, mas sem exercer nenhum cargo oficial, através da relação conjugal de 40 anos com Mãe Alice, no seu terreiro Oiá Padé da Riméia, no Nordeste de Amaralina, um bairro da cidade de Salvador, na Bahia (CAMPOS, 2009). A respeito da criação da Capoeira regional, Campos (2009) conta que:

Mestre Bimba criou a Capoeira Regional, também chamada de “Luta Regional Baiana”, a partir de seus conhecimentos da Capoeira Angola, adquiridos nos ensinamentos de seu mestre Bentinho, e do aprendizado do batuque, uma luta “braba” e violenta, aprendida na convivência com seu pai, Luiz Candido Machado, batuqueiro famoso e campeão, numa época em que a capoeira era vista como uma atividade marginal, por ser oriunda de manifestações do povo africano escravizado no Brasil (p. 117).

Mestre Bimba nos fornece um claro exemplo da teoria dos “usos” e “consumos” dos produtos Capoeira e batuque na criação da sua “Luta Regional Baiana”, conforme foi discutido por Certeau (2002). Neste contexto, Mestre Bimba sentia que a Capoeira ensinada estava perdendo seu caráter de luta, passando a ser uma prática folclorizada por outros praticantes que se apresentavam nas ruas e praças públicas, muitas vezes em troca de dinheiro. Para Campos (2009), isto foi um dos principais motivos para invenção da sua “nova Capoeira”.

Além disto, outro motivo estava ligado à condição marginalizada da Capoeira que o Mestre queria modificar e, através dos desafios nos ringues a diversos lutadores, levou sua prática à mídia e aos jornais. Com suas vitórias nos ringues de luta, Mestre Bimba ganhou notoriedade e respeito com sua atividade marginalizada, a Capoeira Regional ou também chamada disfarçadamente de “luta regional baiana”, apesar de

[T8BuSyhM%253A%252CPM9icXEWz8LhaM%252C &usg=__xcSQ_K7Y3aG5jGLZ6iy8CY2uVMc%3D&sa=X&ved=0ahUKEwiSpPmTvN3aAhXDhZAKHZFABGoQ9QEILDAB#imgrc=D7QeKqT8BuSyhM:](https://www.youtube.com/watch?v=T8BuSyhM%253A%252CPM9icXEWz8LhaM%252C%26amp;usg=__xcSQ_K7Y3aG5jGLZ6iy8CY2uVMc%3D&sa=X&ved=0ahUKEwiSpPmTvN3aAhXDhZAKHZFABGoQ9QEILDAB#imgrc=D7QeKqT8BuSyhM:)>. Acesso em: 07/01/2018.

⁸É escolhido pelo orixá do zelador da casa de candomblé para realizar múltiplas funções, pois ele não incorpora e nem entra em transe cumprindo importantes funções dentro da liturgia. Não é apenas um tocador de atabaques e cantador de cantigas dos terreiros, pois sua função abrange também a segurança da casa e o zelo pelo terreiro. Ver mais em:<<https://ileaxeoxolufaniwin.wordpress.com/2016/01/12/og-an-no-candomble/>>. Acesso em: 09/05/2018.

ainda ter que enfrentar outros adversários como o preconceito. Assim Campos (2009) retrata que:

Dá para perceber que Mestre Bimba, na verdade, partiu para a briga e estava decidido a impor a sua Capoeira Regional, estava jogando no jogo do vale tudo para conquistar seu espaço, resistindo às pressões do ringue e, para isso, lutava não apenas contra adversários, mas, principalmente, contra os preconceitos e os estigmas de uma sociedade (p. 121).

Como exemplo, na edição do dia 1º de julho do ano de 1936, no jornal “A Tarde”, responsável por muitas notas enaltecendo os feitos de Mestre Bimba, havia uma reportagem criticando a participação do Mestre com sua Capoeira Regional na programação oficial da festa cívica do dia 2 de julho na Bahia⁹ (apud CAMPOS, 2009).

Para Campos (2009), essa participação representava o “reconhecimento” dos poderes públicos para além da aceitação e tolerância das manifestações culturais negras desde que essas manifestações estivessem vigiadas em espaços determinados pela elite baiana. Portanto, entrar na programação oficial do dia 2 de julho, representava invadir um espaço regulado e controlado por esta elite.

Como já mencionamos, no ano de 1937, Mestre Bimba conseguiu o registro oficial da sua academia cedido pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública da Bahia, como escola de Educação Física com o nome de Centro de Cultura Física e Capoeira Regional.

É importante destacar que, na escola de Mestre Bimba, a ênfase era de afirmar o caráter marcial de luta e esporte desta Capoeira. Diante disto, Mestre Bimba tentou romper com a imagem do praticante desordeiro e marginal em busca de um praticante desportista disciplinado, passando a violência antes praticada nas ruas, para dentro dos espaços (ringues) de luta. Percebemos uma tentativa de normatização e disciplinamento dos praticantes desta Capoeira.

Ele também padronizou e institucionalizou a Capoeira Regional através de regras, estatutos e manuais que descreviam as técnicas, objetivavam os golpes, instituíaam os toques e cantos específicos, além de padronizar o uso dos uniformes e indumentárias. Apesar disto, Campos (2009) relata que os alunos treinavam com vestimenta, de preferência como calças e bermudas, com o uso ou não de camisa. O Mestre, com a ajuda dos seus alunos, também publicou um livreto “Curso de Capoeira

⁹O cortejo ou desfile do dia 2 de julho representa a festa cívica de independência do Brasil na Bahia reverenciando a vitória da força nativa contra as tropas lusitanas derrotadas em 1823. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Festa_da_Independ%C3%Aancia_da_Bahia>. Acesso em 05/01/2018.

Regional de Mestre Bimba” (apud Campos, 2009) contendo um rigoroso regulamento ligado a condutas a ao comportamento do corpo pelas ações dos seus praticantes:

EM SEU BENEFÍCIO

- 1- Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos
- 2- Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular.
- 3- Evite demonstrar aos seus amigos de fora da “roda” de capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta.
- 4- Evite conversar durante o treino. Você está pagando pelo tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais.
- 5- Procure **gingar** sempre.
- 6- Pratique diariamente os exercícios fundamentais.
- 7- Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá.
- 8- Conserve sempre o corpo relaxado.
- 9- É melhor apanhar na “roda” que na rua... (CAMPOS, 2009, p. 67).

Além do regulamento, os processos que estruturaram a Capoeira Regional de Mestre Bimba eram compostos também pelos batizados, formaturas e cursos de especializações. Assim, o Inventário do IPHAN resume que:

O espaço de aprendizado é agora um ambiente fechado, uma academia, onde são desenvolvidas rotinas sistemáticas de treinos e atividades voltadas para o aprendizado da capoeira, acompanhadas por um rígido sistema de avaliações. As rodas passam a ser o lugar em que os aprendizes podem aplicar o que treinaram. Nestas rotinas, Mestre Bimba inclui: exame de admissão, seqüências básicas de ensino, seqüências de cintura desprezada, batizado, formaturas, cursos de especialização e toques de berimbau (BRASIL, 2007, p. 58).

Portanto, já podemos observar as referências da educação tradicional e da pedagogia de uma escola oficial, pois além de luta e esporte, a Capoeira Regional também foi considerada um importante instrumento educacional pelo Mestre e por seus praticantes. Então, Mestre Bimba, juntamente com seus alunos, criou seu modo através de um método didático de ensinar a Capoeira Regional principalmente para aqueles desconhecedores daquela atividade. Alguns alunos do Mestre destacam que a Capoeira Regional de Mestre Bimba seguia os moldes do modelo acadêmico.

Campos (2009) conta que primeiro havia um exame de admissão, onde cada voluntário selecionado em aprender aquela Capoeira tinha que executar os seguintes movimentos: uma cocorinha (figura 5), uma queda de rins (figura 6) e uma ponte (figura 7).



Figura 5- Cocorinha¹⁰.



Figura 6- Queda de rins¹¹.



Figura 7- Ponte¹².

¹⁰ Fonte: <<http://www.start-playing-capoeira.com/images/Cocorinha.gif>>. Acesso em: 06/01/2018.

¹¹ Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/_BkMJJ6C2bvQ/TUgSXdTLhI/AAAAAAAAAeo/9c56-PsXYCs/s1600/queda+de+rins.jpg>. Acesso em: 06/01/2018.

¹² Fonte: <http://cs.i.uol.com.br/album/1108_capoeira_f_024.jpg>. Acesso em: 06/01/2018.

Após esta etapa, o praticante iria aprender as sequências de ensino dotadas de movimentos de defesa, ataque e contra-ataque reproduzindo um jogo de Capoeira.

Campos (2009) conta que: “A rigor, a sequência é formada por oito partes compostas dos principais movimentos da capoeira, encadeados em ordem progressiva de dificuldade de execução” (p. 53). A repetição destas sequências para Mestre Bimba era fundamental para o aprendizado eficiente e seguro do jogo da Capoeira Regional.

Além destas sequências, havia também as sequências de cintura desprezada e projeções, nas quais o jogo de defesa e ataque era complementado pelas projeções dos jogadores simulando possíveis quedas em combates com lutadores de outras modalidades.

Outro processo importante da Capoeira Regional para seus praticantes é o batizado, em que o aluno, após ter treinado todos os processos anteriores é apresentado ao grupo jogando pela primeira vez na roda com seu padrinho que, geralmente, era um aluno com mais experiência (atualmente é um professor ou Mestre). Passado o jogo, o novato recebia um nome de “guerra” ou apelido na qual passava a ser sua identidade no grupo. Este processo vem da Igreja Católica que define o batismo como um sacramento que pela imersão na água, produz um renascer espiritual que liberta o homem do pecado original de Adão e Eva (CAMPOS, 2009).

A construção das identidades com cotidiano desta Capoeira era simbolicamente imortalizada nos apelidos e poderia ser atravessada por múltiplas questões relacionadas a encontros, episódios marcantes e acontecimentos, como também por características físicas, emocionais e comportamentais de seus praticantes. Este processo de identificação produz afetos que podem modificar o comportamento e os modos de viver dos seus praticantes.

Mestre Itapoã nos conta, através do vídeo documentário: “Mestre Bimba: a capoeira iluminada” (2005), que o costume de apelidar os praticantes era realizado por Mestre Bimba no ritual do batizado, no qual o aluno iniciante fazia o seu primeiro jogo ao som do berimbau com um capoeirista formado, recebendo o apelido logo após o jogo. Ele ainda nos conta que “todos batiam palma e a partir daquele dia todos esqueciam o seu nome”. Na Academia de Mestre Bimba, este ritual era obrigatório, sendo que até hoje é uma prática comum exercida em várias escolas de Capoeira, embora nos dias atuais, o apelido não seja dado necessariamente no dia do batizado, não havendo um momento específico para este costume aconteça.

Mestre Cafuné¹³, neste mesmo documentário, nos diz que Mestre Bimba não perdia a oportunidade de ensinar e seu apelido foi um ensinamento, pois ele nos conta:

Eu era uma pessoa que tinha, na minha personalidade eu era muito tímido, até demais de tímido, uma pessoa que só olhava pra baixo, não levantava a cabeça, não procurava meus espaços, tinha dificuldade de me relacionar. Então com uma dificuldade muito grande de me colocar na vida... e na capoeira era pior ainda, na capoeira tinha receio de entrar, de tomar pancada e tudo mais... e no dia do meu batizado, na festa do batizado meu apelido... normalmente quem colocava os apelidos era os colegas e na minha hora de jogar ele disse na minha hora de jogar, “esse já tem nome quem vai botar sou eu”, eu fiz o meu jogo e quando terminou ele disse: “ele não faz capoeira, ele faz cafuné”, “o nome dele é Cafuné”... eu fiquei muito chateado com aquilo, porque tinham os apelidos onça, filhote de onça... é... quebra ferro, canhão, ele quer o que? Segunda feira ele vai ver, vou chegar lá quebrando o pau! Me curou da minha timidez.

Podemos observar claramente, a produção de subjetividade vivida nestes processos em circulação desta produção coletiva da Capoeira Regional, presente nos modos como o ritual do batizado e dos apelidos.

Neste episódio, também observamos a criação de um processo de transformação expresso na maneira única de se relacionar e vivenciar esta subjetividade, pois a modificação corporal e os afetos produzidos naquele acontecimento do batizado construíram conhecimentos e deixaram “marcas” que modificaram o comportamento do Mestre. Depois deste período de aprendizado voltado para o desenvolvimento do jogo, e dos movimentos de defesa e ataque com eficiência e plasticidade, juntamente com o aprendizado dos cantos e dos toques dos instrumentos, o aluno estaria apto a se formar. Assim, o Inventário nos traz que:

A formatura é um dia especial para o mestre e seus alunos. Trata-se de um ritual semelhante à formatura de qualquer escola de ensino formal, com direito a paraninfo, orador, madrinha e medalha. No início, Mestre Bimba realizava a festa de formatura no Sítio Caruano, no Nordeste de Amaralina, na presença de convidados e de toda a academia regional baiana. Os formandos, todos de branco, eram chamados por Mestre Bimba e, diante de todos, exibiam seus repertórios de movimentos, toques e cantos. Ao final dessa exibição, os iniciantes deveriam passar pela prova de fogo, jogando com um capoeirista graduado, ritual que ficou conhecido como “tira medalha”. Neste desafio, o graduado tentaria tirar a medalha do peito do formando com os pés, manchando assim a roupa e a dignidade deste. Se no final do jogo a medalha estivesse ainda no peito do formando, este era considerado pela escola regional baiana como formado. Por último, eram realizadas atividades festivas com apresentações de maculelê, samba de roda, samba duro e candomblé (BRASIL, 2007, p. 60).

Por fim, na Capoeira Regional de Mestre Bimba também existiam os cursos de especialização realizados com alguns alunos formados. Este novo processo consistia em

¹³ Trecho retirado do vídeo documentário “Mestre Bimba e a capoeira iluminada”. Direção de Luiz Fernando Goulart. Lumen Produções, 2005.

duas etapas de sessenta (60) dias sendo a primeira na Academia e a segunda na Chapada do Rio Vermelho¹⁴. O objetivo era melhorar as técnicas de ataque, uso e defesa de armas brancas como porretes e facas de oponentes mais treinados e perigosos. Estes aprendizados estavam ligados aos cotidianos destes praticantes sendo de extrema importância no currículo do praticante desta escola.

Assim, semelhantes às técnicas de guerrilha, os futuros especialistas tinham que atingir determinados objetivos passando por armadilhas e espreitas feitas pelos veteranos do grupo. Ao término, o aluno recebia o lenço vermelho do Mestre Bimba e uma festa aos moldes de uma formatura era realizada.

É importante destacar que tanto Mestre Bimba como Mestre Pastinha, que logo seguiremos, tinham o interesse de inserir as Capoeiras nas esferas oficiais e dominantes da sociedade brasileira. Cada Mestre com seu estilo e à sua maneira fazendo diversos “consumos” e “usos” desta prática.

A Capoeira Regional de Mestre Bimba foi construída nos moldes e modelos acadêmicos e militares dominantes daquele período, utilizando seus respectivos processos e modos de produção, que priorizavam os aspectos marciais e esportivos como também os elementos culturais e artísticos.

Além disto, esta Capoeira era sistematizada aos modelos das atividades físicas eurocêntricas dotadas de técnicas e sequências de ensino como também de exames e avaliações. Existia uma forte hierarquia e um disciplinamento do corpo que se assemelhava com o que existia na escola formal ou nas forças militares, havendo um forte sistema de avaliação que também promovia a exclusão daqueles que não atendessem às exigências físicas e psicológicas do aprendizado desta Capoeira. Entretanto, os saberes e os processos não se resumiam apenas a isto, mas também a momentos dotados de invenção, criatividade e emoção.

Hellio Campos (2009), que também foi um dos alunos do Mestre, nos conta que a primeira aula era um momento de muito significado para alguns alunos do Mestre Bimba, pois o Mestre levava o iniciante até o centro da roda, para ensinar-lhe a gingar com as mãos dadas. Para ele:

Este ensinamento extrapola o espaço físico da roda de capoeira, ele remete o aluno ao espaço cósmico do entendimento das coisas do mundo. O gingar representa estar em constante movimento circular, de comportamento fluído e relaxado. A ginga é pessoal e permite que o capoeirista se desloque em esquivas, em vários ângulos, visualizando a roda como um todo, com um

¹⁴ Bairro da cidade de Salvador – BA próximo ao horto florestal onde era realizado as emboscadas.

olhar periférico. Esse parece ser um comportamento sábio para viver melhor o mundo contemporâneo no sentido da convivência humana e dos desafios incessantes (CAMPOS, 2009, p. 130-131).

Isto nos mostra um conhecimento produzido com o cotidiano da Capoeira Regional e com figura de Mestre Bimba, construído no primeiro encontro de um cotidiano fabricado também com afetos, emoções e sentimentos de mundo para além dos modos dominantes, que constroem alienação e opressão.

A criatividade também era uma das características do Mestre, pois certa vez, indagado sobre como escaparia da morte, por um jornalista que apontava uma caneta para sua boca simulando ser um revólver, Mestre Bimba surpreendeu respondendo que morreria, ao invés de inventar uma “saída” ou algum “golpe mirabolante”, não correspondendo às expectativas de todos. A lição ensinada era que coragem e burrice são coisas completamente diferentes, e que, em algumas situações de desvantagem, seria melhor refletir e se retirar do que enfrentar e sofrer possíveis consequências (CAMPOS, 2009, p. 131).

Aqui neste episódio, o esforço em perseverar e se manter vivo produziu um processo de singularização que estava mais próxima da ideia de inteligência ligada à covardia, do que da ideia de valentia ligada à burrice.

As tramas cotidianas e os episódios inesperados do dia a dia da academia produziam outros tipos de conhecimentos e de saberes nos alunos praticantes, pois por meio de outros processos, o “Mestre Bimba tinha uma maneira toda peculiar de tratar as situações inusitadas e os problemas que surgiam nas aulas, na academia e até durante as apresentações do grupo folclórico” (CAMPOS, 2009, p. 151).

Mestre Itapoan (apud CAMPOS, 2009) conta a respeito de um acontecimento inusitado relacionado a um aluno formado de Mestre Bimba, estudante de medicina apelidado de Canhão, que ficou famoso por ser um capoeirista flexível, malvado e possuidor de golpes potentes e duros. Certa vez, após se atracar e ir ao chão com Hélio carioca, Canhão utilizou de uma mordida no braço do seu adversário levantando-se a desferindo um golpe em um iniciante que nada tinha com o ocorrido. Logo, em defesa do iniciante, o Mestre, sem conversa, expulsou Canhão da academia por indisciplina. Após alguns dias, Canhão foi visto novamente treinando na academia e quando perguntado, Mestre Bimba respondeu: “olha Itapoan, o cara estuda medicina, vai que eu um dia precise tomar uma injeção e ele em vez de aplicar uma para viver ele aplica uma para matar. É melhor deixar o homem por aí” (CAMPOS, 2009, p. 153).

Neste caso, Mestre Bimba surpreendia, inventava e usava das próprias regras de disciplina instituídas na sua escola demonstrando uma astúcia pautada na aproximação e não na exclusão daqueles que de alguma maneira representavam o perigo, ou que poderiam ter futuramente alguma utilidade. Assim, nesta escola e na figura de Mestre Bimba, assistimos tanto às normas, os regulamentos, as hierarquias e a produção dos processos de subjetivação e individualização, quanto também os consumos e usos, os afetos, as invenções e as astúcias em táticas e estratégias, além da criatividade de processos de singularização, que também fabricaram diferentes saberes e modos de viver daqueles praticantes que vivenciaram aquele espaço cotidiano.

2.2 Mestre Pastinha e o Centro Esportivo de Capoeira Angola

O Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), nasceu pelas mãos de Vicente Ferreira Pastinha, também conhecido como Mestre Pastinha (figura 8), na cidade de Salvador, na Bahia. Assim, descrever a respeito deste Centro é um grande desafio, pois ele representa um estilo de Capoeira (Angola) que não possui um criador, mas vários Mestres representantes que versam suas histórias e trazem múltiplas informações e experiências através da oralidade e da oitiva. Alguns destes Mestres como Canjiquinha, Waldemar da Liberdade, Cobrinha Verde, Noronha, Totonho Maré, Pastinha e tantos outros mostram a diversidade nas formas de se fabricar a Capoeira Angola (IPHAN, 2007).



Figura 8- Mestre Pastinha¹⁵.

Campos (2009) conta que o primeiro Centro de Capoeira Angola do Estado da Bahia estava localizado na Ladeira da Pedra, no JIngibirra, Bairro da Liberdade, em Salvador. Este Centro foi criado e frequentado por grandes Mestres e, após “Aberrê” apresentar Mestre Pastinha a “Amorzinho”, guarda civil e guardião da roda, o Centro e sua roda foram entregues a Mestre Pastinha, que passou a dar uma “nova roupagem” à Capoeira Angola.

Mestre Pastinha nasceu no dia 5 de abril de 1889, filho de um comerciante espanhol chamado José Pastinhã e uma negra baiana chamada Raimunda dos Santos. Ele morreu no dia 13 de novembro do ano de 1981 iniciando sua prática na capoeira aos dez anos de idade e:

Seu mestre foi Benedito, um negro natural de Angola. Do mesmo modo que Bimba e tantos outros mestres, Pastinha aprendeu a capoeira “de oitiva”, freqüentando e vadiando nas rodas da cidade de Salvador. Durante toda a sua adolescência, freqüentou a Escola de Marinheiros onde, segundo seu relato, ensinou capoeira nas horas vagas para seus colegas de arma. Saiu da Marinha aos 20 anos. Trabalhou de engraxate, vendendo gazetas, no garimpo e na construção do porto de Salvador (BRASIL, 2007, p. 61).

A partir daquele encontro com Mestre Aberrê, Mestre Pastinha passou a ser uma liderança com a responsabilidade de organizar a Capoeira Angola e aglutinar os interesses e objetivos comuns dos seus praticantes. E, após algumas iniciativas, em 1952, o Centro Esportivo de Capoeira Angola foi registrado inicialmente no Largo do

¹⁵ Fonte:

<

Pelourinho, nº19, se mudando posteriormente, para a Rua Gregório Mattos nº51, na cidade de Salvador, na Bahia (CAMPOS, 2009).

Preocupado com a situação da Capoeira na Bahia, Mestre Pastinha, assim como Mestre Bimba, buscou trilhar caminhos oficiais para que a prática da Capoeira deixasse de ocupar um lugar marginal sofrendo com a opressão e a resistência à aceitação social. Para o Mestre: “o capoeirista tinha que defender, a qualquer custo, sua integridade física, emocional e moral; defender uma causa muito maior, seu povo, seus costumes e sua cultura” (CAMPOS, 2009, p. 42).

Através de Mestre Pastinha, o CECA fundamentou a Capoeira Angola e suas características singulares que não permitem a mescla da Capoeira com outras modalidades esportivas e de lutas. Além disto, os rituais possuem um lugar de destaque na prática dos movimentos, cantos e toques havendo algumas hierarquias e regras que buscam auxiliar o aprendizado. No CECA havia uma dinâmica estruturada por Mestre Pastinha que criava funções aos praticantes como; o treinel, responsável pelas aulas, o contra-mestre e o Mestre de bateria, Mestre de campo, Mestre de canto, Mestre de treino, Mestre fiscal (FALCÃO, 2004) e, o juiz, responsável pela organização da roda.

O uso do uniforme também é um elemento que aparece na calça preta e na camisa amarela em homenagem ao time de futebol Ypiranga da Bahia, para o qual Mestre Pastinha torcia. Apesar disto, a roupa branca e a indumentária é bastante discutida neste estilo mostrando a diversidade desta questão, pois como Mestre Bola Sete (Apud CAMPOS, 2009, p. 44) disse:

Em nossa terra, os capoeiristas do passado, nos dias de trabalho, usavam camisa de alinhagem, urucubaca ou bulgarina, calça bem folgada de pantalona ou qualquer outro tecido barato, arregaçada quase até o joelho, chinelos de chagrin ou descalços. Nos domingos trajavam-se com mais esmero. Vestiam a “domingueira”, que geralmente era de linho branco, amarravam um lenço de esguião de seda no pescoço, que tinha como finalidade proteger do suor o colarinho da camisa, além de servir como defesa contra a navalha, pois, como sabemos, a navalha não corta seda pura; sapato de bico fino e uma pequena argola de ouro na orelha esquerda, que era uma característica dos negros angola.

No CECA, os praticantes não deveriam jogar descalços ou sem camisa. Priorizava-se quase sempre o lado artístico, folclórico e lúdico do jogo, além do treino dos cantos e toques dos instrumentos. Para Falcão (2004), a noção de esporte produzida por Mestre Pastinha é “original” nas suas ações e contradiz a noção hegemônica do esporte de rendimento dominante em todo mundo, como um exemplo criativo de uso e tática.

A bateria também era nomeada de “orquestra” e possuía seu Mestre, além de ser definida com três berimbaus (gunga, médio e viola), dois Pandeiros, um Atabaque, um Agogô e um Reco-Reco. (Figuras 9 e 10).



Figura 9- Berimbaus: gunga, médio e viola¹⁶.



Figura 10- Berimbau, atabaque, pandeiro, agogó e reco reco¹⁷

Mestre Pastinha enfatizava que a Capoeira deveria ser praticada com respeito à integridade física do outro, apesar de ser um instrumento de defesa pessoal, com valores éticos de lealdade e respeito aos colegas, às regras e às construções coletivas. Outro ponto destacado por Mestre Pastinha era o trabalho espiritual dos seus praticantes e a ligação desta Capoeira com a esfera religiosa, neste caso com as religiões de matrizes africanas.

¹⁶ Fonte: <http://www.lojafiordanavalha.com/imagem/index/7229284/G/berimbau_valmir_taipoca.jpg>. Acesso em: 07/01/2018.

¹⁷ Fonte: <<http://www.capoeirasantander.es/wp-content/uploads/2014/12/instrumentos.jpg>>. Acesso em: 07/01/2018.

Os saberes da “malícia” e da “mandinga” eram valorizados permitindo a dissimulação, a expressividade e a singularidade do jogo, dos movimentos, dos cantos e toques dos praticantes. Isto permitiu pensar a Capoeira com a diferença dos praticantes através dos seus estilos pessoais, artísticos e expressivos.

Os rituais eram modos extremamente importantes na transmissão dos saberes para Mestre Pastinha, pois os procedimentos de entrada e saída da roda, as chamadas¹⁸, a relação dos cantos e dos toques com o jogo foram pensados detalhadamente. Para ele: “A capoeira é sem dúvida uma atividade física, um esporte e uma luta, mas é também uma reza, um lamento, uma brincadeira, uma vadiação, uma dança, um canto, uma comunhão” (BRASIL, 2007, p. 64).

Para Campos (2009), Mestre Pastinha “sempre foi tido como um filósofo da Capoeira” (p. 45), e, muitas das suas frases nos vídeos e manuscritos deixados por ele, refletem uma análise da esfera múltipla desta prática na sua vida e na de outros praticantes. Assim, para Mestre Pastinha¹⁹, a sua capoeira “é pra homem, menino e mulher”, “é mandinga, é manha, é malícia, é tudo que a boca come” e “mandinga de escravo em ânsia de liberdade”.

A maneira reflexiva e refinada no trato com a sua prática fazia de Mestre Pastinha um educador que buscava elevar o status da sua Capoeira, almejando sua continuidade através de uma prática que promovesse a igualdade dos seus praticantes. Para isso, deixou seguidores, sendo “João Pequeno” e “João Grande” considerados como os mais importantes na continuidade ao trabalho do Mestre.

Entre as décadas de 1970 e 1980, Mestre Pastinha passava por dificuldades financeiras e de saúde, e nomeou os dois alunos para a tarefa de continuar o seu trabalho dizendo: “na minha academia tem dois meninos, todos os dois se chamam João: um é cobra mansa, o outro é gavião, um joga no ar, o outro joga enroscado no chão” (CAMPOS, 2009, p. 45). João Pereira dos Santos, conhecido como Mestre João Pequeno, nasceu no dia 27 de dezembro de 1917, na cidade de Araci, estado de Bahia, e morreu no dia 9 de dezembro de 2011. Filho de vaqueiro, já conhecia a prática da Capoeira quando conheceu Mestre Pastinha em Salvador, e logo se tornou assistente nas

¹⁸ É o momento do jogo em que um dos jogadores para em pé de frente ou de costas, a espreita descansando ou preparando uma “emboscada” para o outro que deverá aproximar-se cuidadosamente para um bailado simulado. As chamadas representam um dos rituais mais característicos da Capoeira Angola.

¹⁹ Mais informações e falas de Mestre Pastinha no vídeo documentário: “Pastinha! uma vida pela capoeira”. Direção de Antônio Carlos Muricy, 1998.

aulas para os alunos menos experientes sendo, segundo Mestre Decanio (apud CAMPOS, 2009), “o mais fiel aos ensinamentos do Mestre”, dando continuidade ao trabalho e ainda jogando a sua Capoeira até os 80 anos de idade²⁰.

Segundo Campos (2009), Mestre João Pequeno foi muito importante na reestruturação do estilo Angola, principalmente numa época em que Mestre Pastinha já não possuía mais forças para tal tarefa. No final dos anos de 1970, instalou sua academia no Forte Santo Antônio, se tornando referência do estilo Angola para os praticantes de todo o mundo. Este Mestre tem levado e divulgado sua Capoeira a todos os lugares do planeta através de cursos, palestras e workshops e a participação em eventos.

Diante disto, ele tem recebido muitas homenagens sendo uma delas o título de Doutor Honoris Causa, outorgado em 18 de dezembro de 2003 pela Universidade Federal de Uberlândia. Além disto, Mestre João Pequeno influenciou vários praticantes e um dos nomes mais importantes foi João Oliveira dos Santos, Mestre João Grande, nascido em 15 de janeiro de 1933, na cidade de Itagi, litoral sul da Bahia.

Mestre João Grande nasceu e foi criado na roça, e aos dez anos começou a trabalhar nas fazendas até os vinte anos de idade, quando se mudou para a Salvador, onde trabalhou como carregador, biscateiro e empregado doméstico (CAMPOS, 2009). João Grande conheceu Mestre Pastinha através de João Pequeno e logo estreitou sua relação com o Mestre aumentando seus laços com a academia. Isto o fez se encantar com as histórias de Pastinha e, muitas vezes, “chegar mais cedo” aos treinos para ouvir os conselhos e a filosofia daquela Capoeira.

Além disto, Mestre João Grande destacou-se no meio capoeirístico pelo compromisso, empenho e pela forma simples de jogar sua Capoeira. Sua experiência internacional com a prática da Capoeira iniciou no ano de 1966, na excursão promovida por Mestre Pastinha, ao 1º Festival Mundial da Arte Negra em Dakar, no Senegal. Após isto, outros convites foram aceitos em excursões pelo Brasil, Europa, Ásia e África, chegando ele a integrar o grupo folclórico; “Viva Bahia”, coordenado por Emília Biancardi.

²⁰ Mais informações a respeito de Mestre João Pequeno no documentário: “O Velho Capoeirista: Mestre João Pequeno de Pastinha”. Direção de Pedro Abib, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MUp2Y7myKtU>>. Acesso em: 04/01/2018.

Conhecido também como “Gavião”, nas palavras de Mestre Pastinha, João Grande radicou-se definitivamente em Nova York, nos Estados Unidos, onde ministra aulas da sua Capoeira angola até hoje, na sua Academia (CAMPOS, 2009, p. 48).

Assim, um dos maiores reconhecimentos de outro país a prática da Capoeira e ao trabalho de semear a cultura afro-brasileira e a língua portuguesa pelo mundo, foi o recebimento do título de Doutor Honoris Causa, em 1995, cedido pela Upsala College, em New Jersey, e o National Heritage Fellowship Award, em 2001, maior prêmio concedido pelo Governo americano para artes folclóricas, tradicionais e manifestações culturais (CAMPOS, 2009, p. 49).

2.3 Capoeira Regional e Angola: aproximações e distanciamentos

Para Mestre Pastinha, a Capoeira é de origem africana com suas raízes no N'golo, uma dança- luta de iniciação à puberdade, de Angola, enquanto que para Mestre Bimba, a origem da Capoeira vem do Recôncavo Baiano, justificando o nome Regional que ele colocou na sua invenção.

Falcão (2009) levanta o debate/embate a respeito das Capoeiras Regional/Angola e a contribuição a respeito dos processos identitários deste universo. Entendemos que, nestes processos identitários, se constituem modos de existir que se produzem também nos processos de individualização e de singularização da Capoeira em questão.

Alguns Mestres, dependendo da sua escola e estilo, defendem a ideia da Capoeira Angola estar ligada com um apelo forte na tradição, na africanidade, na religiosidade e na mandinga, enquanto a Capoeira Regional tem um apelo pela eficiência marcial, corporal e esportiva. Isso é questionável, pois a Capoeira de Mestre Bimba tinha suas tradições, suas normas e ritos africanos, além da clara ligação com o candomblé.

A Capoeira Angola de Mestre Pastinha também possuiu conexões com o modelo de escola oficial adotando cartilhas, regras e os estatutos, com tipos de treinamento e exercícios específicos, hierarquias e rotinas pré-estabelecidas. Entretanto, alguns praticantes da Capoeira Angola insistem no discurso totalizador desta Capoeira ser

considerada mais “tradicional” ou “verdadeira”, desvinculada de métodos ginásticos dominantes e modos hegemônicos ligados à esportivização da prática, sendo a transformação da Capoeira em esporte vinculada apenas à Capoeira Regional (FALCÃO, 2004).

Seguindo uma passagem encontrada nas suas obras, Mestre Pastinha confirma o caráter esportivo da sua escola de Capoeira Angola dizendo: “É bastante elevado o número de pessoas cuja idade ultrapassa os 60 anos, que praticam desde a juventude este admirável esporte, possuindo uma agilidade e flexibilidade de articulações que impressionam” [...] (apud FALCÃO, 2004, p. 42). Contudo, muitos praticantes do estilo Regional discursam a respeito da ineficiência da Capoeira Angola como luta marcial devido à sua lentidão e seu jogo folclorizado. Ao contrário, os praticantes desta Capoeira argumentam a legitimidade deste estilo como “Capoeira mãe”, com sua autêntica essência africana ligada à raça negra, criticando Mestre Bimba e sua escola, de “embranquecer” a prática da Capoeira.

Mesmo diante do dualismo e destes discursos de legitimidade e essência destas Capoeiras, tanto das escolas de Capoeira Angola quanto das escolas da Capoeira Regional, há particularidades e singularidades que escapam dos discursos e das noções universais que tratam as Capoeiras como uma prática homogênea. As normas, regras e hierarquias existem e variam dentro dos próprios estilos e escolas e, muitas vezes são subvertidas pelos movimentos que fogem e se produzem pelas “brechas”, engendrando maneiras de viver pelos processos de subjetivação, dotados de astúcia e ignorância, de invenção e reprodução e de liberdade e servidão tanto das ideias, quanto das ações.

Vale ressaltar que essa estruturação que descrevemos, tanto da escola da Capoeira Regional de Mestre Bimba, quanto da escola da Capoeira Angola de Mestre Pastinha, foram responsáveis também pela produção das subjetividades de muitos outros praticantes influenciando os comportamentos e os modos de viver destes sujeitos. Isso ainda acontece nos dias atuais, em variados espaços sociais voltados para a disseminação e o ensino/aprendizado desta prática; como os grupos, as escolas e as academias contemporâneas espalhadas atualmente pelo mundo.

2.4 As múltiplas Capoeiras no Brasil

Após a década de 1930, a prática da Capoeira iniciou seu processo de modernização com o surgimento de muitas outras escolas e academias ligadas implicitamente ou explicitamente aos fundamentos da Capoeira Angola ou Regional, modificando a organização dos grupos, dos locais e dos espaços voltados para a prática, além da mudança na forma de aprender e de jogar a Capoeira. Assim:

Nos últimos anos, a capoeira ganhou o Brasil e o mundo, e as escolas contemporâneas tiveram que se reorganizar a partir de princípios próprios e distintos. Há uma recuperação dos valores tradicionais da capoeira Angola no que tange às formas de ensino e aprendizado, em que se pretende trazer de volta o método tradicional da “oitiva”, resistindo a seu modo ao processo de escolarização formal. Desta maneira, estamos diante de duas tradições de ensino e aprendizado que atravessaram a história da capoeira. O modelo da escola tradicional, voltado para a sistematização, racionalização e competição, em que o importante é o resultado ou a eficiência do processo de aprendizado, e o modo inspirado na forma antiga de aprender, na qual a vadiação, a brincadeira e a estética tornam-se base (BRASIL, 2007, p. 67).

O movimento de folclorização da cultura negra produziu alguns efeitos como a expansão de algumas manifestações culturais. Com este foco, as academias de Capoeira se voltaram para o ensaio de coreografias e apresentações culturais pelo Brasil, que acarretaram principalmente em um efeito de migração de muitos baianos para os Estados do Sudeste contribuindo para expansão da capoeira pelo Brasil.

Nomes como do Mestre Arthur Emídio, nos anos de 1950, que construiu sua história na Capoeira carioca através do seu grupo na zona norte do Rio de Janeiro, manteve alguns fundamentos como a instrumentação e as apresentações folclóricas, mas não possuía ligação alguma com as escolas de Mestre Bimba ou de Mestre Pastinha.

Depois disto, no ano de 1964, após retornarem da Bahia, os irmãos Paulo e Rafael Flores trouxeram os ensinamentos de Mestre Bimba depois de alguns meses aprendendo a Capoeira. No ano de 1966, após a junção de mais alguns amigos como Mestre Gato e Mestre Gil Velho, o grupo se intitulou como “Senzala”, que acabou recebendo a visita de Mestre Bimba. Além disto, o grupo acabou também vencendo algumas competições e ganhando notoriedade nacional (BRASIL, 2007).

Outro aluno de Mestre Bimba que contribuiu para a fabricação estratégica de outra Capoeira foi Carlos Sena, criador da Senavox, um método de Capoeira mais estilizado voltado para o esporte, mas com um forte regimento de organização, estruturação e sistematização da Capoeira conectada ao Regime Militar e à Confederação Brasileira de Boxe. Mestre Sena diz ser o inventor dos cordões que utilizam as cores da bandeira e que foram oficializados em 1972. Este estilo não

prosperou devido à sua hierarquia, fortemente baseada no Regime Militar (BRASIL, 2007).

Na década de 1960, um grupo de baianos rumou a São Paulo para tentar a vida e acabou sendo responsável pela disseminação da Capoeira pelo Estado. Mestres como Suassuna, Brasília, Ananias, Acordeon, Limão, Silvestre vinham das escolas dos grandes Mestres Canjiquinha, Caiçara e Bimba. Mestre Suassuna lembra que, por muitas vezes, ele e Mestre Brasília se exibiam na Praça da República demonstrando as habilidades da prática e realizando também muitas “brigas coreografadas” que impressionavam quem estava assistindo. Seguindo esta rede, nossa história nas Capoeiras, bem como as histórias de dois (dos três) grupos pesquisados estão ligadas ao grupo fundado Mestre Suassuna e Mestre Brasília chamado Cordão de Ouro.

2.5 As Capoeiras Contemporâneas

Atualmente, os grupos que mais correspondem as estas escolas das Capoeiras Contemporâneas são os grupos Senzala, Abadá e Capoeira Brasil no Rio de Janeiro e o grupo Cordão de Ouro e Cativeiros em São Paulo, mas existem muitos outros (BRASIL, 2007). Algumas das características se assemelham no “uso” dos cordões e cordas, na instrumentação voltada pela formação da bateria do estilo Capoeira Angola, mas com o jogo atlético e combativo da Capoeira Regional (BRASIL, 2007). Vale desatacar o aumento no número de escolas, grupos e academias de Capoeira pelo Brasil e pelo mundo, não havendo um órgão ou uma instituição central que regularize e controle as ações destas escolas e grupos. No Brasil, são mais de cinco milhões de praticantes, sendo as Capoeiras hoje também praticadas em mais de 150 países dos cinco continentes do planeta.

Portanto, essa prática de Capoeira, agora intitulada de Contemporânea pelo Dossiê do IPHAN, mistura elementos das duas escolas anteriores, e nos faz pensar na miscigenação e na produção de outros elementos e estilos que se encontram ligados aos valores e modos de vida da sociedade brasileira e capitalista, presentes nas diversas práticas sociais e coletivas da contemporaneidade.

Falcão (2004, p. 44) levanta uma questão interessante a respeito da Capoeira Contemporânea nos indagando: “será que é mesmo possível falar de uma capoeira contemporânea, ou de aspectos da contemporaneidade na capoeira?”. Assim, ele reflete que:

Talvez, pela dificuldade de cultivar fielmente os códigos e preceitos “verdadeiros” de uma e/ou de outra vertente de capoeira, expressiva leva de líderes de grupos vem se autodenominando praticante de “capoeira contemporânea”- expressão que incorpora referências das duas escolas clássicas e ainda permite uma abertura as novas possibilidades (FALCÃO, 2004, p. 44).

Ele nos diz que uma realidade aponta que a Capoeira na contemporaneidade produz um deslocamento e incorpora diversos fluxos que obrigam os professores e Mestres a estabelecerem relações de respeito mútuo diante das múltiplas verdades construídas que escapam ao controle destes praticantes. Portanto, para Falcão (2004, p. 46), “A capoeira, na contemporaneidade, vem adquirindo/conquistando novas roupagens, incrementadas pelo consumo e pelos diversos mecanismos de divulgação e circulação de mercadorias”. Isso tornaria os praticantes um mosaico de identidades múltiplas criando, assim, “múltiplas Capoeiras” evidenciando que a identidade não é uma entidade absoluta.

Primeiro, preferimos conectar a ideia das “Capoeiras Contemporâneas” ao movimento de reprodução/invenção das práticas como produtos da vida cotidiana, sob a perspectiva de consumo e uso de Certeau, que impossibilita a manutenção fiel destes códigos e preceitos, já que buscamos acompanhar os processos de fabricação da cultura e, conseqüentemente das múltiplas Capoeiras pelas invenções dos praticantes cotidianos. Estes processos de invenção e criação ocorrem simultaneamente aos processos de manutenção e individualização das subjetividades dos praticantes agenciando singularidades através dos encontros, dos acontecimentos, dos afetos e das ideias.

É interessante refletirmos a respeito da produção da cultura ou de uma prática a partir de conexões, ligações e de redes de relações. As realidades das Capoeiras Contemporâneas ou das contemporaneidades nas Capoeiras produzem conexões e fluxos de deslocamento que podem estabelecer relações democráticas e de respeito mútuo entre os praticantes independente das hierarquias e das regras das escolas, grupos ou estilos.

Portanto, a produção da prática das “Capoeiras Contemporâneas” não se encontra ligada apenas ao nível macro, normativo e coletivo das escolas, dos grupos e

estilos, mas ao nível micro das subjetividades de cada praticante com suas redes, compostas pelas esferas de ordem psíquicas, pelas experiências de vida, pelas crenças, normas e valores. Assim, Falcão (2004) tenta resumir desta forma:

A “capoeira contemporânea”, se é que é possível falar desta forma, constitui-se como um amálgama que mistura o formal e o informal, o sagrado e o profano, o científico e o senso comum, o erudito e o popular, o coletivo e o individual, a tradição e a modernidade. Não porque se trata de um novo “estilo” de capoeira. Trata-se de uma nova forma de conceber e realizar seus fundamentos (p. 47).

Esta contemporaneidade “das Capoeiras” continua produzindo saberes e conhecimentos através de currículos e processos de formação que também fabricam a figura do “professor/profissional da Capoeira” pelas relações econômicas, conectando estes praticantes ao mundo do trabalho. Praticantes, Capoeiras, trabalho, religião e educação se encontram enredados em coproduções coletivas e particulares.

2.6 As Capoeiras e seus saberes em diálogos com a Educação

A produção do conflito entre o Mestre de Capoeira sem formação Acadêmica e o Professor de Educação Física é evidente. E, diante de um mercado que reconhece e valoriza financeiramente a formação institucional da universidade, essa é apenas uma possibilidade de tensão desta contemporaneidade, pois, muitos profissionais de Educação Física que trabalham com a prática da Capoeira em escolas, universidades e projetos financiados pelo Governo não possuem a formação empírica, baseada na vivência e na experiência com as escolas e os grupos.

Isto torna relevante pensar e discutir mais adiante os processos de formação/profissional dentro “das Capoeiras” e a entrada “das Capoeiras” no currículo universitário brasileiro. Falcão (2004) também questiona qual é a relação da Capoeira com o jogo mais amplo ligado aos processos de (re) estruturação do Estado e as forças produtivas–trabalho e trabalhador. Ele nos diz:

A capoeira não está incólume a toda essa avalanche destrutiva e, mesmo que suas influências não se verifiquem de forma imediata nas experiências concretas dos capoeiras na roda, elas incidem, de forma mediata, determinando suas condições de vida, sua prática social, seus desejos e necessidades. Daí a exigência de tratá-la pedagogicamente em sintonia com o conjunto de forças confrontacionais que possam resistir e transformar essa perversa realidade levada a cabo pelo processo de reestruturação capitalista e de mundialização do capital. Caso contrário, as iniciativas particulares, ou de

pequenos grupos, mesmo que “inovadoras”, serão meras ilusões, facilmente diluídas e cooptadas pela poderosa manipulação do sistema hegemônico (FALCÃO, 2004, p. 61).

Portanto, as duas escolas de Capoeira (Angola e Regional) discutidas primeiramente nos servem para refletir a respeito da diversidade na produção com as Capoeiras no Brasil e das múltiplas possibilidades de construção desta prática juntamente “com” as próprias instituições e grupos responsáveis pela construção dos conhecimentos num “jogo” de invenção e criação, como também de alienação e reprodução de lógicas de controle, hierarquização e normatização.

Acompanhamos nestas escolas, academias e grupos de Capoeira, movimentos de uma abordagem educacional baseada no “saber/fazer” e nos conhecimentos práticos da Capoeira que visavam traçar os caminhos que deveriam ser percorridos pelos praticantes através dos currículos específicos da prática. Entretanto, pudemos perceber que estes currículos foram dotados de realidades em movimento constante que reinventavam cotidianamente os praticantes, as normas e de alguma forma as próprias Capoeiras.

Atualmente, diante de um mundo atravessado por valores capitalistas e pelas ideias ocidentais hegemônicas, a Educação apresenta-se como um dos maiores desafios contemporâneos da humanidade. Assim, dentro deste contexto sócio econômico atual e de processos de globalização homogeneizantes, a Educação mostra-se como uma possibilidade imanente que, devido aos problemas sociais, econômicos e políticos, pode agravar ou não as situações de desigualdade e injustiça no cenário de vários países em desenvolvimento como o Brasil.

O combate deve ser contra as injustiças das ideias capitalistas que produzem desigualdades e mensuram o crescimento econômico através de ciclos de produção determinando a produtividade do trabalho do homem ou da natureza. Portanto, os conhecimentos, os processos, as práticas e os espaços reconhecidos como legítimos na promoção de uma Educação “verdadeira” estão ligados aos enquadres e moldes advindos das lógicas do capitalismo que vêm se instalando hegemonicamente nas instituições oficiais de ensino.

Isto acaba por desconsiderar outras práticas, como das Capoeiras, invisibilizando outros espaços, métodos e saberes tecidos nas redes educativas dos sujeitos praticantes de vários cotidianos múltiplos e ricos em potência, intensidade e criação. É neste sentido que caminharemos com as próximas discussões.

Portanto, a discussão que seguiremos abarcará o currículo, mas um currículo que se desvia por outros caminhos, sendo um currículo não estruturado oficialmente ou legalizado pelas instituições de ensino, mas praticado nos enredamentos e nas relações cotidianas. Discutiremos a própria prática da Capoeira “como” currículo praticado e produzido nos encontros, nos sons, nas sensações e nos sentimentos.

Diante de um mundo composto por múltiplas realidades, e que se encontram atravessadas por diversas questões e espaços/tempos cotidianos, entendemos que o campo do currículo dialoga de diversas maneiras com várias práticas, como as Capoeiras, tecendo mundos e formas de viver dos seus praticantes.

2.7 Currículos praticados e as Capoeiras

Nilda Alves (2013) nos apresenta uma proposta de currículo, ligado às pesquisas com os cotidianos, em específico os escolares, “pensados e realizados nos diversos graus de ensino” (p. 35) destacando o que ela chama de espaçotempos cotidianos que ainda não possuem uma atenção devida. Neste sentido pensamos aproximar esta ideia de currículo e de cotidiano às práticas “das Capoeiras” como espaçotempos outros. Para esta pesquisadora, pensar num currículo com os cotidianos foi pensar em processos de pesquisa que:

indicavam os espaçotempos políticos dos cotidianos – aqueles nos quais se vive a vida, sofre-se as consequências de más ou mesmo indecentes políticas oficiais, mas criam-se saídas às situações vividas, para se continuar vivendo (ALVES, 2013, p. 39).

Assim, ela acredita que há outros conhecimentos praticados na informalidade dos cotidianos. Conhecimentos estes tantas vezes ignorados, rejeitados ou fabricados como inexistentes. As considerações de Alves fazem ressonância com as de Boaventura Souza Santos (2002; 2007), quando este considera que o pensamento ocidental é dominante há mais ou menos 200 anos e dotado de uma razão indolente e preguiçosa.

A indolência desta razão se dá de formas diferentes que tentam reduzir as realidades que poderiam estar presentes nos cotidianos e também escondem as diferenças e hierarquias das dicotomias “simétricas” instaladas como: homem/mulher; branco/negro; norte/sul. Diante deste cenário, Boaventura (2002) propõe expandir o

presente através de uma sociologia das ausências, como também, contrair o futuro através da sociologia das emergências.

Portanto, contrapondo a esta razão indolente, este autor nos propõe as “sociologias” das ausências e das emergências, pois estas possibilitam atravessar os conhecimentos oficializados num determinado tempo/espaço, produzindo visibilidade de experiências possíveis que não são dadas a priori.

Segundo Boaventura, a sociologia das ausências “trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe” (2002, p. 246). O objetivo desta sociologia é transformar objetos impossíveis em possíveis e assim transformar ausências em presenças. Levanta, pois, questões como: o que existe nas Capoeiras que independe e escapa dos currículos oficiais e dos saberes científicos? De acordo com este autor, existem cinco lógicas de “não existência” que devemos combater e que vamos apresentar tentando conectar com a produção da prática das Capoeiras de hoje.

A primeira lógica e mais potente, que devemos combater, é a monocultura do saber, que coloca o saber científico como fonte única de um conhecimento universal, pois:

Essa monocultura reduz de imediato, contrai o presente, porque elimina muita realidade que fica de fora das concepções científicas da sociedade, porque há práticas sociais que estão baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos, mas que não são avaliados como importantes ou rigorosos. E, como tal, todas as práticas sociais que se organizam segundo este tipo de conhecimentos não são críveis, não existem, não são visíveis (BOAVENTURA, 2007, p. 29).

Assim, os conhecimentos, os métodos, as práticas e os espaços reconhecidos como legítimos na promoção de uma possível educação institucional dominante, estão ligados aos enquadres e aos modelos produzidos por esta racionalidade ocidental hegemonicamente instalada nas instituições oficiais de ensino. Este panorama acaba por desconsiderar nas instituições de ensino, outros métodos, saberes, espaços e práticas, como a própria prática da Capoeira, que se tecem às redes educativas dos sujeitos praticantes de um cotidiano vasto, múltiplo e rico em potência, intensidade e criação.

Entretanto, podemos problematizar o próprio Universo “das Capoeiras”, com seus diferentes saberes, escolas e estilos, que produzem e naturalizam diversos currículos e conhecimentos considerados “oficiais” por alguns Mestres e Professores, direcionando todos praticantes num tipo de aprender e de saber.

É neste sentido que pensamos os cotidianos com “as Capoeiras” de Viçosa, buscando acompanhar quais currículos elas colocam em prática e quais são as redes educativas que se conectam e atravessam seus praticantes, pois “dessa maneira, o dentrofora que esses contatos permitem exige que pensemos bem largamente os conhecimentos e os conteúdos que formam e conformam os currículos” [...] (ALVES, 2013, p. 41).

Diante disto, Nilda Alves (2013) nos fala que a compreensão deste dentrofora e das marcas que todos nós carregamos a fez afirmar que é impossível os processos sociais mais amplos, não estarem incorporados aos processos desenvolvidos nos currículos. Portanto, as tantas marcas que carregam os praticantes das escolas e das Capoeiras, foram criadas nas redes educativas vivenciadas pelos mesmos, dentrofora destes mesmas Capoeiras.

Inês Barbosa de Oliveira (2013) nos fala, portanto, que os currículos não são produções neutras e desencarnadas, mas “pensadospraticados” numa produção curricular dos “praticantespensantes” cotidianos, para além das propostas oficiais das escolas (e das Capoeiras) buscando compreender, com apoio em Certeau (1998; 2002), as formas de invenção destas alternativas curriculares e as “artes de fazer” dos praticantes marcados pelo local de reprodução. Assim, ela nos diz que:

Entendendo esses *praticantespensantes* como criadores de currículos nos cotidianos, assumimos esse processo criador como resultado, sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais – advindos das diferentes teorias com as quais entraram em contato em diversos momentos e circunstâncias de suas vidas – e outros conhecimentos, dando origem, portanto, a currículos *pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2013, p. 47).

O nosso desafio é buscar compreender os modos que estes praticantes, que neste caso pertencem às Capoeiras, produzem, consomem e usam de diferentes maneiras estas Capoeiras. Para Oliveira (2013) toda criação curricular envolve processos de reflexão e produção de ações enredadas em um movimento circular denominado de “prácticateoriaprática”, sendo que sua preocupação recai sobre o potencial emancipatório do currículo praticado no cotidiano. Tal emancipação é entendida:

[...] como possibilidade de criação de relações mais ecológicas entre os diferentes conhecimentos, temporalidades, culturas, escalas e sistemas de produção, por meio da superação das monoculturas hegemônicas nas sociedades ocidentais da atualidade, considerando indissociáveis o campo epistemológico e o político (OLIVEIRA, 2013, p. 48-49).

Diante deste contexto, Oliveira (2013) nos fala da busca por desinvisibilizar práticas sociais/educacionais não compreendidas ou percebidas nas lógicas das

monoculturas hegemônicas, amparando-se na Sociologia das ausências e emergências que buscam ampliar o presente através do reconhecimento das experiências desperdiçadas pela redução da realidade produzida pela razão indolente. Assim, entendidos como invenção invisibilizada pelo pensamento hegemônico ocidental, esses currículos praticados e seus saberes fabricados, seja nos cotidianos das escolas ou das Capoeiras, podem e devem ser acompanhados e discutidos de maneira que possamos compreender para além daquilo que neles obedecem às normas, às regras e ao controle.

Um dos nossos objetivos é dar visibilidade a uma possível multiplicação de experiências emancipatórias que dialogam de alguma forma com as dinâmicas apresentadas nos espaços das Capoeiras estudadas. Portanto, no campo desta pesquisa, ao compreendermos estes currículos praticados como invenções nos cotidianos dos praticantes das Capoeiras, estaremos observando os usos singulares que estes sujeitos fazem das normas e regras que são dadas para o consumo. Assim, por meio de um diálogo entre estas diferentes instâncias, apostamos na perspectiva que as redes de conhecimento tecidas por estes praticantes constroem currículos emancipatórios relacionados aos embates políticos e ideológicos que circundam todos os espaços da sociedade brasileira, como as escolas, as Capoeiras e as políticas curriculares.

Acreditamos que, cotidianamente, são criados conhecimentos e saberes relevantes não só para a vida, mas também para o desenvolvimento de múltiplas Capoeiras e novas maneiras de praticá-las. Portanto, o cotidiano das Capoeiras não é um espaço/tempo apenas para a mesmice e para a repetição das normas, regulamentos, regras e gestos, mas um espaço/tempo que contribui para a invenção de conhecimentos e saberes, para a produção dos sentimentos, pensamentos e para ações voltadas para a emancipação social. Diante disto, à medida que esta emancipação desinvisibiliza outros modos de produção de conhecimento que questionem as hegemonias e as relações hierárquicas, ela permite reconhecer os praticantes como produtores de saberes, valorizando outras formas de conhecer, ser e estar no mundo.

Na próxima etapa, vamos descrever os caminhos percorridos por esta pesquisa, além dos passos seguidos por este pesquisador/ professor/praticante buscando uma reflexão epistemológica e metodológica conectada às perspectivas das pesquisas com os cotidianos, que aqui são dos grupos de Capoeiras de Viçosa-MG.

3 CAMINHOS COTIDIANOS

O cotidiano se inventa com mil maneiras da caça não autorizada
(CERTEAU, 2002, p. 38).

Acredito que para produzir uma pesquisa, é preciso construir caminhos nunca antes percorridos, abrir trilhas por onde nunca passamos, sem saber para onde iremos. Diante disto, para construirmos estes caminhos da pesquisa foi necessário experienciá-lo, pois o cotidiano se faz como processo em constante movimento e dotado de imprevisibilidade.

Assim, entendo as metodologias de pesquisa como movimentos e ações que também têm que levar em conta o inusitado, a imprevisibilidade e o inédito, não limitando este caminhar à representação de uma suposta realidade estática, mas seguindo a diversidade dos processos que atravessam os sujeitos envolvidos na composição de diferentes realidades.

Primeiramente, gostaríamos de anunciar que os caminhos desta pesquisa se fabricaram também no meu próprio caminhar como pesquisador/professor/praticante de Capoeira, pois me encontro mergulhado neste cotidiano, com suas tramas, conectado aos outros sujeitos praticantes. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca investigar as produções de conhecimento e as diversas formas de viver, emergidos através do uso (CERTEAU, 1997) cotidiano dos produtos que são colocados para o consumo nos espaços/tempos das Capoeiras. E, diante deste contexto, “Guardadas as devidas diferenças entre métodos distintos, a pesquisa qualitativa persegue o mundo social através das interpretações dos fenômenos, buscando as vivências, as experiências e a cotidianidade” (ROMAGNOLI, 2009, p. 167).

Alves (2003) indica um breve histórico de como as pesquisas dos/nos cotidianos escolares se enredaram no Brasil e nos conta que existem algumas diferentes tendências destes estudos, sendo a primeira delas de origem norte americana identificando o cotidiano das escolas com a metáfora da “caixa preta” de origem na mecânica, na tecnologia, na teoria de sistemas e no ensino das ciências no qual professores utilizam deste objeto inventado para estimular a invenção e criação dos alunos na tentativa de “imaginar” o que há dentro da caixa.

Num segundo momento, processos de pesquisa são desenvolvidos apoiados em duas concepções, em que a primeira introduz a dimensão cotidiana nos estudos de

currículo para a compreensão da escola e das relações estabelecidas com a realidade social. Metodologicamente, a participação ativa é necessária através de reuniões em um processo nomeado de pesquisa participante. A segunda concepção indica a necessidade do cruzamento de fontes como a observação do que se passa com a impossibilidade de generalizações das conclusões.

Assim, inicia uma maneira de se pensar o cotidiano escolar incorporando a ideia de complexidade e multiplicidade nos processos deste cotidiano. Posteriormente, através de outros estudos do conhecimento dos múltiplos sujeitos, os professores/pesquisadores são fundamentais no questionamento das diversas práticas através das identificações e das análises nos processos de pesquisa. Isto possibilitou intervenções no cotidiano das escolas que acabaram desenvolvendo alternativas às propostas oficiais.

Outros estudos incorporaram o entendimento de descrever as escolas não só pelos aspectos negativos, mas pelo que se faz e se cria como uma saída possível, sem julgamentos de valor, estudando a realidade produzida pelos múltiplos sujeitos que a praticam. Com os estudos culturais introduzidos no Brasil e a criação de grupos de pesquisa em torno das questões emergidas dentro deles, foi possível a ampliação dos trabalhos através da compreensão das relações entre os múltiplos cotidianos dos sujeitos levando em consideração os aspectos culturais com os quais estes sujeitos tecem suas relações.

Diante disto, variadas discussões em torno dos tantos cotidianos em que vivemos nos dias de hoje fazem uma crítica ao modelo da ciência moderna, que, no seu constituir, considerou os conhecimentos cotidianos como “senso comum” a ser superado pelos conhecimentos científicos. Assim, Alves (2003) conclui que:

Buscando superar este entendimento moderno, vem sendo desenvolvida uma série de reflexões que permitem, ao ensaiar respostas diferentes das hegemônicas, avanços na compreensão do que são e do que podem representar os chamados estudos culturais no/do cotidiano para a ampliação do nosso entendimento a respeito de alguns processos sociais que foram negligenciados pelo fazer científico, na modernidade (p. 65).

A partir deste contexto, Ferraço (2007) provoca uma reflexão sobre o cotidiano e as pesquisas “com” o cotidiano, não fechando esta questão a uma estrutura ou sistema universalizante, mas, pelo contrário, apontando para a complexidade da vida cotidiana e suas invenções. Portanto, as pesquisas com o cotidiano indicam para o estudo da complexidade, e uma diversidade de caminhos e outras possibilidades teórico-epistemológico-metodológicas. Assim, a ideia é “superar o aprisionamento do cotidiano

em categorias prévias, e a impossibilidade de assegurar usarmos o singular para tratar a diversidade que se manifesta na vida” (FERRAÇO, 2007, p.73).

Ferraço (2007) discute a respeito das redes saberes/fazer e as invenções cotidianas que extrapolam os limites territoriais do objeto de estudo, e que se encontram conectadas a vários sujeitos cotidianos. O pesquisador ainda discute sobre os movimentos de tessitura destas redes e sua influência na produção das questões de pesquisa, que podem emergir cotidianamente diante das necessidades e dos usos dos sujeitos. Este autor ainda defende que uma metodologia de análise a priori, que antecede a experiência “com” o pesquisar, exclui a possibilidade do “fazer junto”; prevê, mas não pode garantir o que poderá acontecer.

Para Ferraço (2007), as categorias, as estruturas e os conceitos se mostram como elementos operacionais que facilitam as análises e embasam academicamente as alternativas metodológicas. Contudo, neste trabalho, ao invés de uma estrutura e de um sistema formal embasado na categorização, conceituação e classificação da vida cotidiana, pensamos o cotidiano como “redes” de saberes/fazer tecidos “junto” aos sujeitos praticantes das Capoeiras (de variadas faixas etárias) dentro e fora dos territórios e espaços (das academias, escolas e estilos) que contemplam o nosso “objeto” (Capoeira) de pesquisa. Ferraço ainda destaca que “as redes não estão no cotidiano. Elas são o cotidiano!” (2007, p. 78). Assim, ele conclui que:

Com isso, assumimos que qualquer tentativa de análise, discussão, pesquisa ou estudo com o cotidiano só se legitima, só se sustenta como possibilidade de algo pertinente, algo que tem sentido para a vida cotidiana, se acontecer com as pessoas que praticam esse cotidiano e, sobretudo, a partir de questões e/ou temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas. Isto posto, precisamos considerar então que os sujeitos cotidianos, mais que objetos de nossas análises, são, de fato, também protagonistas, também autores de nossas pesquisas (FERRAÇO, 2007, p. 78).

Outro indício deixado por Ferraço (2007), e seguido por nós, é o de ser seduzido pela vontade de ajudar os sujeitos praticantes deste cotidiano pelo fato da pesquisa “com” cotidiano estar envolvida com “nós” mesmos, com nossas histórias, nossas identidades e nossos lugares. Assim, a presente pesquisa com os cotidianos das Capoeiras vem sendo tecida em processos de constituições das redes em diferentes espaços/tempos vividos por sujeitos praticantes destas Capoeiras na cidade de Viçosa-MG.

Por fim, nas pesquisas “com” os cotidianos há uma busca por “nós” mesmos e pela realidade construída a partir das informações produzidas pelos instrumentos metodológicos, juntamente com as percepções e análises do pesquisador/participante,

que deverão compor um mapa das redes emergidas (entre os sujeitos, o objeto e o pesquisador) como uma entre múltiplas possibilidades de produção cotidiana dos territórios, das identidades, da cultura e de formas de educar e de construção de conhecimentos na cidade de Viçosa. Assim,

É neste sentido que a experiência da pesquisa ou a pesquisa como experiência faz coemergir sujeito e objeto de conhecimento, pesquisador e pesquisado, como realidades que não estão totalmente determinadas previamente, mas que advêm como componentes de uma paisagem ou território existencial. Habitar o território da pesquisa permite compreender que o fenômeno estudado é um mundo amplo e diversificado, tal como o mundo da capoeira (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p. 148).

Neste contexto, o pesquisador é introduzido numa rotina singular que não separa ação e reflexão, teoria e prática, e que acolhe e ao mesmo tempo é acolhido na diferença que emerge nas relações entre pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, eu e mundo. Entretanto, não temos a pretensão de nomear uma metodologia específica para esse trabalho acadêmico.

Nosso percurso metodológico constituiu-se ao “inventar” alguns movimentos práticos para se produzir os dados. Posso descrever que, no primeiro movimento, me lançava à campo nas aulas de capoeira como professor, com objetivos e planejamentos, mas atento aos sinais como se estivesse num jogo da roda (da vida), sem qualquer previsão ou planejamento prévio, apenas agindo e reagindo com a imprevisibilidade de uma aula. Os acontecimentos fora das aulas ligados às tramas das Capoeiras também se faziam como sinais e pistas de composições para o presente trabalho.

Um segundo movimento para produção dos dados, foi o que se utilizava da memória para os registros e anotações das observações, dos fatos e das experiências diárias em um caderno de campo usado como um diário para a descrição das rotinas das aulas e dos acontecimentos dos encontros com os grupos posteriormente retomados numa releitura em um processo de reflexão. Este diário depois passou a ser o computador. Este exercício prático se repetia todas as terças e quintas, após as observações obtidas na inserção do campo com o grupo da Ginga Brasil (grupo A) e depois nos encontros com os outros dois grupos (B e C). O grupo A é identificado por se tratar do grupo no qual pertencço e sou responsável.

As reflexões e os agenciamentos aconteciam muitas vezes horas, dias ou semanas depois dos fatos, como também outras lembranças que emergiam no momento da releitura e reescrita dos registros. As leituras e as referências teóricas nos acompanharam o tempo todo nas reflexões, discussões e escritas.

As entrevistas foram os momentos de mais emoção e alegria que afetaram alguns praticantes. Estes encontros aconteceram fora das salas de aula das Capoeiras e em momentos específicos, geralmente nas residências ou espaços escolhidos pelos entrevistados. As entrevistas constavam de 10 questões pré-estabelecidas a respeito do contato dos praticantes com as rotinas, as normas e os outros praticantes que poderiam abordar qualquer temática e/ou serem acompanhadas nos discursos e nas experiências observadas no campo.

Portanto, realizei um trabalho de 3 meses de acompanhamento entre os meses de setembro e dezembro de 2017, composto pelas anotações, descrições e, posteriormente, análise das rotinas e acontecimentos das aulas do grupo a qual pertencço da academia Ginga Brasil- Viçosa, que se intitula como uma Capoeira Contemporânea, e aqui é representada nesta pesquisa como grupo A.

Para compor este trabalho, escolhi outros dois grupos pela proximidade com a Ginga Brasil, mesmo sendo de escolas diferentes de uma Capoeira Contemporânea e outra de Capoeira Angola. Distingui os 3 grupos por possuírem diferentes lideranças, modos e espaços voltados para a prática das aulas. O nosso contato com os outros grupos (B e C) da cidade foi realizado por meio de visitas, que chamamos de encontros, nos dias e locais dos treinamentos. Neste universo das Capoeiras, é difícil o acesso às rotinas dos grupos e aos discursos dos praticantes sem um vínculo anterior ou de proximidade, devido às disputas por espaços e alunos e pelos confrontos de corpos e de ideias.

A princípio, foram programados 3 encontros para o grupo B e mais 3 para o grupo C, sendo 1 encontro voltado apenas para a observação, outro para a participação direta nas atividades e um terceiro para as entrevistas, não havendo uma ordem definida destas etapas. Portanto, com estes dois grupos utilizei 6 encontros para a construção dos textos, sendo 3 em cada um deles.

Assim, na produção dos dados com os 2 grupos (B e C), foram realizados 2 encontros como observador-participante e 1 como entrevistador, sendo que somente com o grupo A foram utilizadas 2 entrevistas, pois o grupo foi acompanhado durante 3 meses através da minha prática de atuação como Professor responsável pela academia Ginga Brasil - Viçosa.

Estes grupos pesquisados serão apresentados pelas narrativas das nossas visitas relacionadas a episódios do cotidiano e das rotinas do trabalho com a prática. Os

encontros foram com duas Capoeiras Contemporâneas e uma Capoeira Angola, estando estes trabalhos voltados para crianças, jovens e adultos.

As narrativas de alguns praticantes estarão presentes nas conversas e nos diálogos produzidos também longe dos gravadores, e podem nos dar indícios dos processos de produções de saberes e afetos a se anunciarem em desejos e nas formas de pensar, falar e agir. Realizamos no total 12 entrevistas semi-estruturadas somadas a todos os grupos com os praticantes com mais de 6 meses de prática em cada, sendo 8 entrevistas no grupo A e 4 entrevistas voltadas para os praticantes e responsáveis pelos grupos B e C. Para todas as entrevistas, utilizamos os apelidos (usados ou não nas Capoeiras), com a devida autorização, como forma de identificar o praticante no trabalho e ao mesmo tempo manter em sigilo os nomes reais dos praticantes.

Alguns diálogos e conversas foram emergindo com os praticantes e exploradas quando tínhamos o indício da existência de algo que poderia ser discutido. Algumas destas conversas aconteceram nos momentos dos treinamentos ou fora do espaço de treino por meio de um encontro específico para tal finalidade.

Agora, vamos imergir nos cotidianos de três grupos de Capoeira da cidade de Viçosa acompanhando seus praticantes e suas invenções, como também suas dinâmicas através das rotinas e das regras buscando mostrar os sinais dos encontros com outros corpos praticantes que nos indicaram outras formas de produção de conhecimento e subjetividade expressa nos modos de ser e estar com o mundo.

Mergulharemos, então, nas produções dos modos de existir e afecções dos praticantes cotidianos destas 3 Capoeiras pesquisadas da cidade de Viçosa, narrando fatos e cenas utilizando das entrevistas e das conversas, além de tentar estabelecer um diálogo com os teóricos que fundamentam esta pesquisa, atentos aos movimentos produzidos nas relações entre os indivíduos e com os grupos.

4 AS CAPOEIRAS DE UMA CIDADE, SEUS PRATICANTES E A PRODUÇÃO DE REALIDADES

Aprende-se a ser humano não pelo somatório de informações ou a mera acumulação dos fatos, mas pelo mergulho em relacionamentos que promovem contágios entre as diferentes dimensões da existência. Aprende-se tomado em agenciamentos (LOPES, 2010. p. 90).

Nesta etapa, apresentarei as narrativas que dizem respeito aos encontros produzidos em 3 diferentes Capoeiras da cidade de Viçosa - MG, e suas produções de realidades através das relações com as diversas formas de viver, jogar e pensar as Capoeiras. Acompanhei algumas tramas e formas de viver que me chamaram a atenção pelos incômodos, e que acabaram dando indícios para as produções de conhecimentos, de afetos e de subjetividades pelo objeto Capoeira. Os grupos foram escolhidos pelos laços próximos de amizade com os seus professores responsáveis, o que potencializou o acesso às rotinas e ao cotidiano repleto de repetição, invenção e uso. Seguimos e elencamos alguns praticantes que afetaram por meio das suas falas, gestos e condutas, potencializando uma conexão com as teorias discutidas, mais que engendraram múltiplas realidades e formas de viver.

4.1 O grupo A e “uma Capoeira de São Paulo”

O grupo A de Capoeira é representado pela Academia Ginga Brasil da Cordão de Ouro – Viçosa, que possui sua matriz em Taubaté- SP, local de uma parte da minha formação na Capoeira.

Atualmente, este grupo se encontra localizado numa academia de lutas da cidade de Viçosa, no interior de Minas Gerais, mas foi criado no ano de 2011, após um acontecimento que mudou a minha vida em 2010 produzido no encontro que me uniu a Rapunzel, uma ex- praticante do grupo B desta pesquisa.

Neste grupo A, seguimos as normas e o regulamento geral da academia Ginga Brasil, construída por Mestre Quebrinha, aluno de Mestre Suassuna, fundador da

Cordão de Ouro. Atualmente, a academia Ginga Brasil (com raízes na Cordão de Ouro) em Viçosa, é composta por dois grupos de alunos, sendo um constituído em uma escola particular da cidade e outro construído numa academia de lutas de Viçosa.

Através das maneiras próprias de se fabricar a Capoeira, a Ginga Brasil de Viçosa mistura os seus próprios processos às normas de sua matriz, demarcados no símbolo dos uniformes e na obrigatoriedade da compra e do uso deles, na formação da bateria e uso dos toques, no ritual de entrada na roda para o momento do jogo, no sistema de graduação e disciplinamento do corpo, na modelação da conduta e nas obrigatoriedades financeiras. Essas diretrizes norteiam às ações de atuação do grupo A na cidade de Viçosa, em Minas Gerais, mas alguns escapes produziram processos inventivos e de singularização no cotidiano desta Capoeira. É interessante destacar que, desde 2011, o grupo A atravessou e foi atravessado por mais de 400 praticantes nos trabalhos com escolas públicas e privadas, por meio de editais e projetos, ou por iniciativas próprias e de cunho social mencionadas nesta pesquisa.

O trabalho na academia de lutas teve início no ano de 2015, e atualmente o grupo é dividido em duas turmas que se encontram estruturadas em aulas voltadas especificamente para as crianças de 3 a 13 anos, na rotina de 2 treinos por semana, no período da manhã e, além disto, aulas direcionadas para o público adulto em 2 treinos por semana no período da noite.

Atualmente, a turma que estaria direcionada para o público infantil, mas se fabrica como turma mista e conta com 15 praticantes, entre 4 e 47 anos de idade, compondo uma Capoeira que conta com a participação de algumas famílias com irmãos e mães. É interessante destacar que alguns dos praticantes adultos deste grupo utilizaram a turma infantil como porta de entrada para a prática de uma Capoeira, que pôde ser usada pelos adultos deste grupo “infantil” como forma de se aproximar da família ou como uma maneira de vencer a barreira da timidez diante dos desejos em aprender Capoeira.

A turma voltada para os adultos, do período da noite, é composta por 9 alunos, sendo 4 homens e 5 mulheres entre 20 e 59 anos. Portanto, o grupo A pesquisado contou com 24 praticantes de Capoeira entre homens, mulheres e crianças da academia como participantes em potencial, pois os participantes não haviam sido escolhidos previamente antes da realização da observação nas aulas.

Entretanto, como o grupo poderia se multiplicar com a chegada de “novos” sujeitos, avaliei a possibilidade de envolver diferentes praticantes, como também

instrumentos diferentes de produção e análise dos dados. Para os adultos, realizamos conversas, 5 entrevistas semiestruturadas e observações que anotamos em um caderno de campo para as descrições e reflexões dos fatos ocorridos nas aulas coproduzidas. Com as crianças que possuem entre 3 e 13 anos de idade, realizamos também as observações participantes das aulas e 3 entrevistas semiestruturadas.

As duas praticantes entrevistadas deste grupo, e apresentadas neste trabalho, treinam atualmente nas 2 turmas (das crianças e dos adultos), mas suas histórias com esta Capoeira tiveram início nas aulas voltadas para as crianças, no grupo infantil que pratica no período da manhã no espaço do subsolo da academia. Esta turma é resumida por alguns praticantes como “escondida dos julgamentos dos adultos”. O maior contato com as duas praticantes, devido à maior frequência nos treinamentos tanto nas turmas da manhã e da noite do grupo de praticantes, foi fundamental na escolha das entrevistas apresentadas.

4.1.1 Porcelana e sua “Capoeira sensível”

Porcelana é nascida na cidade de Viçosa- MG e atua como professora de Inglês após ter se formado em Letras, sendo que atualmente cursa Psicologia numa faculdade particular da cidade. Ela possui 34 anos de idade e, além da Capoeira, atualmente pratica balé e yoga. Esta praticante nos contou que, por muitas vezes, assistiu a Capoeira na praça central da cidade, e após ter retornado ao Brasil depois de ter residido por 2 anos nos Estados Unidos, resolveu tentar realizar o desejo de anos atrás, buscando saber em Viçosa onde poderia encontrar um espaço fechado voltado ao ensino da prática da Capoeira. Inicialmente, não encontrou um espaço que tivesse as aulas apesar da cidade oferecer e abrigar várias Capoeiras.

Diante disto, um dia, por acaso, foi até o Centro de Treinamento (CT) da academia de lutas procurar saber a respeito de outras modalidades. Então, chegando à academia, descobriu que lá possuía aulas de Capoeira para crianças e adultos. Assim, logo se matriculou na turma das crianças, pois se sentia muito envergonhada em expor seu corpo a um possível fracasso ou julgamento, além de recear uma possível queda que fosse lhe machucar.

Após algum tempo, Porcelana contou que percebeu nas aulas de Capoeira uma boa dinâmica pautada de uma capacidade de manter o lúdico das atividades e brincadeiras das crianças e sanar as dificuldades e limitações dos adultos. No início não entendi o que ela me disse, mas percebi que a Capoeira estava fazendo bem para ela.

Porcelana já pratica Capoeira há dois anos e frequenta os treinos quatro vezes por semana, sendo dois no período da manhã e dois no período da noite, chegando a deixar um emprego para não perder as aulas da noite. Nas suas lembranças, ela relata as dificuldades e os afetos que emergiam nos primeiros contatos que teve com a prática da Capoeira no grupo A:

Ahh... sabe o que eu lembro que você falou e a gente estava aquecendo e era para tipo, tinha uma dinâmica de montar cavalinho. Aí, por exemplo eu seguraria o Raul (nome fictício) enfim... e ali e, a partir desta aula de capoeira, que eu fui vendo que eu tinha dificuldade com o toque. Eu nem sabia isso, porque eu não era assim antes da minha experiência em outro país. Enfim, eu tive bastante dificuldade de chegar muito perto de outras pessoas e tal... de ter esse contato físico com o outro!²¹

Neste acontecimento, a afecção pelo tato e pelo contato com outro corpo até então desconhecidos por ela, diminuiu a potência de Porcelana produzindo o bloqueio das ações e uma tristeza com esta Capoeira, que acabaram interferindo nas ações desta praticante no momento da aula. Diante deste contexto, percebi que as rotinas dos treinos com chutes e quedas, ou que possuem certo tipo de contato físico, tornaram-se para ela uma enorme dificuldade e grande barreira a ser vencida literalmente com suor e lágrimas derramadas em algumas situações de treino.

Porcelana possui duas irmãs, sendo uma irmã mais velha e outra mais jovem e vem de uma família de base cristã, onde desde pequena conviveu com o cotidiano da igreja. Os seus pais não concordam com a participação dela neste grupo de Capoeira, pois justificam que a prática traz muitos riscos à saúde (corpo) da praticante. Já para as irmãs, a Capoeira ainda é um sonho, supõe Porcelana. E assim, devido ao seu sonho, nossa praticante explica porque ainda continua treinando:

Nossa!... pra mim o que me fez continuar foi a mudança que houve na minha vida no meu interior. Eu fui buscar a capoeira porque era, como eu falei, era um sonho que eu tinha mas eu não acreditava que conseguiria por causa das limitações né? Nunca pratiquei esporte na minha vida nunca havia feito nenhuma luta... então assim, tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, tinha uma vida sedentária, uma alimentação terrível, e quando eu comecei a fazer a capoeira, dentro de mim algo foi mudando; uma felicidade interior de olhar pra mim, de ver que eu consegui fazer alguns movimentos que por mim eram idolatrados e, como você sabe no começo as aulas eram... e eu só frequentava segunda e quarta lá em baixo no subsolo... eu não ia lá em cima!

²¹ Trecho da entrevista do dia 15/10/2017 para esta pesquisa.

Não à noite porque era todo mundo né ...saudável e buscando. Eu tinha muita dificuldade com essa questão da imagem mesmo, então eu não conseguia olhar no olho do outro e nem me olhar no espelho. Então eu continuei na capoeira porque a capoeira me fez conseguir olhar pra mim e conseguir ver que eu sou capaz.

A maneira de se enxergar através de produção de sentimentos de menos valia e a forma de habitar um mundo se escondendo dos desafios é expressa na relação de Porcelana com seu corpo e sua imagem, que, após seu encontro com a prática da Capoeira do grupo A, atravessaram os contornos da roda.

Entretanto, os sentimentos foram se modificando com o tempo, e Porcelana passou a se compor com a alegria de se sentir capaz, abandonando em alguns momentos, as paixões tristes das normas, regras e hierarquias desta Capoeira. Além disto, Porcelana possui um jeito próprio de se compor com as regras do regulamento deste grupo, burlando por várias vezes as imposições destas normas. Assim, por diversas vezes, Porcelana não respeitou a obrigatoriedade do uso do uniforme branco com o cordão que representa o nível de graduação, além dos atrasos constantes relacionado aos horários dos treinos. A praticante, por diversas vezes, também burlava a execução de vários exercícios ou o número de repetições destes nas aulas. Isso muitas vezes também me afetava, levando-me a chamar a sua atenção para estes compromissos assumidos ao praticar a Capoeira com o grupo.

Apesar disto, para ela, estes modos de disciplinamento são saberes fabricados no dia a dia através destas normas, como o próprio uso do uniforme e do cordão. Entretanto, estes modos podem se modificar de acordo com os usos dos praticantes ou através de processos singulares produzidos nas relações diárias entre os corpos engendrados em acontecimentos imprevisíveis nos cotidianos das práticas.

Em uma ocasião, em uma das aulas, Porcelana chegou atrasada e um pouco nervosa para treinar sem seu uniforme e seu cordão, e após ser cobrada a respeito, caiu em prantos descontroladamente, pois neste dia ela estava com muitas dores. Segundo ela, um caso com uma lição que produziu um saber, pois:

[...] o que que eu aprendo com você como educador...você me perdoou como pessoa né? Com este estresse que tive, você me acolheu no momento que eu chorei muito naquele dia e você me recebeu como se nada tivesse acontecido na outra aula.

Neste mau encontro, muito tenso por sinal, fui muito afetado e a partir daí, a obrigatoriedade do uso do uniforme branco com o cordão ganhou uma flexibilidade que

não possuía antes, principalmente em relação aos corpos femininos, que durante o período menstrual não precisam treinar de branco.

A praticante ainda contou que, na Capoeira, sua autoestima e sua relação com o corpo se transformaram. Quando discutimos a respeito dos aprendizados produzidos com a Capoeira, ela nos fala a respeito da produção do “saber observar a roda”, que:

Pra mim, foi fundamental ver, o que que é observar a roda? Antes da gente entrar na capoeira e fazer o nosso jogo, é ver com quem tá jogando, qual é a intenção da pessoa então quando eu chego no ambiente. Eu tenho mania de só fazer aquilo que tem na minha cabeça e agora eu consigo observar o ambiente antes de mergulhar nas minhas vontades... então foi uma lição tremenda!

Aqui, Porcelana nos fala a respeito da capacidade de regular os desejos e refrear as ações, além do seu encontro com o outro, com a alteridade e com o espaço alheio. Segundo ela, este saber se traduziu para o cotidiano, sendo usado (CERTEAU, 2002) quando foi convidada por um amigo para uma festa e, chegando ao local, cumprimentou a todos com “boa noite”, sendo que, naquele exato momento, uma das pessoas da mesa se virou, dando as costas com a cadeira. Antes de ela se aproximar, Porcelana “observou a roda” e, através da ação daquela pessoa, percebeu que sua presença não era bem vinda. Após isso, segundo ela, a situação ficou muito tensa.

Outro saber importante foi a persistência, pois ela e outra praticante apelidada de Sabiá, eram as únicas adultas no grupo das crianças e, ambas apresentavam muitas dificuldades no aprendizado dos movimentos e gestos. Porcelana confessou que um dos maiores desafios encontrados na Capoeira foi participar das aulas voltadas para os adultos, pois na sua concepção, os adultos eram todos atletas e saudáveis. Assim, ela manifesta a produção de um conhecimento de si como frágil e “doente”, incapaz de se assumir como uma potência.

A companhia de outros praticantes como Sabiá, Brigadeirão (apelido) e Vovojão (apelido), representou um grande estímulo para Porcelana, pois ela nos fala da solidariedade construída pelo grupo, principalmente com os membros iniciantes onde “todos param sua Capoeira para ajudar o novo membro”. Para Porcelana, tudo passou a ser uma questão “familiar”, em que os membros do grupo se produziam como uma família que acolhe e que abriga, que segundo ela, “no balé, por exemplo, não acontece, pois a maioria dos praticantes são medianos ou avançados e não existe este cuidado com os membros iniciantes”.

Além de não haver aquele vínculo como família, no balé, segundo suas palavras, quase ninguém sabia o seu nome. Para ela, portanto, não havia “aquele momento e

ensinamento de se conhecer e viver bem”, pois sempre, no final das aulas, discutimos a respeito das coisas sobre a vida e nossos relacionamentos. A problemática de Porcelana com a Capoeira atravessa seus desejos e expectativas de cuidado e acolhimento, pois ela possuía o medo de se ver exposta e desamparada. Portanto, o acolhimento naquele grupo de Capoeira se compunha para ela como “família”.

O saber suportar críticas, piadas e brincadeiras são frequentes no cotidiano desta Capoeira e isso é uma das coisas que ensinaram Porcelana a ser forte e, ao mesmo tempo, ter senso de humor, pois segundo ela, sua sensibilidade era exposta de uma forma e acolhida de outra ao mesmo tempo.

Para Porcelana, tanto na prática da Capoeira como na prática das aulas de inglês, se sentia exposta a riscos, mas mesmo assim, tentava exercitar diariamente sua coragem e persistência como ela fazia com a Capoeira. Desta maneira, para ela, a melhor forma de aprender “é levar a prática para nossa vida e para o dia a dia” e, como faz com a Capoeira, ela orienta os seus alunos a fazerem o mesmo com o inglês, tentando praticar de alguma maneira todos os dias, seja lendo um texto, escrevendo um poema ou assistindo um filme.

Após algum tempo, a transformação relacionada às normas e autoestima foi manifestada numa mudança de comportamento relacionada a uma maior adesão e compromisso no uso do uniforme e cordão, aos modos de se exercitar, ou, como ela mesmo resume, no modo de se olhar no espelho, vendo-se conquistando etapas e objetivos, além da maneira como é admirada por alguns não capoeiristas. Quando perguntada a respeito do que mais gosta na Capoeira, Porcelana respondeu:

[...] Eu vou falar do aspecto físico e do aspecto espiritual (risos). Dos aspectos físicos, digamos assim, da luta em si, dos golpes. Eu adoro ficar de cabeça pra baixo, fazer o Aú. Era um sonho de criança fazer uma estrelinha, mas eu não podia porque é arriscado. Então eu nunca tive permissão pra tentar porque eu nunca tentei e nunca fiz uma estrelinha. Então, na capoeira, eu tive a oportunidade de aprender... E a parte espiritual ligada também à questão cultural né? Essa luta, a história da capoeira como resistência àquilo que as pessoas do nosso país passaram, aquilo que elas fizeram, àquilo que representou a capoeira... Mas eu acho que o mais forte, o principal que me faz querer ficar na capoeira para sempre, é essa possibilidade de me olhar no espelho e um dia me ver como capoeirista... Eu me vejo ali. Eu gosto de estar com o uniforme, porque quando me vejo com uniforme, me vejo como capoeirista e me ver como capoeirista nunca foi possível.

Na relação com esta Capoeira, Porcelana foi deslocada sendo colocada diante de regimes de sensibilidade que ela vivenciava como alguém que enfrentava os fracassos, mesmo estando diante do medo de errar e sofrer. A respeito das limitações, ela nos conta que possui muitas e nos diz que a principal estava relacionada à sua “mente”, que

possuía uma tendência a enxergar mais suas falhas e defeitos, deixando as coisas boas de lado. Diante disto, esta pista nos aponta uma realidade na qual ela se sentia oprimida diante das suas expectativas, sendo uma visão de mundo que acompanha diversos praticantes.

A praticante nos confessou que sua tendência é de se produzir frágil diante dos desafios, mas praticar Capoeira com Sabiá a fez enxergar seu lado potente permitindo-se errar mais e também arriscar-se e sofrer nessa tentativa. Algo impossível para ela até então.

Podemos observar, então, a produção de outra experiência de “eu”, pois esta Capoeira forçou novas produções de si, diante de praticantes constituídos em diferentes afecções. Portanto, Porcelana sensivelmente se produz frágil e insegura diante de uma Capoeira que a força a sair da sua “zona de conforto”, marcada por um modo de produzir a vida em que parece se enxergar incompetente em várias dimensões. Assim, ela não se considerava capaz de enfrentar as pressões desta Capoeira e da vida, pois iniciou seu contato com a prática no treino voltado para as crianças da academia, temendo ser avaliada pelos adultos. Entretanto, a praticante conseguiu fabricar movimentos singulares, a partir desta Capoeira, que a possibilitaram questionar sua autoimagem como incompetente e frágil como verdade para orientar suas lutas na roda da vida.

Na invenção de si com a Capoeira, ela me surpreendeu entregando um poema²² (figura 11) que escreveu após um bom encontro com esta Capoeira depois de uma aula.

²² Parte escrita em inglês: “dois caminhos dobrados”; “palavra de dois gumes”; “é uma captura perdida”.

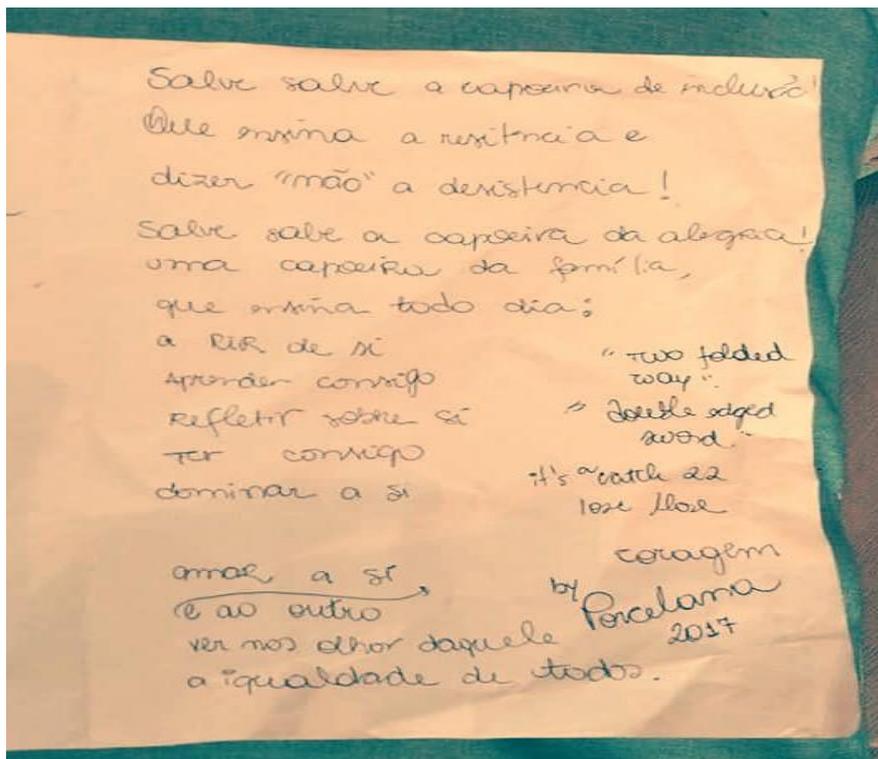


Figura 11-Poema escrito e entregue por Porcelana no dia 15/10/2017 na entrevista.
Fonte: Arquivo Professor Veizada.

Porcelana foi muito auxiliada em sua inserção na Capoeira por Sabiá (apelido), nossa próxima entrevistada. Esta praticante também é mulher e companheira de treino desde o início de Porcelana na turma das crianças. Apelidada pelo grupo de “Sabiá”, ela adora cantar, tocar e escutar músicas de Capoeira.

4.1.2 Sabiá, seu canto e a “família Capoeira”

Quando da pesquisa, Sabiá tinha 47 anos, era casada e possuía três filhos que praticavam Capoeira. Ela trabalhava como Médica Veterinária de animais de pequeno porte e, além da Capoeira, também praticava balé. Sua família foi fundamental para o estreitamento dos fios entre ela e a Capoeira, uma vez que, Sabiá teve seu primeiro contato com as aulas através dos seus dois filhos mais velhos, que já praticavam há 2 anos. Apesar de nunca se imaginar praticando, em um dia em que foi levar os meninos para à academia, foi apresentada à proposta de uma aula mista entre crianças e adultos, sendo convidada pelo professor e por Porcelana a realizar uma aula experimental.

Atualmente, toda a sua família joga Capoeira, ou seja, os três filhos (dois meninos e uma menina) e o marido, apelidado de Tico-tico. Seus pais são admiradores desta prática como atividade física, mesmo assim, Sabiá afirma que somente quem pratica Capoeira tem a noção da sua dimensão. Para ela, “você aprende a cantar, você aprende a tocar”, mas as pessoas podem escolher e praticar, fazendo o uso apenas como atividade física, se assim desejarem. Mas, cotidianamente a relação muda porque:

Na hora que você vê, você já tá inserido. Não é assim: “eu vou à toa numa roda” não. Você já faz parte daquele grupo, você vai naturalmente, você quer ir. Não é que: Nossa! Tenho que ir naquela roda. Nossa! Tenho que ir naquele lugar. Então você vai porque sua turma está lá, porque as pessoas estão lá. Você gosta daquilo, você quer cantar, você quer rir. É pra todo mundo.²³

A cooperação e os gestos solidários produzidos com esta Capoeira através dos processos fabricados nas aulas, nas rodas e nos eventos constroem saberes importantes que mantêm praticantes como Sabiá neste grupo. Com relação à questão do grupo, Regina Duarte Benevides de Barros (1991) sustenta que:

O grupo não tem relação com a vida privada dos indivíduos que se reúnem em determinado espaço, por um certo tempo, para cumprir certos objetivos. Ele é (ou pode ser) um dispositivo quando trata de intensificar em cada fala, som, gesto, o que tais componentes acionam das instituições (sociais/históricas) e de como nelas constroem novas redes singulares de diferenciação (p. 154).

Diante deste contexto, o grupo é pensado na composição com processos de subjetivação. Isso porque consideramos que a produção do sujeito-indivíduo é coletiva, e pode-se dar por processos de homogeneização universalizante ou também processos de composição heterogênea. Barros (1991) compreende o grupo como dispositivo, sendo que para Foucault (2000) dispositivo:

é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Portanto, dispositivo aqui é entendido como conjunto heterogêneo de fatores que “fazem ver” e funcionar maneiras de existir. Assim, o grupo como processo coletivo é composto em diferentes dispositivos de subjetivação no traçar encontros, fabricar afetos e rupturas, como também tentar produzir “possibilidades de desordenação do modo de produção de subjetividades capitalísticas” (BARROS, 1991,

²³ Trecho da entrevista concedida no dia 04/11/2017 para esta pesquisa.

p. 153). Então, entendemos que tanto práticas discursivas, como não discursivas, como os corpos nas danças das Capoeiras, participam da construção de um dispositivo, que se encontra conectado às dimensões do saber, do poder e dos modos de subjetivação.

Diante disto, esta Capoeira, a exemplo de outras Capoeiras e práticas, se produz como parte de um dispositivo que possui processos de subjetivação que coloca em movimento modos de pensar, condutas, disciplinas e moralidades que modelam as ações dos seus praticantes cotidianos não só deste grupo, mas também de outros como aqueles que já acompanhamos.

4.2 O grupo B e a “Capoeira nativa”

Em 2010, vindo de São Paulo para um evento de Capoeira na cidade de Viçosa, que envolvia o batizado do grupo Cordão de Ouro de Viçosa (e aqui chamado de grupo B), conheci Rapunzel, uma praticante da Capoeira deste grupo. Após este fato, afetado por este encontro, me mudei para a cidade, o que gerou o nascimento do grupo A de Capoeira, aqui apresentado. Pode-se dizer então, que este acontecimento foi um evento não só de Capoeira, mas na vida de praticantes como Rapunzel e eu, em 2010. Daí pode-se dizer que o grupo A nasceu do meu encontro com o grupo B através de Rapunzel.

Este grupo surgiu da iniciativa de 4 amigos que resolveram treinar de forma independente após a saída seu antigo Professor da cidade. Neste processo, outro Mestre conhecido do antigo grupo assumiu os 4 praticantes que ainda se encontravam na condição de alunos, dando um certo suporte ao grupo. Após a mudança de 3 destes amigos para outras cidades, um deles ficou como responsável pelo grupo e desde o ano de 2010, data do meu primeiro contato com o grupo, este já tinha apenas um professor supervisionado por um Mestre da Cordão de Ouro que reside em de Belo Horizonte.

Aos poucos, o grupo B foi aumentando, com a chegada de novos praticantes e, após algum tempo, o grupo se filiou ao grupo Cordão de Ouro, com origem em São Paulo, cujo Mestre fundador Suassuna, foi diplomado por Mestre Bimba, como também um dos pioneiros da Capoeira em São Paulo no início da década de 1970, além de

criador do “estilo miudinho”, considerado, por muitos praticantes, como um novo “modo” ou “estilo” de se jogar Capoeira caracterizado pela não violência.

Assim, este grupo B possui fortes marcas do estilo da Capoeira Contemporânea que defende uma prática não violenta, mais livre, criativa e democrática que eleva e prioriza os valores da amizade, solidariedade e cooperação. O ano de 2011 foi importante porque engendrou a miscigenação de um evento, realizado em conjunto pelos dois grupos, e que envolvia a participação dos praticantes de ambos na realização de seminários e aulas práticas com vários Mestres convidados e com a produção de 2 batizados (figura 12), com objetivo principal de agregar os alunos, fortalecer os laços de amizade entre os praticantes e promover a divulgação da Capoeira da cidade com a realização de um grande evento de Capoeira.



Figura 12- Evento realizado pelos grupos A e B em conjunto em 2011.

Fonte: Arquivo pessoal do Professor Veizada.

Uma das características daquele grupo era a participação de muitas mulheres, como o caso de Rapunzel, geralmente na posição de namoradas ou companheiras dos responsáveis pelo grupo, não havendo nenhuma mulher na posição de responsável ou de destaque na hierarquia daquele grupo. No ano de 2017, este grupo realizou um grande evento que envolvia aulas de Capoeira, o batizado e sua 1ª formatura, com destaque para a participação de uma mulher como primeira formanda do grupo.

O evento contou com várias aulas durante a semana e com o batizado dos alunos das cidades de Viçosa e Coimbra. Para fins desta pesquisa, o meu primeiro encontro

com este grupo correspondeu ao convite que recebi para dar uma aula aos alunos de um projeto social em parceria com uma Associação de moradores em uma escola Municipal da cidade. Na chegada à escola, fui recebido pelo Mestre responsável pelo grupo B na cidade de Viçosa, que logo me levou à quadra onde seria realizada a aula.

Este projeto na escola Municipal representava um dos trabalhos realizados pelo grupo B, que também desenvolvia outras atividades com a Capoeira em outras cidades da região da Zona da Mata em Minas Gerais. Naquela ocasião, as crianças do projeto se misturavam aos outros alunos adultos do grupo e a alguns alunos da Ginga Brasil Viçosa, que também estavam presentes naquele dia.

O evento aconteceu durante uma semana inteira, e aquele era o segundo dia do evento, que ainda contaria com aulas de Mestres convidados de São Paulo e Belo Horizonte e com a formatura realizada no penúltimo dia, se encerrando com o batizado realizado no sábado. No término desta aula, contatei “a Estrangeira”, praticante experiente com quase 10 anos de prática, para uma entrevista, após uma conversa que me chamou a atenção e dizia a respeito do comportamento de alguns Mestres homens.

No início, contatamos a praticante mulher responsável pelas aulas de Capoeira do projeto para uma possível entrevista relacionada à pesquisa do Mestrado e algumas possíveis visitas ao projeto da escola. Neste período, as aulas aconteciam as segundas e quartas, mas como os praticantes tiveram férias logo após o evento, não foi possível a continuação dos encontros em 2017, vindo a retornar no início de 2018.

Foi através do acompanhamento de uma aula deste grupo B, em outro encontro, após aquele evento, que pude acompanhar realidades do grupo B fomentadas na persistência, quando o Professor²⁴ incentivava os alunos a tentarem aprender a movimentação dizendo que o “não vou conseguir possui três palavras” e o “vou tentar, apenas duas”, demonstrando o valor da persistência e da não preguiça na prática do grupo.

Neste encontro citado, o Professor também realizou um trabalho para desenvolver o equilíbrio através do ensino da “bananeira”, em que os praticantes deveriam ficar de ponta cabeça, colocando o queixo no peito. Muitas modificações de corpos foram acontecendo nas quedas e tombos. Ouvi vários alunos se queixando de torturas e outros caindo como se estivessem embriagados. O “saber cair e levantar”

²⁴ Quando retornei ao grupo do projeto da escola, no início de 2018, para retomar os encontros, a praticante mulher que havia se formado não estava mais no comando do projeto sendo agora um professor homem também recentemente formado pelo grupo B.

suportando as dores do corpo e da mente, acompanhado do controle das ações do corpo no treino de equilíbrio, dialoga com as filosofias de persistência ativadas no grupo B.

O Professor também fabricou muitos momentos de descontração, arrancando risos com suas brincadeiras e exemplos caricatos dos alunos que se encontravam, segundo ele, de “corpo mole”. O corpo mole também pode ser fabricado tanto como um corpo flexível, ágil, leve e rápido na execução dos movimentos e gestos de ataque e defesa, como também sendo um corpo lento, preguiçoso e sem vontade de agir. Assim, a primeira ideia de “corpo mole” representa o modo de modelização do corpo fomentada por este grupo B.

Um detalhe que me chamou a atenção foi a chegada de João (nome fictício), um adulto ligado à Associação de moradores e praticante idealizador do projeto da Capoeira para as crianças deste Bairro. Segundo o Professor, João foi um dos que deu início às aulas do projeto e sempre se empenhou em convidar outras crianças da localidade a participar, chegando a ir buscá-las em casa para irem à Capoeira.

Por chegarem atrasados, o Professor mandou João e seu filho “pagar” 30 polichinelos como forma de punição. Após sanar sua dívida pelo atraso, João se juntou aos outros praticantes não se intimidando com a diferença de idade, de corpo e de habilidades comparado aos meninos praticantes do projeto.

É interessante destacar que, mesmo tendo quase o dobro da idade do Professor, João respeitou, acatou e cumpriu a “punição” dada a ele como forma de exemplo aos outros praticantes do grupo B. Isto, de certa maneira, é indicativo de processos que reforçam as hierarquias e os disciplinamentos dos corpos com esta Capoeira. Segundo João, estes disciplinamentos modificaram o comportamento das crianças e dos adolescentes do projeto, fomentando maneiras de conviver e respeitar os colegas, além da obediência ao Professor do grupo.

Após aquele fato, o Professor ainda contou que João, certa vez, pediu para que ele não modificasse a aula por sua causa, pois o projeto era para os garotos e ele que teria que se adaptar ao estilo da aula e da Capoeira praticada.

O exercício realizado com o movimento da “ponte” naquela aula exigiu muita flexibilidade e força dos ombros, o que acabou causando muitas quedas de costas no chão duro, acarretando no pedido do Professor para que os colegas auxiliassem na segurança e, após alguns minutos de “erros e acertos”, ele pediu novamente, mas agora para que todos formassem uma roda para trabalhar o jogo, o canto e o toque do pandeiro. O Professor ainda explicou que a roda seria de compra, que permite a entrada

apenas de um jogador por vez, e que, para entrar, é preciso comprar o jogo de frente para o escolhido como parceiro.

Diante disto, esclareceu que, tradicionalmente nas rodas de Capoeira, entram dois jogadores por vez, mas que, em certos casos, quando a roda acelera ou se encontra perto do fim, é usado este tipo de jogo. Ele ressaltou a importância de pedir o consentimento da compra do jogo ao Mestre que se encontra comandando a roda.

Após esta situação, mais uma vez, o Professor ressaltou a importância de seguir e obedecer às regras e as hierarquias da Capoeira, que se encontram conectadas aos modos de subjetivação deste grupo produzidos com os rituais e com as tradições. Outra preocupação do Professor foi a respeito do comportamento e da postura dentro da roda, que deveria ser de atenção, sem conversas paralelas, batendo palmas e cantando o coro. Neste caso, estas normas estão ligadas à conduta e ao controle das ações dos praticantes do grupo. Ele ainda explicou rapidamente como se toca o pandeiro e pediu para que os alunos se revezassem tocando.

Como uma maneira “bem comum” presente nos costumes de muitas Capoeiras, o anúncio do fim da roda se deu no canto de “Adeus, adeus, boa viagem”, que naquele grupo foi fabricado com o aumento da velocidade dos toques e, conseqüentemente, do jogo. O Professor explicou o tipo de jogo desenvolvido e o cuidado nestas situações, caracterizado, por sua fala, “como um jogo rápido, solto e com golpes giratórios sem tocar o colega”, pois era preciso ficar atento para não machucar os colegas, uma vez que os meninos esboçavam um desejo de um maior contato físico no jogo.

De início, citei que ao término do primeiro encontro com este grupo B, contatei “a Estrangeira” pela sua experiência de anos com a prática e por uma fala que me chamou muito a atenção, pois a mesma praticante, em uma conversa informal, após a aula, comentou sobre uma tentativa de assédio que ela teria sofrido de um Mestre em sua recente visita a uma Capoeira nos Estados Unidos. Naquela ocasião, ela nos relatou que um Mestre tentou embebedá-la em uma festa utilizando da sua autoridade na Capoeira, tendo a mesma que possuir “mandinga” e “malícia” para esquivar-se da deselegante situação. Após aquele encontro, refleti a respeito da situação enfrentada por Estrangeira e da participação das mulheres nas Capoeiras. Foi então que resolvemos acompanhar um pouco suas falas, suas ideias e sua história com a Capoeira. Este relato nos levou a pensar sobre as questões da produção das realidades femininas, e as relações com os modos de subjetivação das Capoeiras.

4.2.1 A Estrangeira e as “Capoeiras femininas”

Nascida na Colômbia, ela possui 38 anos de idade e reside no Brasil há 11 anos, desde quando veio fazer Mestrado na Universidade Federal de Viçosa. Estrangeira é Médica Veterinária, e atualmente faz pós-doutorado no curso de Zootecnia desta Universidade Federal.

Na época em que residia na Colômbia, Estrangeira pensava que a Capoeira era uma dança e, quando chegou ao Brasil, descobriu que próximo à sua casa havia uma aula de Capoeira que se encontrava no seu caminho para a Universidade. Certa vez, quando passava em frente à academia, o Mestre responsável pelo grupo B se encontrava sentado à porta com alguns alunos e, sendo convidada por estes, resolveu realizar uma aula experimental. Depois disto, ela nunca mais parou e já fazem 10 anos que Estrangeira pratica a Capoeira daquele grupo. É importante destacar que, em todos estes 10 anos de prática, ela só adotou o grupo B como escola.

O acolhimento dos outros praticantes é muito importante, fazendo toda diferença na produção coletiva das Capoeiras. Assim, mais uma vez, o saber solidariedade ligado à cooperação e à ajuda entre os praticantes é citado como um modo de construir laços de amizade entre os capoeiristas. Para ela, a Capoeira disciplina as pessoas através do esforço em conciliar os treinamentos com outras atividades, nos dizendo que “isso é para poucas pessoas”, principalmente aquelas que fisicamente são exigidas em outras atividades. Ela afirma, por exemplo, que os estudantes universitários tendem a não se comprometerem com as responsabilidades da Capoeira, sendo as Capoeiras facilmente trocadas pelas festas e pela vida noturna da cidade.

E para ela:

Capoeira não é só luta. Não é só esta parte folclórica dentro de uma roda dentro do grupo, sendo que você tem que levar isso para a vida inteira. Então você aprende a ter autocontrole, você aprende a ter paciência, você aprende a pensar rápido, você aprende que você tem que cair e tem que levantar, você aprende que existe uma diversidade grande de grupos e de pessoas com pensamentos e filosofias diferentes. Então eu acho que a pessoa que se chama de capoeirista é isso, levar a Capoeira para a vida mesmo!²⁵

²⁵ Trecho retirado da entrevista concedida no dia 19/02/2018.

Portanto, o autocontrole, a paciência, o pensar rápido, o movimento de cair e levantar e a existência da diversidade de praticantes e grupos são exemplos dos modos de disciplinamento dos corpos através dos processos de subjetivação (das aulas, das rodas, das relações, etc.) presentes na filosofia cotidiana do grupo B, de acordo com as palavras de Estrangeira.

Estrangeira acredita que uma das principais dificuldades encontradas pelas Capoeiras não está apenas na questão física, mas também no preconceito produzido entre os próprios praticantes e a falta de respeito com as diferenças dos corpos, e das habilidades. Isto nos indica uma possível dificuldade dos capoeiristas com a questão da diversidade, e, para Estrangeira, “existem muitos donos da verdade” nas Capoeiras, sendo que os Mestres “não lidam muito bem” com a questão da existência de múltiplas concepções de realidades que ressaltam a diversidade no universo desta prática, indicando a ausência de totalidades em harmonia.

Pensando nas conjecturas de futuro, Estrangeira pretende praticar Capoeira para o resto da vida, pois considera uma experiência rica e muito gratificante, seja participando e tocando nas rodas, assistindo vídeos, conversando e se relacionando com outros praticantes, lendo a respeito e ouvindo histórias. Estrangeira complementa sua fala, dizendo que “o que ela mais gosta nas Capoeiras são essas vivências com os outros sujeitos”, evidenciando como Sabiá e Porcelana, uma composição de solidariedade presente também nos modos e valores de/com outros grupos.

Contudo, no que concerne às diversidades, principalmente a de gênero, Estrangeira pondera que:

Todo mundo falando da importância da mulher na Capoeira, e que a capoeira se abriu para o mundo quando a mulher começou a entrar na academia e na roda de Capoeira, que as pessoas de fora começaram a ver de uma forma diferente. Ainda sinto que tem muita segregação em questão da mulher. E, eu falo pelo fato de eu ir nas rodas e, como mulher, ser difícil eu jogar. Então o Mestre que comanda a roda, vira e fala: “então; agora é roda de mulher” e eu acho isso um absurdo. Porque sendo gêneros diferentes e obviamente a gente tem um estilo diferente, uma forma de jogar diferente eu acho que a gente não tem problema de jogar com homem, não tem problema não, mas isso me irrita bastante, o fato de fazer muito encontro feminino, mas você não vê as mulheres na bateria, você não vê as mulheres dando aula.

Diante de alguns relatos de confrontos físicos com os homens e mulheres do grupo B e de outros grupos, Estrangeira nos indicou uma indiferença dos homens do grupo diante das especificidades no jogo e na composição física, biológica e anatômica dos corpos de homens e mulheres, produzindo uma repressão dos corpos femininos por meio do contato físico nas rodas. Ela nos relatou que a visita de sua mãe ao Brasil e à

sua academia de Capoeira foi marcada pelo episódio em que a praticante, num jogo com um homem do grupo na roda, teve o punho lesionado, causando desconforto e tristeza em sua mãe com relação à prática.

Ampliando esta questão para o universo macro das Capoeiras, ela ainda nos contou que, certa vez, foi a um dos maiores eventos de Capoeira do Brasil, realizado no litoral sul da Bahia, numa formatura feminina e percebeu que as mulheres não protagonizavam, comandando as aulas e as rodas. Estrangeira complementou que as mulheres deixam as coisas muito nas “mãos dos homens” porque a proporção de homens que tocam bem é muito maior do que a de mulheres, por exemplo. Nossa praticante apontou que muitas mulheres praticantes ainda se encontram na posição de companheiras dos homens capoeiristas, sendo esposas, namoradas, filhas.

Para esta praticante, a questão pessoal atrapalha muitos debates entre os gêneros na relação com as Capoeiras. Ela contou que conhece dois Mestres capoeiristas casados em que o Mestre homem não permite que sua esposa, também Mestre, ministre aulas de Capoeira relegando a ela apenas as aulas de outras danças²⁶ ligadas a Capoeira. Outro episódio relatado por ela foi perceber que, durante a aula de uma Professora, em um evento que possuía uma bateria de instrumentos composta apenas de Mestres homens, estes aumentavam o som dos instrumentos toda vez que ela dava alguma instrução ou ensinava alguns exercícios.

Na percepção de Estrangeira a respeito das Capoeiras, os homens ainda permanecem na posição de controle e destaque dentro das hierarquias dos grupos e dos eventos, tentando manter a imagem de provedores e fortes, conduzindo os trabalhos dos grupos e secundarizando a presença e a participação feminina neste universo.

Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009) nos contam que a prática da Capoeira no início do século XX na Bahia foi associada ao universo dos homens por:

comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biotipo e das ações de violência física. Porém, alguns registros existem sobre a presença de mulheres neste universo, como é o caso de Salomé, personagem da memória da capoeira baiana (p. 117).

Salomé era considerada uma mulher valente que participava das rodas de Capoeira, de samba e de batuque entre as décadas de 1920 e 1930, e ficou famosa por enfrentar os homens nas rodas de Capoeira. No entanto, os dois historiadores nos

²⁶ Danças como o maculelê, dança do fogo, a puxada de rede e o samba de roda se encontram conectadas ao universo das Capoeiras.

contam que são poucos os registros deste período que identificam as mulheres capoeiras, entretanto, há muitos outros registros que identificam mulheres com as características de Salomé como a própria valentia com que disputavam os espaços sociais com os homens “a golpes de navalhas, cacetadas e pontapés” (p. 117).

Os espaços urbanos das ruas de Salvador no início do século XX eram de domínio masculino, pois às ruas eram locais violentos, do trânsito, do trabalho e da criminalidade, mas também espaços onde as relações se teciam na supremacia do gênero masculino sobre o feminino. Entretanto, as mulheres não deixaram de ocupar estes espaços através de atividades ligadas ao trabalho como o caso das ganhadeiras, que circulavam e vendiam seus produtos, ou aqueles que transitavam para realizar seus afazeres, como também mulheres que vendiam seus serviços como as prostitutas (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

As mulheres, segundo os historiadores, tinham uma maneira peculiar de habitar as ruas, de preferência como extensão do espaço doméstico, sendo que a mulheres das classes privilegiadas deveriam ter comportamentos diferentes das mulheres das classes populares. A ampliação da ocupação das mulheres das classes mais altas nas ruas produziu certo desconforto em relação às outras mulheres e aos homens de forma geral. O corpo, as condutas, as vestimentas das mulheres deveriam corresponder com as boas condutas e com a moral, sendo que suas ações passaram a ser mais vigiadas socialmente.

As fontes utilizadas pelos autores, como periódicos, jornais e a documentação pública policial forneceram muitas informações de como as mulheres se comportavam nas ruas e indicavam um policiamento da imprensa e da própria polícia com relação a conduta feminina. Assim, Oliveira e Leal (2009, p. 121) complementam que: “este universo da valentia, desordem, e prática de capoeiragem, não estava restrito ao homem; também pertencia às mulheres valentes”.

Segundo os historiadores, nas três primeiras décadas da República, muitos eram os casos de atos de valentia atribuídos às mulheres, e que ganharam destaque nas páginas dos principais jornais de Salvador. As notícias anunciavam arruaças; e desordens causadas ou com o envolvimento feminino. Diante disto, quando uma mulher se destacava na luta corporal era chamada de “valentona”, mas quando o feito era com mais de uma pessoa o uso era chamar de “endiabrada”.

As mulheres podiam agir sozinhas ou em grupo ganhando destaque nas manchetes dos casos de grande repercussão, como o caso de uma “mulher valente” que,

após desentendimento com outra, enfrentou nove policiais, além da sua rival²⁷. Eles também apontam para os confrontos entre as mulheres pobres e os próprios capoeiras pelo espaço de poder, e outro destaque foi o conflito entre o Pedro Porreta e a prostituta Chicão. Destemido por outros feitos de valentia com homens, Pedro certa vez invadiu a casa de Chicão para apanhar os pertences de sua inquilina Maria do Socorro, sendo que Chicão, com o mesmo porte físico de Pedro, desferiu-lhe uma pancada que feriu a sua cabeça²⁸.

A conclusão dos dois historiadores é que existem indícios, através dos registros citados, da presença de mulheres no universo das Capoeiras no início do século XX nas cidades de Salvador e Belém, sendo infelizmente impossível precisar se elas praticavam de fato a capoeiragem. Entretanto, estes acontecimentos pontuam a existência de setores femininos nos espaços e cotidianos das ruas onde as Capoeiras eram praticadas que ressaltam formas de enfrentamento dos problemas cotidianos pelas mulheres, com uso da Capoeira pela violência. As mulheres, além de já sofrerem com a violência física, sofriam também com as punições através das prisões e com a exposição das imagens pelos jornais.

Atualmente, o que podemos dizer é que as mulheres praticantes enfrentam também outros tipos de violência nas Capoeiras além da violência física das rodas, como os próprios exemplos das experiências trazidas pela nossa praticante Estrangeira, sendo importante ressaltar que a luta pelo espaço e pelo poder nas Capoeiras ainda continua sendo desigual e de predomínio do universo masculino.

Ilnete Porpino Paiva (2007) inicia seu texto trazendo um trecho de uma música conhecida nas rodas que canta que as Capoeiras: “É pra homem, menino e mulher” (p. 98), mas nem sempre essa foi, ou ainda é, a realidade vivida nas rodas e nos grupos, pois esta prática sempre foi identificada socialmente como “coisa de homem”. Ela nos revela que, até a década de 1970, o número de mulheres era insignificante e buscar as razões disto é acompanhar a situação da mulher na sociedade brasileira. Assim,

De um modo em geral, a situação da mulher no Brasil até a primeira metade do século XX era muito diferente. Se fizermos uma reconstrução histórica da condição feminina no país, podemos constatar que elas estavam destinadas à subordinação, à submissão, à repressão, à discriminação e à desvalorização.

²⁷ O caso foi registrado pelo jornal de notícias de Salvador do dia 10 de fevereiro de 1914 (apud OLIVEIRA; LEAL, 2009).

²⁸ Caso registrado pelo O ESTADO da Bahia, 29 ago. 1935. In: ABREU, Frederico José de. Bimba é Bamba: capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999. p. 15.

Havia uma absoluta sujeição da mulher ao homem, prevalecendo o tratamento desigual (PAIVA, 2007, p.100).

Por fim, ela complementa que o papel da mulher, desde a Colonização do Brasil, era cuidar dos filhos e da casa, mas devido às transformações século XX, as mulheres ocuparam espaços reservados apenas para os homens. Estas transformações atingiram tanto as mulheres brancas e da elite brasileira, como também as mulheres pobres e negras. Mestre Pirajá fala sobre a ausência da mulher no universo da Capoeira até os anos de 1970:

Era machismo, era machismo mesmo. Porque a sociedade brasileira sempre foi machista. Hoje tá diminuindo. Mas, veja bem, a mulher apesar das grandes conquistas que já teve, mas ela sempre era vista apenas como dona de casa, criadora de menino e parideira. Só. Esse era o pensamento daquela época antiga. Entendeu? Da época dos meus pais, dos meus avós. Hoje em dia não. A mulher conquistou um espaço (Apud PAIVA, 2007, p. 100).

Será mesmo que os corpos femininos conquistaram seus espaços nas rodas ou no jogo da vida dos dias atuais? Pelo que pudemos constatar nos dados de Estrangeira o pensamento machista ainda se encontra presente nos dias atuais em pequenas ações e gestos que corroboram e reproduzem o pensamento e as ações machistas no universo das Capoeiras. O que fica evidente é que as mulheres, com as Capoeiras, não sofrem apenas com a violência física, mas também com outros tipos de violência produzidos pelas subjetividades machistas.

Paiva (2007) problematiza esta questão da subjetividade, pois a ideia do domínio masculino é social e generalizada, sendo reproduzida por homens, mas também pelas mulheres. Um exemplo disto é quando Estrangeira diz que as mulheres se acomodaram ao papel de submissão e não lutam pelos seus lugares nas rodas e nos grupos das Capoeiras. Mestre Pirajá (PAIVA, 2007) explicou que, até o final da década de 1970, não ensinava Capoeira para mulheres sob a forte influência da tradição da Capoeira de Mestre Bimba, em que as mulheres participavam apenas para compor o coro e as palmas no cantar das apresentações e rodas. As mulheres também faziam os shows de Samba de roda.

Entretanto, como toda tradição se reinventa, ele conta que, em seu grupo, 40% dos praticantes são mulheres, mas como Paiva (2007) afirmou, isso não garante que as mulheres tenham uma presença significativa e em condições semelhantes às condições dos homens.

Isso nos faz pensar a respeito do preconceito, do racismo e da discriminação associado às ideias inadequadas e socialmente construídas sobre as Capoeiras como

produtos dos homens negros escravos ou ex-escravos, marginalizados economicamente, além da inserção no contexto de violência, o que já impediu a participação de muitos homens, se agravando ainda mais no caso das mulheres. É interessante destacar que, em nenhum dos três grupos pesquisados, encontramos a figura feminina na posição de destaque, apesar da efetiva participação das mulheres na construção cotidiana das Capoeiras e dos grupos.

Paiva (2007) ainda problematiza o espaço das Capoeiras para os dois gêneros como um movimento recente em que o número de mulheres aumentou significativamente, mas ainda se produz de forma desigual e o número de mulheres diminui à medida que se aproximam do título de Mestres das Capoeiras. Assim ela pergunta: onde estão as Mestras de Capoeira?

Durante minha jornada com as Capoeiras em Viçosa desde 2011, pude vivenciar o predomínio do público feminino nos grupos na condição de alunas praticantes. Isso me levou a realizar, por duas vezes, (nos anos de 2012 e 2013) um “Evento feminino”, no qual Estrangeira participou, com a presença de Mestres, Professores e Professoras convidados de outros grupos. No primeiro evento, em 2012, houve uma polêmica, pelo fato de ter sido confeccionado uma “camisa rosa” (figura 13), que seria usada tanto por homens quanto pelas mulheres participantes do evento. Este fato gerou muita discussão por parte de alguns alunos que gostariam que fosse feita outra cor de camisa para o público masculino.



Figura 13- Camisa rosa do evento feminino que gerou a polêmica entre alguns praticantes
Fonte: Arquivo professor Veizada.

Neste evento divulgado pela imprensa local (figura 14 e 15), os protagonistas das aulas de Capoeira também foram os homens com a presença de 2 Mestres e 1 Mestre de Capoeira, pois a outra Mestre convidada não pôde comparecer, sendo representada por seu marido no evento. Isto nos mostra que a própria Mestre mulher se encontra inserida numa subjetividade masculina das Capoeiras. Reforçar o protagonismo dos homens num evento direcionado ao protagonismo das mulheres reproduz os processos de subjetivação que fabricam a superioridade masculina no universo das Capoeiras.

Geraldo Andrade

Ginga Brasil realiza evento Feminino de Capoeira



IMERSÃO DE CAPOEIRA/ERRATA
De 24 a 27, quinta-feira a domingo, ocorreu na UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) uma imersão de capoeira promovida pela Associação de Capoeira Mestre Angolinha. Cinco capoeiristas viçosenses compareceram ao evento. Helbert Beijinho e Leila Cabral representaram o grupo Porão de Angola. Dos Angoleiros do Mar - Tribo do Morro estiveram presentes os capoeiristas Heitor Mancini, Flora Cigana e o professor estagiário Daniel da Silva que, na edição 2253, datada em 25-04-2012, foi mencionado como mestre de capoeira, mas ainda não alcançou essa graduação, sendo certificado recentemente como professor estagiário.

O Ginga Brasil tem realizado várias atividades com destaque para a participação na comemoração pelo Dia do Trabalho na UFV

Nessa sexta-feira e sábado, dias 1º e 2, será realizado um evento feminino de capoeira o "1º Ginga Mulher", que contará com a participação de instrutores, professores e mestres de capoeira, que ministrarão palestras e aulas práticas além da participação especial do grupo Gengibre com palestras e oficinas de danças brasileiras.

Promovido pela academia Ginga Brasil-Viçosa do Professor Veizada (Ludimar Paulo Pereira) sua programação tem início na sexta-feira, às 18h30 na quadra de esportes da ASAV com palestras e aulas práticas de capoeira.

No sábado, dia 2, a partir das 10 horas acontece um aulão e uma grande roda na praça Silviano Brandão. Às 14 horas no PVG (Pavilhão de Ginástica) ocorrerá oficinas de danças brasileiras e aulas de capoeira, além da troca de vivências e experiências de vida entre mestres, professores e participantes. As inscrições podem ser feitas através dos telefones (31) 8429-4784 ou 8638-0112.

Figura 14- Divulgação do evento feminino pelo jornal Folha da Mata
Fonte: Arquivo Professor Veizada.

Ginga Brasil realiza Ginga Mulher



A mestra Nilda de Fátima, acompanhada da vereadora Cristina Fontes, conferiu de perto o evento destinado às mulheres

Aconteceu em 1º e 2º últimos, o evento feminino de capoeira, 1º Ginga Mulher, realizado pela Academia Ginga Brasil Viçosa coordenada pelo Educador Físico e Professor de Capoeira Ludimar Paulo Pereira, conhecido como Contra-Mestre Veizada. A abertura oficial do evento ocorreu no Ginásio da ASAV – Associação de Servidores Administrativos da UFV, na Rua do Pintinho, às 19 horas, e o segundo dia foi realizado no Pavilhão de Ginástica da UFV. Durante a abertura estiveram presentes duas autoridades femininas: a Reitora da UFV, Nilda de Fátima Ferreira Soares, e a Vereadora Cristina Fontes.

O evento contou com a participação de 100 pessoas, dentre elas mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Cerca de 80 são praticantes de capoeira de diferentes academias de Viçosa e região, de outros estados e integrantes dos projetos sociais como o Projeto Capoeirê, voltado para crianças, e o Projeto Mães da Capoeira, desenvolvidos pela Academia Ginga Brasil Viçosa

com a iniciativa das próprias mães dos alunos. Estes dois projetos sociais ocorrem nas dependências da Associação dos Servidores Administrativos da UFV- ASAV, localizada no Bairro Bela Vista - Morro do Pintinho, em Viçosa.

O 1º Ginga Mulher teve como objetivo incentivar a prática da capoeira, uma manifestação cultural genuinamente brasileira, entre as mulheres. O evento buscou potencializar a presença feminina dentro do universo da capoeira por meio de um intercâmbio de conhecimentos, através de um bata-papo sobre gênero e a inserção da mulher no mundo capoeirístico, na cultura e no esporte, promovido pela Professora Jaqueline Cardoso Zeferino, do Departamento de Educação Física da UFV, e da oficina de dança ministrada pela convidada Aline Serzedello Vilaça, além das rodas de capoeira.

Estiveram presentes instrutores e Mestres de Capoeira do estado de São Paulo, Mestre Quebrinha da Academia Ginga Brasil de Taubaté, Mestre Ponciano do Grupo Cordão de Ouro de Guaratinguetá e a

Mestra Lu Pimenta de Belo Horizonte, Minas Gerais.

É importante salientar que a capoeira além de promover muitos benefícios para a saúde física e mental, auxilia na construção do comportamento educacional, cultural e social de seus praticantes. Reúne características muito distintas permitindo que possa ser identificada como uma arte, dança ou luta, praticada ao som de instrumentos musicais.

Atualmente é possível perceber a presença mais acentuada das mulheres na capoeira. A mulher vem conquistando seu espaço paulatinamente no meio artístico, educacional, social e político da capoeira. Espaço tido como predominantemente masculino.

São vários os motivos que levam as mulheres a praticar a capoeira, desde a estética, saúde e bem-estar, a busca pelo desenvolvimento profissional e educativo, e até como defesa pessoal, tornando-se, assim, mais evidente a quantidade de mulheres que se destacam, qualificadas técnica e profissionalmente. Ressalta-se que, mesmo ainda em menor número, é visível o crescimento do número de mulheres com formação acadêmica e profissionais qualificadas, em sua maior parte, Educadoras Físicas, chegando até a formação de Mestras de Capoeira.

Dentre os diversos sites sobre capoeira, o Portal da Capoeira, trás artigos, músicas e vídeos. Em um dos artigos publicados por Neila Vasconcelos, entre fevereiro e maio de 2010, "A mamãe faz capoeira" ela diz: "... A mãe capoeirista é uma mulher surpreendente que, fazendo milagre com seu tempo, consegue cultivar a felicidade da família e conquista o carinho e a amizade de todo o grupo".

Figura 15- Matéria realizada pelo jornal Folha da Mata após a realização do evento
Fonte: Arquivo Professor Veizada.

1º EVENTO FEMININO

PALESTRAS **AULAS COM MESTRE MORENA**
(CDO -Guaratinguetá)

RODAS **DANÇAS**

DEBATES

GINGA MULHER
1 e 2 de Junho

ARTE CAPOEIRA

Programação:
Sexta (01/06) 18:30h: ASAV
Sábado (02/06) - 10:00h: Praça Matriz
- 14:00h: PVG (UFV)

Inscrições:
30,00 [15,00 participação
15,00 camiseta

Contato:
(31) 8429-4784 / (31) 8638-0112
Veizada / Rapunzel

ORGANIZAÇÃO: CAPOEIRA GINGA BRASIL
Viçosa- MG

<http://www.facebook.com/profile.php?id=100003073667334>
<http://www.facebook.com/event/34814794867095/>

Figura 16- Cartaz do 1º evento feminino em 2012
Fonte: Arquivo do Professor Veizada.

No segundo ano, a presença feminina foi mais efetiva com a presença de três professoras recentes formadas e com uma maior variação dos estilos, através de um casal de Mestres de uma escola de Capoeira Angola, sendo todos Professores e Mestres convidados de outros grupos de São Paulo e da Bahia. O evento foi aberto a todos os grupos da cidade com a participação de vários alunos de outros grupos, inclusive de Estrangeira e Cachaça dos grupos B e C, e participantes da pesquisa. Desta vez, para não gerar polêmica, a cor da camisa foi o verde e o azul (figura 17).



Figura 17- Roda na praça do 2º evento feminino em 2013
Fonte: Arquivo do Professor Veizada.

É interessante destacar que, durante uma roda de conversa com o grupo do projeto “Mães da Capoeira”, a Mestre mulher debatia, ao mesmo tempo em que carregava sua filha bebê nos braços, a respeito da participação efetiva da mulher na Capoeira e dos privilégios dos homens em todas as funções, inclusive nas obrigações com os filhos socialmente instituídas para as mulheres. Por várias vezes, essa Mestre desabafava que o marido, também Mestre de Capoeira, tinha privilégios sociais e capoeirísticos recebendo muito mais convites de trabalho, ou permanecendo por muito mais tempo dedicado à Capoeira, enquanto ela se dedicava mais à família, aos filhos que à academia, mesmo contra sua vontade.

Momentos e temas como este, de discussão e reflexão entre os praticantes homens e mulheres, Mestres e Mestras, alunos e alunas, foram de grande importância no trânsito das ideias e ações. Estes eventos atingiram os praticantes de Capoeira de Viçosa, mais diretamente, os praticantes de 2 projetos que atendiam as “Mães da Capoeira”; um grupo formado apenas por mulheres de várias idades; e o grupo das crianças formado pelos filhos capoeiristas do projeto infantil “Capoeirê”, abordando questões relacionadas as famílias dos praticantes.

Através da minha experiência de anos com a prática das Capoeiras, posso afirmar que esta realidade atravessa muitas Capoeiras com relação aos modos de se construir os homens e as mulheres, os pais e as mães e o maridos e a esposas nas Capoeiras em geral, produzindo ideias, afetando os corpos e fabricando modos de viver dos praticantes.



Figura 18- Cartaz do 2º evento feminino "Ginga Mulher" em 2013
Fonte: Arquivo Professor Veizada.

Diante disto, podemos problematizar como se produzem cotidianamente estas Mestras e Professoras das Capoeiras? Ao acompanharmos as Capoeiras, os cotidianos e os discursos de algumas praticantes mulheres alunas das Capoeiras de vários grupos, pude observar o domínio dos homens no topo das hierarquias destes grupos, apesar da produção de vários discursos de equidade em relação à participação efetiva da mulher na Capoeira.

Ainda com relação aos Mestres e Professores de Capoeira, Estrangeira acredita que para ser um profissional da Capoeira não basta ter apenas os conhecimentos específicos (parte física, instrumentos, folclórica e etc.) da prática, mas é preciso ter um comportamento íntegro, que abarca o respeito à figura e a diferença da mulher, como

também ações sociais solidárias, que se afastam de condutas ilícitas ou imorais pelo fato da figura ser exemplo para os alunos. E mais uma vez, ela frisa que os conhecimentos aprendidos servem para a vida, pois:

Não adianta você falar, gente, capoeira é uma luta, mas a ideia é não machucar o colega porque é o seu colega treino se você vai fazer isso. Então eu acho que é isso, não vale a pena você falar “gente, nós temos que respeitar os outros” se você entra numa roda de Capoeira de outro grupo já se achando, já brigando, já querendo bater nos outros.

Então, ela nos apontou que há uma diferença entre o discurso disseminado pelas lideranças da Capoeira, expressado também no grupo B, e as ações dos seus praticantes homens no dia a dia. Para ela, não basta ter os conhecimentos se o comportamento e as ações não condizem com o respeito ao próximo, podendo este ser um colega de trabalho ou de treino. Por fim, ela atravessou a questão da diferença nas/das/com as Capoeiras sinalizando que ainda há muito desrespeito às diferenças de gênero, corpo, habilidade, de filosofia, de aprendizado e de vivências dos praticantes, independente dos grupos, escolas e estilos de Capoeira. Isto revela a ambiguidade na produção das lógicas de respeito à diversidade e às diferenças, que na maioria dos grupos se encontram mais ligados às noções de obediência, submissão e disciplinamento dos corpos de homens e mulheres.

Por fim, vamos seguir o nosso encontro com a Capoeira do Grupo C, ligado ao estilo de Capoeira Angola da escola de Mestre Pastinha, e que é produzido e praticado na “Casa da Angola” (nome fictício), localizada na Universidade Federal de Viçosa.

4.3 O grupo C e a “Capoeira da Casa da Angola”

Na chegada do primeiro encontro com esta Capoeira no dia 7 de março de 2018, avistei Gafanhoto (apelido), aluno graduado na hierarquia do grupo C, tocando um berimbau na companhia de mais uma praticante, e logo o cumprimentei perguntando a respeito de Cachaça (apelido), Professor responsável do grupo. Após aguardar uns 30 minutos no local, encontrei Cachaça e expliquei novamente a respeito da pesquisa, aproveitando para pedir o seu consentimento para realizar os três encontros e a entrevista necessária para a produção de dados da pesquisa.

Ao entrar na Casa da Angola que fica localizada na Vila²⁹ Gianetti da Universidade Federal de Viçosa, me deparei com três meninas e dois meninos na parte de fora do quintal da Casa preparando instrumentos que logo fariam parte desta experiência prática de afecção com o grupo C (figura 19).

Cachaça autorizou as nossas visitas para a realização dos encontros e as entrevistas para a produção dos dados da pesquisa, complementando com o comentário que a sua casa de Capoeira estava aberta para todos, e que às vezes a tradição que mantém hábitos e rituais também mantém hierarquias que prendem os capoeiristas a seus Mestres numa relação de via única, onde quem se beneficia é apenas a figura do Mestre. Aqui, Cachaça expressa sua crítica e seu descontentamento com algumas hierarquias existentes nos modos das Capoeiras.

Além disto, nesta fala ele já apresentou indícios do que considera importante, e, logo após, anunciou que há pouco tempo havia rompido com seu antigo Mestre, seguindo um caminho próprio com a Capoeira, sozinho e sem ligação direta com alguma escola ou grupo de Capoeira. Cachaça desabafou que a tentativa de controle de algumas das suas ações no grupo C foi o ponto principal do desligamento com o grupo do Mestre da Bahia, ao qual até então era filiado.

É importante destacar que o rompimento de Cachaça foi especificamente com o seu antigo Mestre, que possuía sua matriz na ilha de Itaparica na Bahia. Contudo, este rompimento não se estendeu a outros processos de subjetivação dos corpos, das hierarquias, das normas e das tradições da Capoeira Angola. Sendo assim, ele revela que, nos fundamentos da Casa da Angola, não é permitido fazer uso de bebidas alcoólicas, de cigarro e de bermudas, como também participar das aulas e rodas estando sem camisa e descalço sempre respeitando às tradições da Capoeira Angola de Mestre Pastinha.

Diante disto, quero destacar, porém, que minha participação em uma das aulas, contrariou as normas por não imaginar o acontecimento, pois me encontrava de bermuda e calçado, sendo que ele, gentilmente, me recebeu, fazendo uma concessão à essa norma da Casa. Ele novamente frisou que a Capoeira, em alguns momentos, tem que romper com as tradições, “que às vezes puxam a Capoeira para atrás”, sendo que essas rupturas servem para poder “andar para frente”, segundo suas palavras.

²⁹ Inicialmente nascida como vila residencial de Professores da universidade, na década de 1980, passa a ser ocupada com laboratórios e unidades acadêmicas abrigando vários projetos.

Cachaça frisou que este grupo de Capoeira Angola vem se reunindo naquela Casa, desde quando iniciou suas atividades no ano de 1997, a partir da ação de 2 praticantes, Pardal e Castor, que treinavam com o Mestre da ilha de Itaparica – BA. Castor era aluno da Universidade Federal de Viçosa e Pardal um praticante “nativo” da cidade.



Figura 19- Grupo C realizando uma roda na "Casa da Angola"
Fonte: Arquivo do Professor Cachaça.

4.3.1 Cachaça e sua “luta com as Capoeiras”

Atualmente, Cachaça é o Professor da Capoeira praticada na Casa da Angola, e iniciou seu aprendizado em 1998 com um Mestre de Viçosa em um projeto social no bairro Amoras, na cidade de Viçosa, sendo aquele primeiro grupo mais inclinado à Capoeira Regional.

Cachaça também se lembrou do carinho com que o Mestre o recebeu no início da sua prática, afirmando que isto foi muito importante para continuar naquele projeto gratuito, frisando que tudo isso não foi por dinheiro, pois ele não podia pagar pelas aulas. Ele lembrou que devido à idade já um pouco avançada, as aulas do Mestre eram mais de incentivo, sendo este um momento feliz na sua formação.

Entretanto, sua migração para a Capoeira Angola se deu devido à afecção produzida pela musicalidade diferente, como algo que ele não soube muito bem explicar, entretanto ainda carrega muitos ensinamentos do antigo Mestre que sempre

dizia que “o Capoeira tem que saber jogar em cima e em baixo” e não pode se limitar a um tipo de jogo, sendo o mais difícil, o jogo do respeito, o jogo do somar, o de fortalecer e de aguentar “as peia” quando escolher um caminho, pois várias coisas vão contradizer e, nestes momentos, Cachaça disse que pôde contar com o incentivo do Mestre nas palavras. Cachaça falou que traz sempre este conhecimento aprendido com o Mestre, pois:

Eu cheguei na Bahia com os princípios de conhecimento de saber chegar e não me ensinaram a chegar. Na Capoeira Angola eu aprendi a chegar no primeiro momento que cheguei na Capoeira, entendeu? Aquilo que o Mestre me falou faz muito sentido até hoje, pois eu chego em todos os lugares com os primeiros passos que o Mestre me passou³⁰

O início da prática da Capoeira foi difícil para Cachaça, pois sua família não apoiava e acreditava que sua conduta e seu comportamento iriam ser afetados de maneira negativa e violenta. Mas, surpreendentemente, sua mãe, que frequenta uma igreja evangélica, apoiou e reconheceu a Capoeira de forma educativa pela mudança de comportamento de Cachaça se referindo à Capoeira como uma “luz” na sua vida. Segundo ele, sua mãe nunca falou da Capoeira por uma ótica religiosa ou preconceituosa, mas como uma prática física e saudável.

Observamos aqui a conexão desta Capoeira com as redes religiosas produzidas na relação com sua mãe, que mesmo seguindo as doutrinas que concebem a Capoeira como prática profana, também reconhecia a mesma como prática importante na construção dos valores morais e sociais no comportamento de Cachaça. Entretanto, dentro da sua família, ele ainda convive com a discriminação em relação à Capoeira, pois segundo o próprio, “ainda existe uma má impressão a respeito da prática” associada à imagem do vagabundo, do malandro e da pessoa sem estudo e instrução.

Cachaça e seu antigo Mestre da Capoeira Angola se conheceram no ano de 2007, na cidade de Viçosa, em uma visita do Mestre. Logo depois, Cachaça rumou para Bahia para se aproximar e desfrutar das vivências e dos modos de produção de uma Capoeira Angola com raízes diretas na escola de Mestre Curió, discípulo direto de Mestre Pastinha.

Um episódio, no ano de 2010, na ilha de Itaparica, o marcou e ele vem levando essa história para todos os lugares desde então. Neste ano, seu Mestre não se encontrava na ilha e infelizmente Cachaça sofreu um acidente num jogo de Capoeira com outro

³⁰ Trecho da entrevista concedida para esta pesquisa no dia 15/03/2018.

aluno numa roda, permanecendo durante uma semana hospitalizado com traumatismo craniano, tendo seu tratamento se estendido para mais 2 meses na Bahia, a fim de que se tratasse das consequências daquele acontecimento.

Na pluralidade da roda, segundo ele, o jogo combinado entre ambos seria o jogo de floreio, onde os jogadores tentam desenvolver o jogo o mais próximo possível do companheiro demonstrando habilidade e controle corporal dos movimentos, além de uma sintonia refletida na sincronia dos gestos dos dois jogadores como um diálogo corporal sem o objetivo marcial de luta. Entretanto, Cachaça foi pego desprevenido com uma joelhada no rosto, que para ele foi proposital.

Cachaça revelou que seu companheiro (adversário) se mostrou arrependido com o ato dando toda assistência, ainda dizendo que seu adversário não lhe deu uma joelhada, mas sim o ensinou muita coisa como a vulnerabilidade da vida diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, pois nas suas palavras: “ninguém está livre destes acontecimentos”.

O que a gente tem que manter com a gente é aquela força e ir em frente e isso aí que me mantém hoje na Capoeira com muita vontade de treinar e eu tenho muito respeito pelo cara e o cara tem um trabalho bonito até hoje entendeu? E o cara se educou, tá muito melhor, eu também, a gente se encontra e conversa e a vida segue.

Apesar do mau encontro e das tristezas emergidas, Cachaça mostrou uma força e um aumento de potência na produção do desejo em treinar e dos sentimentos bons de respeito e perdão pelo conhecimento adequado baseado no controle das ações e do refreamento dos afetos paixões que são nocivos e diminuem a potência de agir.

Durante os dois meses que permaneceu na Bahia, Cachaça ficou assistido numa casa com várias pessoas, mas também realizou trabalhos ressaltando o poder de transformação deste acontecimento nas vidas tanto do agressor quanto na dele, o agredido.

Este praticante considerou que se educou na Capoeira, pois alegou que vinha de uma história difícil, pautada na falta de recursos e na violência cotidiana devido à rixa entre os bairros da periferia da cidade. Ele acredita que deve dar continuidade a esses trabalhos, pois foi através desta Capoeira que pôde melhorar suas condições de vida e se aproximar de outras pessoas. Cachaça já trabalha também há 25 anos como motoboy, mas hoje apenas complementa sua renda com este trabalho, pois através das aulas de Capoeira, consegue tirar seu sustento.

A respeito da Capoeira como profissão, Cachaça nos contou que sua semana é muito atarefada, sempre resolvendo os problemas que aparecem no seu grupo, seja entre os alunos ou nos projetos, tomando a maior parte de seu tempo. Assim, segundo ele, “na Capoeira não tem folga e não tem férias”, e ainda afirma: “que Capoeira para ele é vida, e quem tira férias de viver morre”, mas para não “morrer” em sua Capoeira, Cachaça compôs com confrontos internos dentro do próprio grupo.

No ano de 2001, ele iniciou sua prática na Capoeira Angola com Castor que se formou na Universidade Federal de Viçosa, e retornou para sua cidade natal, assumindo Cachaça a frente da Capoeira da Casa da Angola e outros projetos sociais.

Quando ainda era aluno, Cachaça vivenciou o rompimento entre os criadores daquele grupo em Viçosa com Pardal e Castor. Pardal se afastou e quando Castor se formou, Cachaça assumiu também a frente da Capoeira dos projetos sociais como “a tribo do morro”, que levava esta Capoeira Angola para os bairros de baixa renda da cidade. Atualmente, na sua rotina são três aulas diárias na Casa da Angola e em outros projetos espalhados pela cidade.

Cachaça nos contou que tentou incluir Pardal ao grupo novamente, mas logo Pardal se “queimou”, tentando falar mal dele, Cachaça, para seus próprios alunos. Ele nos revelou que deixou tudo acontecer para ver até onde iria aquela atitude, pois o fato de Pardal saber tocar muito bem o berimbau contribuía com o prolongamento da sua permanência no grupo de alguma forma. Diante disto, ele acabou elogiando Pardal por várias vezes para que este ensinasse tudo o que sabia de melhor, mesmo diante das difamações quanto à sua forma de jogar e cantar.

As tramas pelo poder na Casa da Angola se sustentam nas relações de legitimação dos praticantes na figura de Professor ou Mestre como responsáveis pelo grupo, pois, apesar do tempo de prática para o desenvolvimento das habilidades e dos conhecimentos específicos contarem na construção de um Professor ou Mestre de Capoeira, o reconhecimento como tal está envolvido também a uma trama de legitimação de um território de poder.

Ele nos esclareceu que, na sua Capoeira, sempre tentou estabelecer o diálogo ressaltando que as Capoeiras da cidade não se encontram unidas, havendo em jogo muita vaidade, inveja e disputa de ego, revelando que sempre frisa aos seus alunos que o capoeirista é um artista e que a Capoeira se encontra no “feijão com arroz”, que, para ele, significa “levantar todos os dias as 6 horas da manhã, montar numa moto e fazer entregas até a noite, como também é sair de baixo de chuva para realizar uma roda, ou

se indispor com a família para participar de um evento ou de uma aula nos finais de semana e férias.

O que podemos observar é que Cachaça se encontra na Casa da Angola em meio as lutas singulares e cotidianas, seja pelo sustento financeiro, pelo poder do grupo C com o Mestre e com Pardal, ou na luta por reconhecimento na família, para se manter “vivo” nas rodas de Capoeira. Em Cachaça, temos que sua permanência na Capoeira condiz com a sua própria afirmação da vida e significância. Ou seja:

De você tá ali sentado numa roda e do lado tá um cara que é doutor, do outro lado tá um pedreiro, do outro um lavador de carro, e onde mistura criança, adulto, a pessoa mais idosa, e as pessoas cantam as mesmas músicas. Você vai num evento e senta na mesa e come a mesma comida, e essa vontade de integração ao meio social né, que no meu caso se fosse diferente, eu não tinha pra onde ir, não tinha um grupo onde se encontrar no final de semana, entendeu?

Nosso entrevistado não considera a Capoeira violenta, apesar da sua convivência fora da roda de Capoeira ter sido com pessoas violentas, pois a prática o inseriu na convivência com pessoas não violentas, e com o disciplinamento de seus modos de agir e reagir. Diante disto, quando perguntado se aprendeu algo com a sua Capoeira, ele nos respondeu: “Cara, eu aprendi tudo o que me faz bem”.

Diante disto, a conclusão é de que todo acontecimento é singular e flui nas multiplicidades do coletivo e do privado tecido nas dimensões sociais, estéticas, políticas, corporais e incorporais.

Enquanto também desabafava nesta conversa, Cachaça nos dizia que agora que se encontrava livre da subordinação de um Mestre, iria percorrer e rodar por muitas outras Capoeiras que já desejava conhecer, além de outras que ainda não conhecia e que também poderá realizar os eventos convidando os melhores na sua concepção, mas que não eram aceitos pelo seu antigo Mestre. Isso indica uma busca desta Capoeira pela diversidade, o que, por sua vez, não deixa de produzir tensões, uma vez que o romper com os códigos identitários que territorializam uma prática produz igualmente incertezas. A abertura ao diverso sempre traz consigo a oportunidade das vertigens e da incerteza, assim também como a chance de ampliação dos coeficientes de invenção de um grupo.

Ele nos contou também que sempre “luta” com a filha de 13 anos e com a namorada para realizar as rodas e os eventos nos finais de semana, que para este Professor de Capoeira Angola é muito importante para a manutenção e produção da tradição que está se perdendo. Assim, segundo sua fala “se não fizermos estas rodas e

eventos com a comunidade, as tradições da Capoeira vão se perder, pois somos nós (Professores) os responsáveis em manter e criar as tradições”.

Aqui, tradição da roda, por exemplo, pode ser entendida tanto como produção e invenção de outros modos de subjetivação nas perspectivas dos usos dos produtos que nos é dado (CERTEAU, 2002), como também algo que deva ser reproduzido e mantido como um dos costumes que caracterizam a prática. Assim, a roda se fabrica como um modo que engendra processos de individualização e singularização (GAUTTARI; ROLNIK, 1996).

O rompimento de Cachaça com a hierarquia e com as normas do antigo Mestre não impede, pois, que ele, assim como outros praticantes que também se encontram na posição de Professores e Mestres, inventem ou criem outros modos e processos nas suas Capoeiras, produzindo outras maneiras de se praticar a Capoeira e outros modos de viver a existir.

Modos de existir estes que se atualizam em cada detalhe da prática: na organização do espaço, na postura do corpo, nos modos de conduta. Um exemplo disso foi quando pedi para entrar na Casa da Angola, que deve possuir uns 30 metros quadrados, para poder participar da aula de instrumentação que acontecia em meio a esta conversa com Cachaça, que prontamente concordou. Entrei para participar do momento e logo perguntei se poderia pegar um pandeiro vermelho em cima do banco. Havia dois bancos nos cantos da parede no formato em v, onde um residia os 3 berimbaus (gunga, médio e viola nesta ordem).

A formação da orquestra continuou no outro banco com dois padeiros, agogô, reco-reco e atabaque. Rapidamente Cachaça explicou como cada um tocaria e quais deveriam ser os toques executados pelos berimbaus. Além disto, ele explicitou o que seria as variações do “jogo baixo” e do “jogo alto”³¹. Assim, ele sinalizou alguns modos musicais e suas relações com os modos dos jogos construídos na Casa da Angola.

Depois de algum tempo tocando, de repente Cachaça fez a chamada do berimbau para efetuar a parada da bateria e encerrar aquele momento, em que eu estava totalmente afeccionado pelas variações do berimbau viola que eu acabava de pegar e pela harmonia rítmica com os outros instrumentos. A parada aconteceu para chamar a atenção diante da postura de alguns tocadores, que nesta escola devem permanecer

³¹ O “jogo alto” desta capoeira é representado por um jogo mais veloz com os jogadores dentro dos toques mais rápidos de Angola, São Bento grande e dos repiques dos berimbaus gunga, médio e viola. Entretanto, o “jogo baixo” representa o inverso do “jogo alto”.

erectos e alinhados utilizando o pequeno espaço do banco, pois para Cachaça “a postura na roda é a postura diante da vida”. Aqui vemos outro modo ligado à postura do corpo que se encontra engendrado nas maneiras de se comportar diante das dificuldades da vida.

Além disto, também não fiquei ileso na chamada de atenção daquele momento pois, como eu já sabia, muitas Capoeiras não permitem que seus tocadores cruzem as pernas na bateria por acreditarem que este gesto bloqueia e fecha o fluxo e a circulação da energia da roda. Assim, estas subjetivações do corpo, presentes naquele grupo participam dos modos de existir dos praticantes, pois as posturas na roda se imprimem à disciplinarização da vida dos praticantes.

Portanto, pudemos observar a produção de modos expressos na crença, no disciplinamento das condutas e na tentativa do controle dos corpos Capoeiras desta escola, apesar de muitos discursos enaltecem a liberdade dos seus praticantes.

Apesar de Cachaça ser um praticante que reflete e questiona os processos de disciplinamento de outras Capoeiras, neste pouco tempo que permaneci imerso naquele grupo, não observei a produção de um espaço de expressão, discussão e questionamento dos alunos em relação aos processos, aos modos e às práticas exercitadas na Casa da Angola.

Na composição da bateria desta escola, o berimbau berra boi (o maior) marca o toque de “Angola”, o médio transita entre a marcação do toque “São Bento grande ou pequeno”, com as evoluções e os repiques, e o viola traz a criatividade, a alegria e a invenção dentro das evoluções e repiques. Sendo assim, o que mais me chamou a atenção foi a afecção de arrepio no meu corpo através do som do berimbau viola, que me produziu um enorme desejo em tocá-lo. Quando Cachaça permitiu a troca, logo realizei meu desejo produzindo uma enorme alegria e uma afecção de um calafrio no estômago.

Neste momento, fiz uma pergunta à Cachaça relacionada à permissão dos instrumentos da percussão (pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque) em realizar evoluções e repiques como os berimbaus. Ele me respondeu que ia depender do tocador, pois, segundo suas palavras, se “o cara for músico” e saber o que está fazendo sem estragar a harmonia da roda, tudo bem! Cachaça complementou sua resposta dizendo que “a viola é do violeiro, sendo o violeiro aquele responsável pela criação e invenção proporcionada pelos repiques nos toques, mas o coração da roda é mesmo o atabaque”.

Quando perguntado a respeito do que mais gosta na Capoeira, ele nos respondeu:

O que eu mais gosto da capoeira é assim, é aquele campo harmônico da musicalidade, daquela coisa sabe! Quando tá todo mundo na mesma sintonia, seja Angola ou Regional, que tá todo mundo cantando junto, todo mundo se aplaudindo, todo mundo se divertindo, esse é o momento mais contagiante sabe? Todos são um só!

Para Cachaça, a totalidade da Capoeira é alcançada através deste campo harmônico musical que une todos os corpos na concepção de um único corpo composto e expresso no formato da roda. Diante disto, se “a roda de Capoeira” deve imitar “o jogo da vida”, ou vice-versa, segundo as lógicas do grupo C, a vida, como a roda, deve se construir em harmonia, sendo esta praticada e exercitada nas relações cotidianas construídas com respeito, alegria, atenção, obediência e invenção através de ações que promovam bons encontros.

Naquele encontro musical, após realizamos a troca dos instrumentos, Gafanhoto tomou posse do berimbau médio, e a partir daí, as afecções provocadas em meu corpo pelos sons dos instrumentos nesta experiência musical com esta Capoeira, variavam transitando em momentos de transe, arrepios e calafrios na barriga potencializados por uma suave disputa rítmica pelo berimbau, entre eu e Gafanhoto com seus respectivos instrumentos. Para mim, o fato de pertencermos a escolas e estilos de Capoeira diferentes, sendo eu de uma escola Contemporânea e Gafanhoto da Capoeira Angola potencializou o encontro. Os instrumentos de percussão como pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque permaneceram numa marcação de três batidas, conforme foi ensinado por Cachaça.

No início, me incomodei com essa maneira toda peculiar de se sentar e de se comportar diante dos instrumentos e do ritual de aprendizado da musicalidade desta Capoeira, mas, após isso, refleti sobre a minha própria prática musical e de ensino-aprendizado da instrumentação, do ritmo e das músicas da minha escola de Capoeira. Cachaça, depois disto, frisou novamente que aquele espaço era um espaço “livre” para qualquer um chegar, pegar o instrumento, mas primeiro era preciso saber armar e desarmar os instrumentos e tocar respeitando toda uma maneira de fazer da sua escola de Capoeira.

Portanto, quem não estivesse afinado com estas maneiras, estaria subvertendo as regras da Casa, podendo ser impedido ou impossibilitado de participar. Assim, que liberdade é essa expressada na fala de Cachaça? Não seria uma liberdade entendida e produzida nas ações direcionadas dos praticantes, contanto que essas ações se submetam aos modos de disciplinamento daquele grupo?

Algumas músicas conhecidas foram cantadas como também outras desconhecidas, e após 1 hora e meia mergulhado naquela Capoeira, cantamos o “Adeus, adeus, boa viagem”, como é de costume nas três Capoeiras acompanhadas neste trabalho, marcando assim, o final daquela experiência musical. Como era de costume nesta Capoeira, todos deram as mãos no ritual de despedida e gritaram por três vezes a palavra “Axé”. Por fim, agradecemos a todos do local e isso encerrou um dos nossos encontros com a Capoeira da Casa da Angola.

Apesar dos rituais, das normas e das hierarquias, Cachaça entende que a Capoeira vem acompanhada da flexibilidade não só do corpo, pois nas suas palavras “se você tem o corpo duro, e não consegue sair dos movimentos e às vezes os movimentos te pegam, é porque você precisa ser mais flexível e, quando você fica mais flexível na Capoeira, você fica mais flexível na vida”. Este praticante, de outra maneira, não estaria nos dizendo que isso seria uma forma de refrear as tristezas e os maus encontros com as Capoeiras e com a vida? Então, como podemos potencializar bons encontros e a produção das alegrias com as redes cotidianas? Como devemos nos compor com as normas disciplinadoras e os modos dominantes operantes nas Capoeiras e em outros espaços cotidianos? Como conseguiremos produzir resistências por meio dos usos das práticas aos modos dominantes produtores de ideias e ações ligadas às injustiças e intolerâncias que operam na sociedade em geral?

Estas questões, e tantas outras, se encontram conectadas aos diversos grupos e capoeiristas que se encontram espalhados pelo Brasil e pelo mundo, mais também aos cotidianos de outras práticas e espaços sociais. Além disto, estas questões tecem rizomáticamente a dimensão micro desta pesquisa com as Capoeiras de Viçosa e seus praticantes, a dimensão macro da sociedade brasileira por meio de uma reflexão de como as normas de disciplinamento e os modos dominantes atuam simultaneamente com os processos de produção de saberes por meio dos usos e das invenções que compõem os sujeitos engendrando formas de viver, pensar e agir.

Por fim, provocamos a reflexão de como esta operação simultânea dos modos das capoeiras que reproduzem as normas e inventam saberes, também atua na fabricação dos afetos, das ideias e das ações que podem se pautar tanto na intolerância, na desigualdade e na discriminação, quanto na solidariedade, na cooperação e na amizade. Será que podemos produzir Capoeiras como espaçotempo de liberdade, de respeito à diversidade e de resistência no combate contra as desigualdades e às injustiças sociais?

ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM

Adeus camarada adeus, adeus que eu já vou me embora, quem parte fica a saudade, quem fica soluça e chora...

(CONTRA- MESTRE RAFAEL LAMBA)

Nestes processos que acompanhei, que envolvem a vida de alguns participantes de três grupos de Capoeira pesquisados da cidade de Viçosa, acabei atravessando diversas dimensões dos praticantes capoeiristas, dos grupos e das redes relacionais que me fizeram encontrar com várias formas de jogar, de tocar e se comportar; com os ritmos e a música; com os debates religiosos e de gênero; de lidar com as normas e as hierarquias; e com produção dos afetos e desejos, que sinalizaram o quanto as Capoeiras de Viçosa que percorri estavam compostas por diferentes questões, tensões e propostas que possuem conexões e divergências entre si. Isto ainda sinaliza uma produção de conhecimento pautado nos currículos praticados por meio dos processos relacionais cotidianos.

As dinâmicas das Capoeiras de Viçosa pesquisadas não se restringiam apenas aos seus grupos de forma isolada, se fabricando como experiências de articulações possíveis nas tramas configuradas em diferentes territórios enredados em processos estéticos, musicais, gestuais, políticos, filosóficos entre vários outros. Assim, estes processos em redes engendram modos de viver no pensar e no agir nas conexões que configuram práticas de conhecimentos que atravessam diversas expressões como um indivíduo, um grupo, uma aula, uma roda, um evento, um gesto, uma palavra, uma música, ou um sentimento.

Diante disto, esta constituição de redes de conhecimentos nas Capoeiras, incluindo os conhecimentos específicos da prática, nos faz deparar com miscigenações que demarcam a inexistência de qualquer prática e conhecimento “puro” e “verdadeiro”. Segundo Lopes (2011), “Isto porque não existe conhecimento que não seja mestiço; que não tenha bebido em várias fontes, ainda que, instituído em seu território de verdade, venha a negar a validade de diversas águas que anteriormente nutriram sua formação” (p. 240).

É importante ressaltar que, nesta relação, entre múltiplas territorialidades também se produziu ignorâncias, tensões, identidades, preconceitos e discriminações em meio à ampliação de mundos, às diferenças e aos conhecimentos produzidos. Nesta

rede, a pluralidade dos mundos é legitimada na coexistência das relações. A exemplo disto, percebemos as conexões e desconexões que entre os grupos se construíram conhecimentos a respeito do corpo, da mente, de si, do poder dos afetos, das normas, das hierarquias, das discriminações, dos gêneros, e outras instâncias que não harmonizam os encontros, mas constroem outras maneiras de pensar.

Portanto, ao acompanharmos o enredamento da dimensão pessoal e grupal de alguns praticantes, fomos levados a relatos de acontecimentos e encontros conectados com os seus conhecimentos articulados e muitas vezes ignorados, problematizados ou abortados por dimensões opressoras, discriminatórias ou solidárias. Estes episódios marcaram e interferiram na vida dos praticantes.

Em outubro de 2016, uma roda que o nosso grupo realizou no CT voltada para a entrega de um cordão de graduação a um aluno foi um acontecimento que registrou um encontro dos 3 grupos pesquisados (figura 20), mas mais que isso, fez emergir a conexão das redes temporárias tecidas entre aquelas Capoeiras de Viçosa. Naquele período, ainda cursando o 2º semestre do Mestrado em Educação, não imaginei traçar os caminhos que me levaram a este estudo que buscou atravessar os cotidianos destas mesmas Capoeiras, diante das possibilidades de tantas outras tramas, escolas e grupos que eu poderia ter acompanhado.



Figura 20- Roda que conectou os 3 grupos (A, B e C) de Capoeira pesquisados.
Fonte: Arquivo pessoal do Professor Veizada.

Esta pesquisa me envolve diretamente, pois fui instigado a estudar os processos de subjetivação e singularização, além da importância dos sentimentos nas relações de Educação para tentar compreender primeiramente o que sinto pela Capoeira e como ela me produz como sujeito rígido e flexível, múltiplo e complexo, mas também singular.

Após isso, problematizei quais possíveis mundos e realidades capoeirísticas eram produzidas além das minhas na cidade e quais eram os outros modos e processos

educativos? Os encontros com os 3 grupos na roda materializou a conexão destas formas de produzir as Capoeiras atravessando as teorias utilizadas, como também possibilitou o encontro com outros processos coletivos, outras singularidades e redes educativas, afetivas, culturais e musicais.

Poderíamos ter caminhado por outras rodas e grupos, o que não desqualifica o valor de outras Capoeiras e práticas que não totalizam os praticantes, mas que podem indicar a produção de vida engendrada nas normas e na invenção. Assim, mesmo diante das diferenças entre os grupos, posso afirmar que nestas Capoeiras há uma convivência construída por fios emaranhados com base na disputa e na solidariedade, na cooperação e na competição e na tolerância e na disputa da roda, em nome do amor à prática, apesar de muitas vezes se apresentarem inclinadas a hierarquias, preconceitos e intolerâncias, pois nossas ações podem se construir por caminhos já conhecidos e “confortáveis” ou por caminhos inventados. Quando fiz escolhas durante a pesquisa, optei por caminhos pontuais, pois não temos como estabelecer uma linha reta e exata da nossa conduta na multiplicidade das relações e nos vários pertencimentos grupais que somos constituídos cotidianamente.

Diante de um plano social considerado em “crise” diante do contexto da intolerância com relação à diversidade e às diferenças de ideias, pensamentos e condutas presentes na sociedade brasileira, os encontros com as Capoeiras produzem boas lições de convivência, diálogo e respeito às diferenças e à multiplicidade, que podem ser observadas nos gestos do jogo, nos pensamentos, nos ritmos, nos ritos, nas filosofias e nas músicas. As Capoeiras de hoje são produtos não só da sociedade brasileira, mas de uma sociedade global que possui a tecnologia e a informática afetando as relações de tempo e espaço produzindo outras realidades e outras relações subjetivas.

Isto só mostrou que não existe um receituário a respeito das relações e dos processos educativos, mas que é preciso exercitar ações práticas de transformação ao que é imposto pelos modos de individualização dos sujeitos. Apontamos a importância para a compreensão de que é possível ao corpo e à mente conviver com as práticas, tanto de forma autoritária, triste, serializada e hierarquizada, quanto de maneira criativa, feliz e caótica composta por bons encontros e processos de singularização e individuação.

O caminhar dos nossos praticantes continua em outros ritmos e velocidades, em outros espaços e rodas da vida regadas nas relações de transformação. Porcelana

diminuiu seu ritmo nos treinos e agora, além trabalhar dando aulas de inglês, também se dedica ao curso de Psicologia ao contrário de sua amiga Sabiá, que agora treina todas as noites se engajando no projeto de montar uma turma de adultos em um clube da cidade. Estrangeira continua seus treinos com o grupo B já pensando e sonhando com o futuro profissional sem largar mão da Capoeira, pois sua bolsa de Pós-doutorado já encerrou, e segundo suas palavras, ela precisa arranjar um emprego.

O recente Professor formado pelo grupo B continua no projeto social da escola e agora também está ministrando aulas da Capoeira numa academia de musculação da cidade. Cachaça continua com a sua Capoeira da guerra e da paz na luta cotidiana como motoboy e capoeirista nos projetos sociais, nas rodas nos finais de semana, na construção de praticantes e rituais, nos eventos que planeja realizar e nas pessoas que deseja conhecer.

No entanto o jogo da Capoeira continua sendo uma pequena representação da roda da vida, sendo que muitos grupos e praticantes ainda permanecem oferecendo passagem para novas conexões e encontros constituindo relações engessadas ou produtoras de mundos, de jogos e rodas inéditas e nunca acabadas.

Com este trabalho, compreendemos os diferentes modos de usar e produzir as Capoeiras visibilizando múltiplas experiências construídas nos espaços das Capoeiras. Diante disto, apostamos nas redes de conhecimentos tecidas pelos praticantes que constroem currículos praticados relacionados aos embates políticos e ideológicos que circulam dentrofora destes espaços.

Por fim, defendemos que o espaçotempo das Capoeiras não é só de mesmice e repetição de normas e regulamentos, mas espaçotempo de invenção de conhecimentos e de saberes para a produção dos sentimentos, pensamentos e ações voltadas para um ganho de potência diante de uma realidade cotidiana múltipla, complexa e imprevisível.

Para finalizar, traçamos um pequeno mapa das redes de saberes e conhecimentos das conexões envolvidas nos processos educativos tecidos no caminhar da construção desta pesquisa (figura 21).

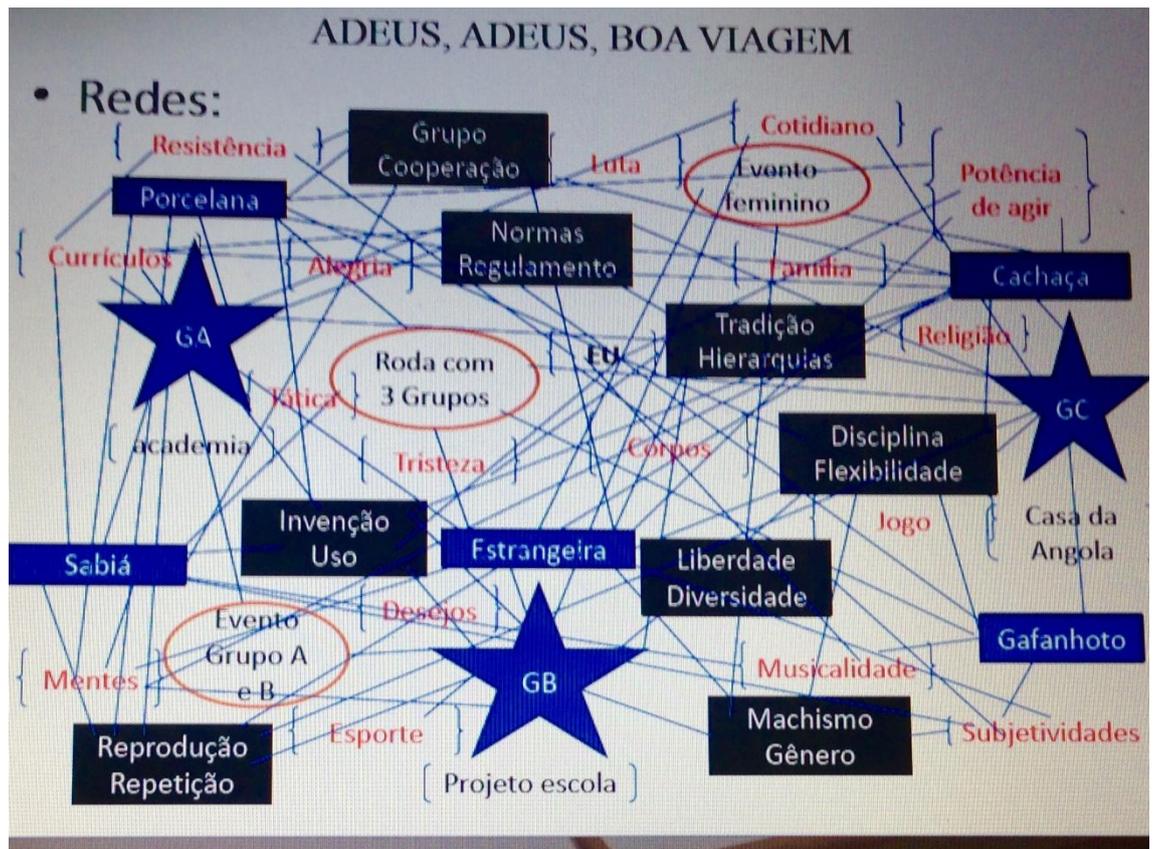


Figura 21: Mapa das redes.

REFERENCIAIS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. (p.17-51; p. 131-149).

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, nº23. Maio/jun/jul/ago. 2003.

ALVES, Nilda. Currículos e pesquisas com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo e CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.) – **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/Ufes, 2013.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **CAPOEIRA: The History of an Afro-Brazilian Martial Art**. First published by Routledge, an imprint of Taylor & Francis, 2005.

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Formação de professores/as e os desafios para a (re)invenção da escola. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo/** Carlos Eduardo Ferraco (organizador). 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS, Héllio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. – Salvador: EDUFBA, 2009.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. 10ª edição. Editora Vozes, Petrópolis: RJ. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 8ª. ed., 2002.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da Capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação. - Salvador, 2004.

FERRAÇO, Carlos Eduardo – **Pesquisa com o cotidiano**. In: Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 28, jan/abr 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GARCIA, Alexandra. Esboços e composições cotidianas: currículo, políticas e matizes na formação de professores. **Universidade- escola: diálogos e formação de professores/** Maria Luiza Sússekind, Alexandra Garcia (orgs.).- Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2011

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4ªedição- Petrópolis: vozes, 1996.

LARRAURI, Maite. **A felicidade segundo Spinoza** /Maite Larrauri; [ilustrações] Max; [tradução Sérgio Rocha Brito Marques]. --São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. – (coleção filosofia para leigos).

_____. **O desejo segundo Gilles Deleuze/** Maite Larrauri; [ilustrações] Max; [tradução Sérgio Rocha Brito Marques]. --São Paulo: Ciranda Cultural, 2009a. – (coleção filosofia para leigos).

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência/** Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. — 1.ed.— Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LOPES, Eduardo Simonini – **Praticantes de mundos: A invenção de cotidianos discentes em uma Universidade**. Tese de Doutorado. Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Rio de Janeiro, 2011.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. **Capoeira: A história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil**. Maringá, v.20, p. 7-16, 2009.

MANHÃES, Luiz Carlos Siqueira. Rede que te quero rede: por uma pedagogia da embolada. In: Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas- sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeito- maternos**. In: Educação & Realidade, 29 (1), jan/jun, 2004, p. 199- 213.

MATTOS, Augusto Oliveira. **A proteção multifacetada: as ações da Guarda Negra da Redemptora no caso do Império (Rio de Janeiro 1888-1889)**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História – Área de concentração: História Social. Linha de Pesquisa: Sociedade, Instituições e Poder – da Universidade de Brasília para a obtenção do título de Mestre em História, 2006.

MESTRE Bimba e a Capoeira iluminada. Direção: Luiz Fernando Goulart. Produtora: Lumen Produções, 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EHnPkKZxcmQ>>. Acesso em: 05/01/18.

O ESTADO da Bahia, 29 ago. 1935. In: ABREU, Frederico José de. Bimba é Bamba: capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda (Orgs.) – **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 3ª. ed., 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/pensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo e CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.) – **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/Ufes, 2013.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. ; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil** – Salvador: EDUFBA, 2009.

O VELHO capoeirista: Mestre João Pequeno de pastinha. Direção: Pedro Abib, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MUp2Y7myKtU>>. Acesso em: 04/01/18.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Natal, RN, 2007.

PASTINHA! uma vida pela Capoeira. Direção: Antonio Carlos Muricy. Produtora: raccord produções, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI>. Acesso em: 05/01/18.

ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. *Psicologia e Sociedade*, 21(2), 2009, p. 166-173.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro, 2002. 237-280.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. 1632-1677. **Ética**; tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

APÊNDICE A- Termo de consentimento Livre e Esclarecido
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nome do participante:

Data de nascimento:

sexo:

Telefone:

Endereço:

email:

Eu, Ludimar Paulo Pereira, responsável pela elaboração de um trabalho acadêmico-científico, faço o convite para a participação, como voluntário (a) desta pesquisa, desenvolvida no âmbito de uma pesquisa de Mestrado em Educação intitulada: **“Da escola da capoeira para o jogo da vida: os saberes e processos educativos vivenciados por seus praticantes”**. Essa pesquisa está vinculada ao Programa de Bolsas da Capes do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, e coordenada pela professora-orientadora Rita de Cássia de Souza.

O objetivo do presente projeto é investigar os processos educativos e as redes de conhecimentos construídos pelos diversos praticantes de capoeira de dois espaços sociais distintos, e representados nesta pesquisa, por uma escola particular que oferece a capoeira como atividade extra-curricular para crianças e uma academia de lutas que oferece aulas para adultos da cidade de Viçosa/MG. Sendo assim, buscaremos apresentar o cotidiano da capoeira nestes dois espaços com algumas experiências e vivências dos praticantes pesquisados. Além disto, esta pesquisa visa acompanhar e descrever os processos de produção de conhecimentos destes praticantes nestes espaços mapeando estes saberes produzidos com a capoeira.

Para tanto, definimos como instrumentos metodológicos para a produção de dados, a observação participante, a entrevista semiestruturada com os alunos praticantes de capoeira e outros participantes indiretos (como os pais) desta pesquisa e um grupo focal para as crianças. Sua participação envolve então, uma entrevista direcionada para o tema. Essa entrevista será gravada se assim você permitir, em dia, local e horário a ser definido por você. A proposta é que as perguntas sigam uma formulação flexível sobre o tema das avaliações externas, sendo que elas serão feitas de modo a permitir que você discorra e verbalize seus pensamentos.

A sua participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo,

pois você tem o direito de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Com relação aos riscos, eles relacionam-se à possibilidade de surgir algum constrangimento quando o entrevistado for confrontado com as perguntas da entrevista semi-estruturada. Entretanto, nesse caso, o entrevistado poderá não responder à(s) questão(ões) e/ou solicitar a exclusão de sua participação do processo de investigação.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). As informações desta atividade serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações acadêmico-científicas, não havendo identificação dos voluntários. A sua identificação só acontecerá entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado total sigilo sobre sua participação aos demais envolvidos nesse trabalho.

Com relação aos benefícios dessa pesquisa, você estará contribuindo para a compreensão de alguns processos de produção de conhecimentos, bem como dos saberes específicos e singulares construídos pelos sujeitos praticantes em relação com outras práticas e espaços educacionais que interferem de alguma forma na composição dos indivíduos. Consta que não haverá nenhuma despesa gerada pela participação na pesquisa, como também nenhum ressarcimento ao voluntário.

É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como lhe é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação. Isso é válido para todo o período da pesquisa, tendo você o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa, bastando para isso entrar em contato comigo ou com a professora-orientadora. Somente em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV deverá ser acionado, dúvidas sobre a pesquisa em si deverão ser tiradas comigo ou com a professora Rita de Cássia de Souza.

Por fim, ressalto que esse termo foi redigido de acordo com a resolução da CNS, número 466 de 12 de dezembro de 2012.

Eu, _____, contato _____, autorizo minha participação e declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa

“Da escola da capoeira para o jogo da vida: os saberes e processos educativos vivenciados por seus praticantes” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão sobre a participação se assim o desejar. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Assinatura do pesquisador

Local e data

Nome: Ludimar Paulo Pereira

Matrícula: 69792

Contatos: ludi.vezada@gmail.com

Cel.: (31) XXXXXXXXXX

Por estar de acordo com os itens supracitados, após me terem sido devidamente esclarecidos, assino o presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) consentindo minha participação neste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do participante

Local e data

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV

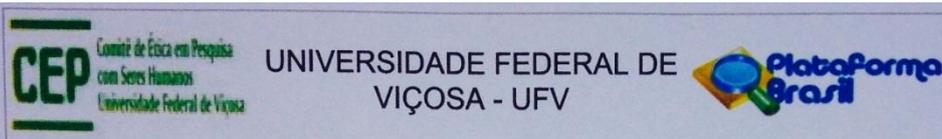
Endereço: Universidade Federal de Viçosa, campus Viçosa, prédio Arthur Bernardes, piso inferior.

Telefone: (31) 3899-2492

Correio eletrônico (e-mail): cep@ufv.br

APÊNDICE B- Roteiro de entrevista**ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

- 1- POR FAVOR SE APRESENTE: NOME, IDADE, ESCOLARIDADE.
- 2- COMO VOCÊ CONHECEU A CAPOEIRA E ME CONTE COMO FOI QUANDO VOCÊ ENTROU.
- 3- HÁ QUANTO TEMPO PRÁTICA? COM QUE FREQUÊNCIA?
- 4- JÁ PRATICOU CAPOEIRA EM OUTROS ESPAÇOS? ONDE? QUANDO? E COMO ERA?
- 5- O QUE FEZ VOCÊ PERMANECER PRATICANDO CAPOEIRA?
- 6- VOCÊ CONSIDERA QUE APRENDEU ALGO PRATICANDO CAPOEIRA? EXPLIQUE.
- 7- ALGO TE MARCOU NESTE TEMPO DE PRÁTICA DE CAPOEIRA? RELATE.
- 8- VOCÊ PRETENDE CONTINUAR PRATICANDO? PORQUE?
- 9- VOCÊ ACHA QUE TEM ALGO QUE IMPEDE UMA PESSOA DE PRATICAR CAPOEIRA? EXPLIQUE.
- 10- O QUE VOCÊ ACHA QUE É PRECISO PARA SER PROFESSOR DE CAPOEIRA?
- 11- NO QUE VOCÊ PRETENDE DE TRABALHAR NO FUTURO? (EXCLUSIVO PARA AS CRIANÇAS)

ANEXO A- Parecer do CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Da escola da capoeira para o jogo da vida: saberes e processos educativos vivenciados por seus praticantes.

Pesquisador: Rita de Cássia de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71257717.9.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.312.847

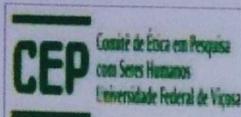
Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à Área Temática: Ciências Humanas. Conforme resumo apresentado no formulário online da Plataforma: Este trabalho pretende trazer em cena a prática da capoeira como uma prática cultural que possibilita a produção de saberes através dos processos construídos com o cotidiano como um interessante fio que compõe as redes educativas dos seus sujeitos praticantes. Assim, este ensaio busca nos mostrar a potência deste cotidiano (da capoeira) como possibilidade científica e educativa atravessada pelas invenções e pela produção dos sujeitos e suas identidades, além de conhecimentos pautados na criatividade da "ginga", na imprevisibilidade do "jogo" e nas incertezas da "roda" da vida cotidiana. O universo da capoeira é composto pela história de luta e resistência de uma parte oprimida da população brasileira e por costumes, símbolos e rituais que auxiliam na construção destes sujeitos e da identidade capoeirística que se conecta a outros fios que tecem as redes educativas dos seus praticantes. Portanto, os sujeitos, as identidades e o cotidiano da capoeira nesta reflexão não são concebidos como mesmice e repetição, mas como movimentos de produção, enredamento e invenção de conhecimentos e modos de viver.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores,

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.312.847

Objetivo primário:

Investigar processos educativos e redes de conhecimentos tecidos entre praticantes de capoeira em dois espaços diferenciados: uma escola regular e uma academia de lutas.

Objetivo Secundário:

- Apresentar o cotidiano desta pratica em dois espaços sociais (projeto social, escola, academia de lutas e uma escola de capoeira) e algumas experiências dos praticantes pesquisados com a capoeira.
- Mapear alguns saberes e conhecimentos produzidos nas redes tecidas entre os praticantes/pesquisados com a capoeira, o pesquisador e outros sujeitos.
- Acompanhar e descrever processos de produção de conhecimento dos praticantes pesquisados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores apresentam no formulário online da Plataforma os seguintes Riscos:

Com relação aos riscos, eles relacionam-se à possibilidade de surgir algum constrangimento quando o entrevistado for confrontado com as perguntas da entrevista semi-estruturada. Entretanto, nesse caso, o entrevistado poderá não responder à(s) questão(ões) e/ou solicitar a

exclusão de sua participação do processo de investigação e os seguintes

Benefícios: Com relação aos benefícios dessa pesquisa, o pesquisado estará contribuindo para a compreensão de alguns processos de produção de conhecimentos, bem como dos saberes específicos e singulares construídos pelos sujeitos praticantes em relação com outras práticas e espaços educacionais que interferem de alguma forma na composição dos indivíduos. Consta que não haverá nenhuma despesa gerada pela participação na pesquisa, como também nenhum ressarcimento ao voluntário.

Avaliação: Os riscos e os benefícios estão de acordo com as recomendações sobre pesquisas com seres humanos baseados na Resolução 466/12 do CNS.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo pretende Investigar processos educativos e redes de conhecimentos tecidos entre praticantes de capoeira em dois espaços diferenciados: uma escola regular de uma academia de lutas. Para tanto, propõe-se executar uma pesquisa qualitativa que busca investigar as formas de educar, a composição de redes de processos da produção de conhecimento emergidos através do consumo e uso (CERTEAU, 1997) da arte da capoeira. Esta pesquisa com a capoeira e seus praticantes propõe acompanhar as redes e os processos cotidianos de construção dos conhecimentos em dois espaços voltados para a prática acompanhando os momentos dos

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.312.847

treinamentos duas vezes por semana. O grupo contará com doze praticantes de capoeira entre homens e mulheres, sendo seis alunos adultos e seis alunos praticantes entre oito e doze anos de idade, praticantes de uma escola de ensino fundamental e médio da cidade de Viçosa-MG. Utilizaremos dois espaços sociais; de uma academia de lutas e de uma escola particular. Como o grupo envolve crianças e adultos, pretende-se utilizar instrumentos diferentes de produção e análise dos dados. Para os seis (6) adultos, devem ser realizadas entrevistas semi – estruturadas e observações de campo. Com as crianças da escola, que possuem entre oito e doze anos, pretende-se realizar um grupo focal e as observações de campo. As entrevistas terão o enfoque nas narrativas, nas histórias e no primeiro contato com a capoeira, além de fatos e episódios marcantes que buscam trazer em cena os conhecimentos e as redes dos sujeitos que podem compor a pesquisa e afetar as experiências do pesquisador e dos pesquisados. Entretanto, outras perguntas e temas podem emergir das redes de conexões entre os praticantes nos espaços, podendo produzir uma nova experiência de transformação social e cultural. Assim, as narrativas dos sujeitos podem ser consideradas potências das expressões, das conexões e enredamentos que podem envolver diferentes espaços praticados pelos narradores. As observações e os diários de campo também podem complementar as hipóteses e trazer elementos importantes relacionados aos processos e aos saberes que emergem no cotidiano da prática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considerações sobre os documentos apresentados pelo pesquisador:

Os termos de apresentação obrigatória estão de acordo com as recomendações sobre pesquisas com seres humanos baseados na Resolução 466/12 do CNS.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

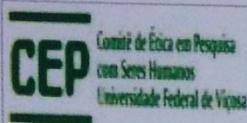
Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o parecerista entende que o projeto está de acordo com as recomendações sobre pesquisas com seres humanos baseados na Resolução 466/12 do CNS e recomenda a sua

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br





UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.312.847

aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

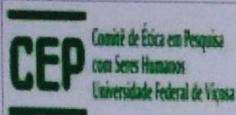
Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_934059.pdf	01/09/2017 09:02:40		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CartaResposta.pdf	01/09/2017 09:01:35	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentomodificado.pdf	01/09/2017 09:01:15	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmenoresde18.pdf	31/08/2017 14:40:08	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecido.pdf	31/08/2017 14:39:44	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	01/07/2017 07:09:52	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	14/06/2017 16:51:15	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	14/06/2017 16:49:29	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termodeaceiteWR.pdf	14/06/2017 16:45:11	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.312.847

Declaração de Instituição e Infraestrutura	termodeaceitecoeducar.pdf	14/06/2017 16:44:08	LUDIMAR PAULO PEREIRA	Aceito
--	---------------------------	------------------------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 03 de Outubro de 2017

Assinado por:

HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

ANEXO B– Autorização para a pesquisa na academia de lutas**CENTRO DE TREINAMENTO WR TEAM**

CNPJ: 16.613.169/000157

Eu, Wagner Silva Gomes diretor do Centro de Treinamento WR TEAM, autorizo o pesquisador mestrando Ludimar Paulo Pereira ,ligado ao programa de Pós graduação em Educação pela Universidade Federal de Viçosa -UFV a ter acesso às dependências da academia aos documentos e aos membros do centro de Treinamento (funcionários , professores e alunos para realizar sua pesquisa (levantamento de dados , e outras atividades previstas na metodologia). A pesquisa conjunta “ Da Escola da capoeira para o jogo da vida: saberes e processos educativos vivenciados por seus praticantes “ é orientada pela professora Rita de Cassia de Sousa ligada ao departamento de Educação .

16613169/0001-57
CENTRO DE TREINAMENTO
WR TEAM LTDA
RUA DR. MILTON BANDEIRA, 204
CENTRO CEP 36570-000
VIÇOSA-MG



CENTRO DE TREINAMENTO WR TEAM

Rua : Doutor Milton Bandeira , 204 Centro CEP: 36570-000

Telefone: (31) 3891-5800